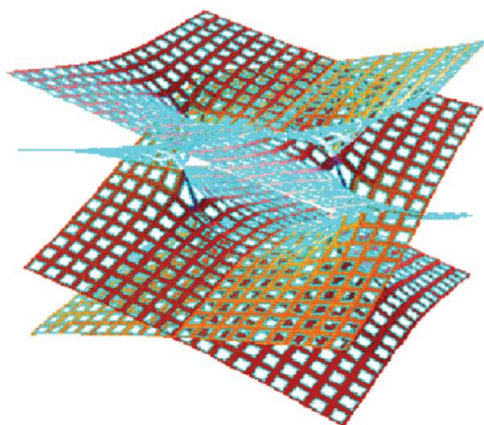


WUNSCH 24

**BOLETIM INTERNACIONAL
DA ESCOLA DE PSICOANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO**

Março 2024



WUNSCH

Número 24, março 2024

«SINGULARIDADE, PASSE E LAÇO SOCIAL»

V JORNADA INTERAMERICANA DA EPFCL
23 junho 2023, Puerto Rico

«O IMPERATIVO DO LAÇO SOCIAL»

JORNADA DE ESCOLA DA III CONVENÇÃO
EUROPEIA DA EPFCL
14 julho 2023, Madrid

BOLETIM INTERNACIONAL DA ESCOLA DE PSICOANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO INTERNATIONAL

EDITORIAL

No número 24 de Wunsch reunimos as contribuições das Jornadas de Escola da EPFCL, que aconteceram em San Juan, Porto Rico e em Madri, Espanha, durante os meses de junho e julho do ano de 2023 respectivamente.

Vocês encontrarão, por um lado, a série de textos que foram apresentados na Jornada Interamericana de Escola da EPFCL “*Singularidade, passe e laço social*” que aconteceu durante o 5º Simpósio Interamericano da IF-EPFCL. Por outro lado, a série de textos que surgem da Jornada de Escola da EPFCL “*O imperativo do laço social*” que aconteceu durante a III Convenção Europeia da IF-EPFCL.

Nosso trabalho pelo CIG 2023-2024 foi o de recopilar, coordenar o trabalho dos tradutores e ordenar o material com o que contamos para ampliar sua circulação na comunidade da IF-EPFCL. Apresentamos aqui este Boletim que pode se transformar, somente a partir de sua participação, em um instrumento efetivo de intercâmbio e debate.

O que a psicanálise tem a dizer sobre os laços sociais? Pergunta que circula na maior parte dos textos que compõem esta nova publicação, momento para honrar os vínculos de trabalho entre colegas das diversas zonas e línguas que constituem nossa Escola.

Sem mais, boa leitura!

Carolina Zaffore
CIG 2023-2024
Secretária pela América

**V JORNADA INTERAMERICANA
DA EPFCL
«SINGULARIDADE, PASSE E LAÇO SOCIAL»
*23 junho 2023, Puerto Rico***

APRESENTAÇÃO

SINGULARIDADE, PASSE E LAÇO SOCIAL

Ana Laura Prates e Alejandro Rostagnotto

A linguagem, condição do ser para todo humano, aliena, cria a alteridade, impõe de modo intrusivo um antes e um depois, instaura a *Ichspaltung*, como diria Freud, ou a clivagem subjetiva como expressa Lacan. Mas esta generalidade que nos define como seres falantes habitados pela linguagem não diz nada da singularidade enquanto irrepitível, fora-repetição, e fora re-petição de princípios (de ação e de identificação, por exemplo), sendo, portanto, da ordem do Um, do imprevisível, da incerteza. É uma dimensão sem precedentes, não se pode predizê-la na medida em que não há modelo para fazê-lo; o modelo prévio, quer o chamemos de fantasma ou sintoma, deixou de ser o princípio da realidade.

Se singularidade e incerteza se vinculam tão estreitamente, como imaginarmos uma política se a política aponta por definição ao bem comum, ao geral, como é possível a transmissão da experiência singular de uma análise na medida em que cada um, cada singular re-inventa a psicanálise. Assumir este paradoxo é essencial e é um ponto de partida problemático que deixa aberta toda conclusão ou afirmação universal. É necessária para a psicanálise uma política que aloje este não-todo

A invenção do passe traz para o âmago da formação dos psicanalistas o desafio de testemunhar justamente sobre o que de mais singular se pôde decantar de uma análise, e sua articulação com o desejo de analista. Por outro lado, o passe implica na sustentação do laço social da Escola – esse conjunto não-todo, composto de esparsos disparatados que só se contam um a um. Da privacidade do passe clínico ao passe d’Escola há efeitos que afetam e implicam a responsabilidade da comunidade analítica de Escola: AMEs, passadores e passantes, bem como os que ocupam funções dos DEL e no CIG. Esses efeitos se tornam públicos, sobretudo quando do testemunho se extrai uma transmissão que permite nomear um AE.

Nossa Jornada de Escola do Simpósio Interamericano convida a pensar a contingência de um laço social “livre da necessidade de grupo” por meio desse enlace original que chamamos de passe. Para tanto, contamos com as contribuições de Beatriz Oliveira, representante da CLGAL, nosso DEL interamericano. O trabalho de Glaucia Nagem, atual membro do CIG traz sua experiência no cartel do passe. Maria Victoria García e Stella Casanova falam a partir da função de passadoras. E, finalmente, temos os testemunhos das AEs Elynes Barros e Constanza Lobos.

1ª MESA

DESACONTECIMENTOS

Elynes Barros Lima

“A psicanálise é uma chance,
uma chance de voltar a partir.”¹

Lacan

Segundo um dicionário, chance é “Situação que, independentemente de qualquer coisa, é favorável para que algo aconteça ou se realize. Sinal de que um desejo pode se realizar ou tem condições para isso”.²

Em termos matemáticos, o conceito de chance é semelhante ao de probabilidade. “A palavra *probabilidade* deriva do latim *probare* (provar ou testar). Informalmente, provável é uma das muitas palavras utilizadas para eventos incertos ou desconhecidos, sendo também substituída por algumas palavras como “sorte”, “risco”, “azar”, “chance”, “incerteza”, “duvidoso”, dependendo do contexto em que forem inseridas”³.

Em Matemática, “O cálculo da probabilidade associa a ocorrência de um resultado a um valor que varia de 0 a 1 e, quanto mais próximo de 1 estiver o resultado, maior é a certeza da sua ocorrência. O cálculo da probabilidade é uma divisão entre a quantidade de casos favoráveis à ocorrência do evento e o total de casos possíveis.”⁴

Estou lendo o livro do Georges Bataille⁵, *A experiência interior* e me detive no prefácio, numa explicação do tradutor, Fernando Scheibe, sobre a escolha em traduzir por “chance” a palavra “*chance*” em francês, que poderia ser traduzida por sorte, boa sorte; porém ele mantém chance porque em Bataille a chance é uma noção ligada ao acaso. “A vontade de chance”, conceito de Bataille, é *uma vontade de se colocar inteiramente no jogo*, e não de ter a sorte para ganhá-lo, isto é, uma vontade de jogar o jogo sem se importar se vai ganhar ou perder.

Em sua conferência *Lugar, origem e fim do meu ensino*, Lacan observa que não seria uma má preparação que os psicanalistas praticassem um pouco de matemática, porque ali o sujeito é fluido e puro. O que está em jogo é a *noção de sujeito*, que Lacan denomina de “*função sujeito*”, argumentando que o fim, a finalidade de seu ensino seria fazer psicanalistas à altura dessa função: “psicanalistas que estejam à altura do sujeito”⁶, que saibam *jogar o jogo com o sujeito*.

O que seria esse “sujeito”, então? Lacan esclarece: é um sujeito segundo a linguagem que se depura “com grande elegância”⁷ da lógica matemática. Mas para que essa depuração aconteça, faz-se necessário o estabelecimento da transferência – jogar o jogo.

No *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* – Lacan chama de “presença do analista” a manifestação do inconsciente em forma de uma pulsação temporal motivada pela inserção do

¹ Lacan, Jacques. *Meu ensino, sua natureza e seus fins*. In: *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. P. 86

² In: *Chance - Dicio, Dicionário Online de Português* pesquisado em 01/06/2023.

³ In: *Probabilidade – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)*, pesquisado em 01/06/2023

⁴ In: *Conceito e Cálculo da Probabilidade - Toda Matéria (todamateria.com.br)*, pesquisado em 01/06/2023.

⁵ Bataille, Georges. *A experiência interior : seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma ateológica, vol. 1 – 1ª ed.; 1ª reimp. – Belo horizonte: Autêntica, 2020*

⁶ Lacan, Jacques. *Lugar, origem e fim do meu ensino*. In: *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. P.53

⁷ Idem

significante; mas não só isso, posto que ela, essa presença, presentifica também o fechamento do inconsciente, que é a falta, nos diz Lacan, “sempre no momento preciso, do bom encontro”⁸.

A transferência é a atualização da realidade do inconsciente e “a realidade do inconsciente é a realidade sexual”. O ponto nodal dessa relação entre a realidade sexual e o inconsciente é o desejo, que articulado à demanda em termos significantes “... deixa um resto indeterminado que insiste, insatisfeito, impossível, desconhecido”⁹.

No seu artigo A dinâmica da transferência, Freud se pergunta sobre o que ocasiona a transferência durante a análise e qual seria o seu papel? Freud diz que a transferência se estabelecerá “não apenas pelas ideias antecipadas conscientes, mas também por aquelas que foram retidas ou que são inconscientes”. Essas “ideias retidas inconscientes”, Freud as denominará por recalque e trauma.

Vejam que o estabelecimento da transferência, que a “presença do analista atualiza”, traz à tona, o traumático originário.

Lacan diz em *Meu ensino* que “fico completamente chocado com uma coisa: é que o psicanalista não se dê conta da posição decisiva que ele tem ao articular, *nachträglich* como se exprime Freud, um a posteriori (*après-coup*) que funda a verdade que o precedeu. Ele não sabe verdadeiramente o que está fazendo ao fazer isso.”¹⁰

Lacan resgata o *nachträglich* freudiano para mostrar não só a temporalidade do inconsciente atualizada pela presença do analista, como também a responsabilidade dos analistas diante dela. Em função e Campo da fala e da linguagem, ele enfatiza os efeitos dessa presença, inclusive para discernir do que se trata na experiência psicanalítica: “não se trata na anamnese psicanalítica, de realidade, mas da verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como a constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes.”

É o psicanalista, com sua presença que traz à tona, pelo efeito *nachträglich*, toda a dialética inconsciente “aquela que funda a verdade que o precedeu”, de acordo com o que Freud descreveu no caso do Homem dos Lobos.

O que impressiona Lacan é a precisão com que Freud localiza temporalmente a cena traumática no caso do Homem dos Lobos, reconstruída a partir da data de seu nascimento – no dia de Natal – e de sua primeira irrupção de angústia entre 3 anos e 3 meses e 4 anos. O que se passa nesse período, a construção da neurose infantil, é a mesma coisa que uma psicanálise, nos diz Lacan, “na medida que realiza a reintegração do passado e coloca em função o jogo dos símbolos, a própria *Prägung* que ali só é atingida no limite por um jogo retroativo, *nachträglich*.”¹¹

Lacan diz que “Freud exige uma objetivação total da prova quando se trata de datar a cena primária”, porém, ele supõe sem a cena primária, todas as resubjetivações do acontecimento, que sejam necessárias para explicar seus efeitos a cada volta em que o sujeito se reestrutura, isto é, tantas reestruturações do acontecimento quantas se operem *nachträglich*, a posteriori.”

Lacan diz que o “acontecimento Freud” foi ele ter feito a descoberta da função do inconsciente e não só isso, mas também a suspensão da rotação celeste, descentrando radicalmente o eixo de onde as coisas giram.

Podemos dizer que é um “acontecimento” que inaugura uma psicanálise, imprimindo um tempo altamente subjetivo na história do sujeito. “O acontecimento permanece latente no sujeito”, nos diz Lacan, “ele anula os tempos para compreender em prol dos momentos de concluir, que precipitam a

⁸ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. P. 138 e 139, aula de 22 de abril de 1964.

⁹ Idem, p. 143 e 146, aula de 29 de abril de 1964

¹⁰ Lacan, Jacques. *Lugar, origem e fim do meu ensino*. In: *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. P. 56

¹¹ Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 1, os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Primeira edição. P. 221, aula de 19 de maio de 1954.

meditação do sujeito rumo ao sentido a ser decidido do acontecimento original”. Lacan ressalta que tempo para compreender e momento de concluir são funções lógicas.

Meu acontecimento se deu em dois tempos, porém considerando um primeiro tempo originário inacessível, chamarei de segundo tempo, o que se passou em torno dos 5 anos, e de terceiro tempo um acontecimento aos 7 anos, que ressignificou o que se passou aos 5 anos, onde eclodiu angústia, inibição e sintoma - nessa ordem para mim. Pelo menos é assim que eu articulo o que se passou.

Considero o segundo tempo como marca desse acontecimento porque foi pela angústia vivida no terceiro tempo, que experimentei a separação do Outro que já tinha se apresentado no segundo tempo. Porém eu só vim nomear assim, por angústia, essa sensação de quase morte, muitos anos depois, na análise. O que aconteceu comigo nesse segundo tempo eu dei alguns nomes: abuso, pecado, em consequência do que aconteceu no terceiro tempo com a minha irmã.

Já adulta, fui procurar ajuda; a princípio por uma falha no outro, e agora, só depois, por um “abalo na irmã”, pois à falha, revelada pelo traumático encontro sexual infantil, eu respondi com “irmã Elynes”; foi como eu tentei me fazer representar e dar conta da minha divisão subjetiva.

A ‘irmã Elynes’ suportava essa falha aberta pelo trauma, de diversas formas. Eu era a “mana” (“sis”/ “mana”), nome dado pelo Outro para acolher a irmã, dois anos mais nova. A irmã, portanto, inaugurava esse laço familiar e ao mesmo tempo me dava um lugar. Também guardava um sentido religioso, visto que nasci numa família protestante.

Digo que “procurei ajuda” porque não sabia que a pessoa a quem enderecei esse pedido era analista. Marquei então um horário com aquela que seria minha primeira analista – houve três -, porém antes de ir para consulta, soube que ela falaria numa mesa redonda e fui ouvi-la para ter um mínimo de referência. De verdade, não lembro de nada do que foi falado naquela tarde; nem lembro o tema da palestra, mas no meio de sua apresentação ela comete um lapso: “Freud falava sobre... sexo; não desculpem, eu ía dizer... Mas sim, Freud falava sobre sexo”.

Nesse primeiro tempo de análise, o traumático sexual é atualizado na transferência e pelo efeito *nachträglich*, o passado se fez presente por esse lapso da analista, trazendo à tona a falha; e a falha era sobre isso: o sexual.

Um sonho que marcou a minha entrada em análise, trouxe as coordenadas do que estava em jogo:

Sonho que uma menina caminha sozinha pela rua. Ela se dá conta que um homem e uma mulher - parece que são os pais dela -, estão atrás dela com uns paus para bater nela. A menina entra numa casa para se esconder, mas de repente começa a entrar em trabalho de parto. Nasce um bicho, uma espécie de gambá.

Esse sonho marca também minha mudança de Petrolina (cidade situada no interior de Pernambuco) para Fortaleza e o início de meu segundo período de análise com outra analista: uma colega que a indicou disse: “Ela é freudiana”, o sexual portanto, continuava na pauta.

Foi só num terceiro período de análise, com outra analista, uma analista “descolada”, ou como ela mesma interpretou minha demanda: “D’Escola” que foi possível, para mim, localizar a questão. Isso se deu por essa *presença de analista* como “um dizer que não” se excetuando da resposta esperada: onde eu demandava “ser descolada”, uma “garota descolada” (cool), ela respondia: d’Escola.

Essa forma de responder provocou, ao longo dos anos, a construção de uma trilha sonora constituída a partir do *avesso assonante* de “descolada”, decantadas das voltas e voltas em torno dos ditos: destroços, descaminho dissidente, descrente, descompleta.

Me perguntava atordoada– ‘Aturdito’-, o que essa trilha significante queria dizer? O que insistia? Que orientação? Ao mesmo tempo que me fazia essas perguntas, uma certa história que eu acreditava ser A verdadeira começava vacilar: A versão verdadeira contada pelo Outro...

Sonho que a Rede Globo está transmitindo uma denúncia: uma cena de abuso na rua sendo transmitida durante a reportagem. No canto esquerdo da tela, um mendigo vestido de trapos se inclinava para trás de uma coluna onde havia alguém; então me pergunto: gente, será que dá para dizer que isso é um abuso?

Pela operação significante – avesso assonante – o inaudito pode ser escutado. Lacan, no Seminário XVII – o avesso da psicanálise, diz que vai “demonstrar o que é um avesso. Avesso é assonante com verdade”.

Numa pesquisa rápida na internet¹², me deparo com essa definição de assonância: “Assonância (substantivo feminino) vem do latim *adsonare* (“responder a um som com outro som”) é uma figura de linguagem que consiste na repetição do mesmo som vocálico (fonema) em várias palavras próximas”.

Ocorre então uma passagem da A versão, aversão às versões, da busca pela verdade à verdade como saber, e se coloca uma questão: Eu posso saber? ”*A palavra sem pé nem cabeça, e nem cauda” o ‘pas-de-sens’ faz com que “A verdade levanta vôo no momento em que vocês não se queira” m mais capturá-la*”¹³.

Acredito que essa passagem da versão verdadeira contada pelo outro para as versões marca o primeiro “desacontecimento” (o avesso do acontecimento). E é muito curioso constatar o que Lacan diz no *Seminário 17, o avesso da psicanálise*, que “a característica de nossa ciência (a psicanálise) não é ter introduzido um melhor e mais amplo conhecimento no mundo, mas sim, ter feito surgir no mundo coisas que de forma alguma existiam no plano de nossa percepção”¹⁴.

Porém havia ainda um núcleo tamponando o furo do saber. Em *Le-non-dupes*, Lacan nos diz “todos sabemos por que inventamos um truque para preencher o furo (*trou*) no Real. Lá onde não há relação sexual, isso produz “troumatismo” (*troumatisme*). A gente inventa. Inventar-se o que pode”¹⁵.

Como eu disse anteriormente para vocês, eu inventei a minha resposta para esse furo, para essa falha: “irmã Elynes”.

Um dia, na sessão, falando sobre esse primeiro desacontecimento, a analista interrompe a sessão e me diz na porta: “irmã Elynes”. Fui tomada por um mal-estar; o corte da interpretação provocou uma reviravolta, localizando nesse significante “irmã” o gozo em jogo: “a verdade é irmã do gozo”. Essa “irmã Elynes” falado com sotaque francês sou deslocado, fora! Porém, como era em si muito familiar, parecia dentro! Talvez pudesse dizer, topologicamente, que essa interpretação recortou o toro neurótico revelando seu interior, mostrando o que eu tentava esconder. É certo que não estava escondido, estava na superfície da língua deslizando e se deslocando no discurso.

Faço o seguinte sonho:

Entro pelo portão da frente de uma casa e percorro a lateral. Na parede da casa que dá para um quarto tem um buraco, como se tivesse sido atingida por uma bomba. Olho através do buraco e vejo três crianças deitadas cada uma numa cama com seus corpos em carne viva. Podia ver seus corações batendo e suas tripas se mexendo. Apavorada, me pergunto, quem fez isso?! Olho para o portão dos fundos da casa e vejo o Lobo mau; deduzo que foi ele. Corro em direção ao carro para fugir, mas quando passo bem próximo do portão vejo que por trás do Lobo mau está a Vovozinha; penso que eles estão juntos nisso. Entro no carro e vejo meu marido despreocupadamente sentado na varanda da casa; faço sinal para que ele fuja; tento explicar que o Lobo mau e a vovozinha estão aí, mas ele ri e faz pouco caso do que eu tento dizer-lhe.

“Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”¹⁶ foi isso que a operação do dizer sobre o dito produziu.

A revelação do que estava no buraco: o horror, as três crianças em carne viva! Mas também o horror da revelação do gozo, pois “as três crianças” eram os três irmãos. O vivo do significante veio à tona, “a

¹² Site: <https://www.portugues.com.br> - pesquisado em 23 de março de 2023.

¹³ Lacan, Jacques, *O Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1992, aula de 21 de janeiro de 1970

¹⁴ Lacan, Jacques, *O Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1992, p. 150, aula de 20 de maio de 1970.

¹⁵ Lacan, Jacques. *Le-non-dupes*. Aula de 19/02/1974.

¹⁶ Lacan, Jacques. *O Aturdido*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003, p. 448.

irmã” e com ela, toda a construção feita para mantê-la. O medo do mal, aparecia na figura de bichos e bestas-feras apavorantes, em sonhos, ou mesmo no cotidiano, e no sonho, teve sua expressão singular no Lobo mal – quem, quando criança, nunca teve medo do Lobo mal? Uma prova de que a neurose é sempre infantil...

O Lobo mal, no sonho, também fazia par, vinha acompanhado da vovozinha; a vovó, que só queria saber da irmã mais nova, “a santa”, segundo ela. E era pelo fato de ouvi-la nomear minha irmã de “santa”, eu supus que a mim era reservado o contrário. Como na música de Chico Buarque, Cálice que por homofonia podemos escutar, “Cale-se”): “De que me vale ser filho da santa? Melhor seria ser filho da outra...”

A saída para o que o acontecimento produziu não se deu pela afirmação do contrário. **O contrário**, que também poderia se deduzir do trilhamento significante: destroços – troço; descaminho – caminho; desentoada – entoada; dissidente – condescendente; descrente – crente; descompleta – completa. Talvez essa saída pelo contrário fosse uma resposta ética, mas seria uma resposta “po-ética”? Por uma posição poética, entendo que é aquela que toca o mais particular de cada sujeito, que só pode ser verificada no um a um, que leva em consideração a ética da psicanálise formulada por Lacan no Seminário XX, *Encore*, na qual ele diz que “o significante é a causa do gozo”

E foi por ter escutado o inaudito que se abriu essa possibilidade de saída para o que aconteceu. Na abertura da sessão clínica, Lacan diz que “A linguagem, seja ela qual for, é uma goma de mascar. O inaudito é que guarda seus truques. Se tornam indefiníveis pelo fato que chamamos a isso de linguagem, e é por isso que eu me permito dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

O que *desaconteceu*?

Desaconteceu as ficções formuladas como resposta para dar conta do traumático e junto com elas a consistência do Outro. *Desaconteceu* a busca pela “A verdade”, restando o saber que pode ser subtraído da verdade.

O *desacontecimento* foi acompanhado de um período de luto; luto da posição e do lugar que eu tinha me feito representar na organização familiar: desterro.

Lembro, nesse período, entre uma sessão e outra, que sentindo uma vontade enorme de chorar, ter entrado num cemitério próximo ao consultório da analista (cemitério muito bonito, por sinal!) e ter chorado muitíssimo num túmulo de uma família qualquer...

No final, após o *desacontecimento*, o que restou foi isso: uma família qualquer. E, a gratidão de ter tido a chance de topar com uma analista que jogou o jogo, para que novas partidas aconteçam e *desaconteçam*.

UM SIGNIFICANTE NOVO QUE ABRE AO REAL

Constanza Lobos

Esperando que um mundo seja desenterrado pela linguagem, alguém canta o lugar em que se forma o silêncio. Logo comprovará que não porque se mostre furioso existe o mar, nem tampouco o mundo. Por isso, cada palavra diz o que diz e também mais e outra coisa.
Alejandra Pizarnik 1971¹

Escolho começar com esse poema que me permite evocar a palavra e seus efeitos e enlaçá-lo à interrogação fundamental que Lacan não deixou de fazer sobre a maneira como funciona a psicanálise, como opera essa prática através da palavra.

¹ Alejandra Pizarnik. Escritora argentina (1936-1972). Poema “*La palabra que sana*” (“A palavra que cura”).

A orientação de nossa prática aponta para o real, para o fato de que algo não pode se escrever. Lacan, em *L'insu*², propõe um terceiro estado da palavra alcançado por aquilo que qualifica o “tour de force” do poeta; (...) “*Trata-se da palavra que é capaz de produzir um efeito de furo... sem introduzir sentido*”. Nesse mesmo seminário, Lacan, ao finalizar, nos fala de um “*significante novo*”, esclarecendo que dizer um “*significante novo*” não equivale a um neologismo, nem a inventar um significante. É servir-se de “uma palavra para outro uso”. “*Um significante novo – aquele que não teria nenhuma espécie de sentido – talvez isso seria o que nos abriria ao que, com meus passos desajeitados, eu chamo de real*” ... “*Um significante, por exemplo, que não tivesse, como o real, nenhuma espécie de sentido; sabe-se lá, isso poderia talvez ser fecundo*”⁴.

Decido escrever sobre a “*fecundidade*” obtida, a palavra e seu efeito de furo, de esvaziamento de sentido e, a partir daí, uma saída e a possibilidade de uma escolha, um desejo de ocupar o lugar de semblante do objeto *a* causa de desejo. Não se trata de um automatismo do final... o final nada programa sobre o advento do desejo do analista.

Gostaria de testemunhar sobre um acontecimento do real e suas consequências. Já tinha um tempo em análise quando aconteceu a emergência de uma contingência. Um fato inesperado leva meu filho, ao nascer, a um estado de saúde muito delicado, sobre o qual a ciência médica ficou sem resposta. Contudo, não me habita nenhum sentimento dramático, e sim uma posição de trabalho. Sem aparentes recursos, apelei ao único de que dispunha: as palavras. Escolho estar ao seu lado, em solidão, trabalhando com a palavra. Um fazer com palavras, com silêncios, ajustado ao momento. Monto com palavras uma ficção, um tecido que tem efeito de vida. Um enlace singular de palavras, corpo e real até então nunca atravessado.

Encontro com uma posição inédita: posição de segurança, esvaziada de suposições, de referências ao Outro. Aí, uma posição sem reclamação, sem questionamento, sem cálculo. Uma posição diferente da que tinha anteriormente, na qual as contingências da vida me deixavam paralisada e falar me gerava medo. O silêncio era entendido como uma possibilidade de vida. Isso estava relacionado à experiência atravessada por meus pais nos tempos de terrorismo de Estado na Argentina. Experiência silenciada por mais de 40 anos. O encontro com o espaço analítico foi o encontro com um lugar único, lugar no qual podia falar sem medo.

Nessa contingência, algo encontrado. Sentimento de se reduzir ao corpo⁵. Foi preciso um longo tempo em análise para desanuviar, desprender e obter um resto valioso dessa experiência.

Aquilo atravessado provocou uma ruptura. É um ponto a partir do qual não pude continuar na direção em que estava. Escolho um novo caminho. *Quero me dedicar ao consultório*. É a forma como consigo expressar, nesse momento, esse outro caminho que queria construir. Queria me dedicar à prática psicanalítica, à clínica, projeto que nunca tinha estado presente.

Tomei várias decisões: encontrar um lugar onde pudesse trabalhar a partir da ética da psicanálise e renunciar a alguns trabalhos no âmbito educativo. Tomei também uma decisão acerca de minha formação. Estava como participante (“assistente”) no Colégio Clínico da *Fundación Foro Psicoanálisis NOA* e, ao mesmo tempo, transitava por outras instituições psicanalíticas, deslizando por elas guiada pela temática dos cursos ou seminários que propunham, com uma posição exterior, sem me comprometer.

² Ariel Dilon y otros. *El fracaso del Un deslíz es el amor. A la manera del seminario oral de Jacques Lacan 1976-1977*. Ortega y Ortiz editores. D.R México, 2008. Aula de 19 de abril de 1977.

³ Rithée Cevasco com a colaboração de Jorge Chapuis. *Paso a paso... (3) hacia una clínica borromena*. Centro de Investigación Psicoanálisis & Sociedad. Documento interno. Barcelona, julio 2020. Página 121.

⁴ Ariel Dilon y otros. *El fracaso del Un deslíz es el amor. A la manera del seminario oral de Jacques Lacan 1976-1977*. Ortega y Ortiz editores. D.R México, 2008. Aula de 17 de maio de 1977.

⁵ Colette Soler. *¿Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista? Conferencias y Seminarios en Argentina*. 2ª Edición. Buenos Aires. Letra Viva, 2009. Página 78

Logo depois desse acontecimento, decido escolher o Fórum como espaço de formação, uma instituição que subvertia a ideia de formação que eu tinha e que, desde o início, convidou a interrogar-me e a uma posição de trabalho. Depois, outros passos em relação ao Fórum e à Escola.

Em determinado momento, um encontro com o real vivente se enlaça a dois acontecimentos inesperados e tem efeitos no meu corpo, emergindo um novo sintoma. Eu havia comprovado que a psicanálise, o trabalho via palavra, tinha efeitos sobre o sintoma. Por isso, decido me dedicar a esse trabalho tanto na análise pessoal quanto no laço com a Escola. Decido solicitar minha entrada na Escola. Esses passos vão possibilitando uma conduta firme que tem seus efeitos vivificantes no corpo.

O trabalho em análise possibilitava não ceder a isso encontrado. Se houve uma passagem da indeterminação para a determinação, levou tempo para aceitar essa determinação, renunciar às ilusões de outra coisa. Mesmo com essas decisões, que tinham uma direção e um caminho, o pesado da vida continuava aparecendo, principalmente em relação a uma posição no âmbito familiar. Era necessário chegar ao final da análise, à destituição programada no discurso analítico⁶.

Em uma sessão, relato um sonho: *“estou em Tafi del Valle e me reúno com outras pessoas para trabalhar. Falam diferentes línguas, que não conheço”*. Fim do sonho. A primeira associação desse sonho me leva a relacioná-lo com nossa comunidade analítica, com a dimensão internacional de nossa Escola e a presença de diferentes línguas. É o lugar, porém, o que aparece como um enigma: por que trabalhando ali? *Tafi del Valle* (do Vale, em português) é uma cidade de meu estado.

A analista realiza duas intervenções que têm seus efeitos. Na primeira, assinala o laço do lugar com meu nome: María Constanza del Valle. Surpreendo-me porque era algo que parecia tão visível, mas eu não tinha percebido. Esse “del Valle” estava tão apartado, me era tão estranho que não o registrava como próprio e também não o percebia como um nome. Por isso, poucas pessoas o conheciam. Meus pais me deram esse nome, “del Valle”, porque meu nascimento estava previsto até a metade de dezembro, mas, chegada essa época, como eu não nascia, fizeram uma promessa à Virgem “del Valle”: se eu nascesse com vida, levaria seu nome.

Começo a fazer girar, uma vez mais, o disco repetido em relação ao mal-estar desse nome que estava condensado em uma lembrança de sua escrita. É na escola onde me encontro com esse nome frente à tarefa pedida pela professora: escrever em uma linha o nome completo. Aí, descubro esse “del Valle” e a impossibilidade de conseguir escrevê-lo de acordo com as regras estabelecidas. Não cabia na linha. Algo ficava de fora, uma parte não podia ser alojada. Sintoma, marca de um mal-estar por não entrar naquilo estabelecido, naquilo esperado, por estar a destempo, o que me fazia buscar isso que me faltava para encaixar. Isso vinha acompanhado da construção de não ter um lugar.

A analista intervém e diz: “valle” (vale, em português). Surpresa! Me desconcerta. Pensei: mandou mal! Essa interpretação da analista me parece um equívoco.

“Del Valle” aludia ao catolicismo, ao nome da virgem, uma palavra plena, plena de sentido. A analista tira o “del”. Em sua interpretação, diz somente “valle”, trazendo outras ressonâncias. Força a palavra e dá um golpe ao sentido, esvaziando-o. Palavra que produz uma operação de furo, fora de sentido. Passagem de “del Valle a valle”, movimento do particular do sintoma ao singular do gozo. Inicia-se outro trabalho. Fim do disco repetido que alimentava o fantasma e o sintoma.

Esse equívoco fica ressoando, como demonstram os sonhos que se desencadeiam, que têm um valor determinante, e vão capturando as passagens do trabalho analítico. Um sonho mostra a queda do fantasma e das ficções enlaçadas. Depois, uma série de sonhos na qual voltam a aparecer como enigmático o lugar e a posição na borda – litoral de uma cavidade – furo.

⁶ Colette Soler. *¿Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista?* Conferencias y Seminarios en Argentina. 2ª ed. Buenos Aires. Letra Viva, 2009. Página 78.

“Não há senão uma psicanálise (...) o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo. O cerco deve ser percorrido várias vezes”.⁷ Uma das voltas, percorro através dos sonhos que, por meio de um dizer silencioso da analista, ressoa novamente “*valle*”. Riso! É como um chiste que diz algo fora de sentido, que sustenta em um equívoco⁸. Alívio. Fim do deslizamento permanente. Detenção que opera como limite ao gozo do trabalho de deciframento. Interpretação que satisfaz, fazendo possível um limite. Expressá-lo como “*um significante novo*”, me remete ao chiste. Esperava encontrar um S₂. Encontro um furo, nenhum significante que assegure meu ser. Não há última palavra, negatividade da estrutura. Consinto com isso.

Depois de um corte, em função do período de férias, vou à análise e me surpreendo: já não havia nada a falar. Digo isso à analista e acrescento que queria escrever. Ela acompanha essa decisão. Dou mais uma volta, através da escrita.

Nesses meses, dois escritos, que envio por e-mail à analista. Peço uma sessão para falar sobre uma identificação à qual estive sustentada e uma posição que me levava a arder. Concluo aí. Fim dos romances com a verdade.

A expressão “*quero escrever*” se reduz a “*quero*”. Transformação do gozo. Uma experiência, atravessada durante esse tempo, na qual o corpo esteve presente não com um sintoma de impotência como no início, e sim desde o registro do impossível, desde uma experiência que era da ordem do indizível. Tratamento não pela via da palavra. Redução do gozo fálico e abertura a outra posição.

Terminada a análise, tem início outro tempo. Tempo em que o trabalho de Escola se faz necessário e tem seus efeitos. Um sonho traz paz, mostra a margem de liberdade e uma escolha. No sonho, *o amor intervém em sua função revelada como essencial, a da tapeação*⁹. Atravessamento de uma porta. Um circuito ascendente e descendente, queda do corpo e uma satisfação que não vem da palavra. A saída do sentido funda a possibilidade de liberdade. Um saber com o qual se opera na análise. Comprovação de um inconsciente irreduzível. “*Resta então o objeto indizível, que nenhum significante representa, que faz furo na linguagem*”¹⁰. Somente um furo, nenhuma verdade que complete. A partir dessa hiância, um desejo, desejo de operar como causa

Em seguida, outro sonho: de minha orelha, sai uma voz, a minha, que diz “*rá*”. Isso me acorda. Pergunto se foi um sonho. Tento localizar o “*rá*”. É “*rá*” de risada? “*Rá*” de oi, assim como um cumprimento pode ressoar em outra língua? Não consigo localizá-lo.

O passe, a decisão de realizar o pedido, levou um tempo. Assim como no final, foi preciso não me apressar e pensar sobre por que testemunhar. Uma resposta: pela psicanálise! Considerando também que colocar em funcionamento o dispositivo do passe não somente causa e entusiasma o passante, mas também o secretariado do passe, os passadores e o cartel do passe. Tem efeitos mais além da experiência de cada um dos envolvidos no dispositivo. Tem efeitos na comunidade.

Registrar o impossível de saber fazia com que o passe se esvaziasse de todo o peso. Aparecia como um modo de sustentar e dar lugar àquilo encontrado, fundamentalmente como um modo de renovar o laço com a Escola, uma aposta no discurso analítico. Uma aposta que não se concluiu no passe, e sim uma aposta que se renova permanentemente e relança o trabalho de Escola.

Referências bibliográficas

- Lacan J. (1962-1963) *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- Lacan, J. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

⁷ Lacan, J. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 258.

⁸ Ariel Dilon y otros. El fracaso del Un-desliz es el amor. A la manera del seminario oral de Jacques Lacan. 1976-1977. D.R. México 2008, Ortega y Ortíz editores, S.A. de C.V. Sesión del 19 de abril de 1977

⁹ Lacan, J. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 239.

¹⁰ Soler, C. (2021) *Retorno a la función de la palabra. Curso Colegio Clínico de París 2018-2019. 1ª edición adaptada*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colegio Clínico del Río de la Plata; Ediciones de Foros Hispanohablantes, p. 72.

- Colette Soler. Retorno a la “función de la palabra”. Colegio Clínico de París. Curso 2018-2019. Ediciones de Foros Hispanohablantes. Buenos Aires, 2021.
- Colette Soler. ¿Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista? Conferencias y Seminarios en Argentina. 2ª ed. Buenos Aires. Letra Viva, 2009.
- Rithée Cevasco com a colaboração de Jorge Chapuis. Paso a paso...(3) hacia una clínica borromena. Centro de investigación Psicoanálisis & Sociedad. Documento interno. Barcelona, julho de 2020.
- Ariel Dilon y otros. El fracaso del Un deslíz es el amor. A la manera del seminario oral de Jacques Lacan 1976-1977. Ortega y Ortiz editores. D.R México, 2008.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

2ª MESA

O PASSADOR: OS AFETOS NA EXPERIÊNCIA

Stella Casanova

No marco da V Jornada Interamericana de Escola, “*Singularidade, passe e laço social*”, celebrada em Porto Rico, eu recebi um convite de Ricardo Rojas, como membro do CIG pela AALN, para apresentar o trabalho onde falei sobre minha experiência como passadora, vinculando-a ao tema da Jornada. Foi uma convocatória que acolhi com muita alegria, pois seria a primeira oportunidade que teria para compartilhar, em nossa comunidade, o que pude extrair dessa experiência; desde aquele momento, comecei a pensar em um título que orientaria minhas elaborações. Alguns dias depois, um significante se impôs, *afeto*, todavia não conseguia naquele momento articular nenhuma ideia, até que pude captar que a intranquilidade e a sensação de angústia era o que me impedia, ou seja, os mesmos afetos que se faziam presentes em certos momentos da travessia como passadora.

Foi assim que surgiu o título que me permitiu decantar e localizar algo do que havia acontecido um ano antes, quando ocupei aquela função. Entretanto, por ser esta uma experiência que está sempre se renovando, me pareceu importante agregar algo novo ao trabalho que compartilhei em Porto Rico, algo que emergiu como efeito da apresentação de meu trabalho na Jornada de Escola. De modo que agora posso pontuar minha experiência como apresento a seguir.

Era cedo de manhã quando tocou meu celular, eu estava dirigindo para o meu trabalho quando o celular tocou várias vezes, se tornou tão insistente que interpretei como uma urgência, então decidi atender. Do outro lado uma voz que pergunta: *É a Stella Casanova?* Respondo que sim, imediatamente quem estava do outro lado da linha me diz seu nome e que fui sorteada como sua passadora; naquele instante eu fiquei muda, perplexa, e graças ao fato de que a chamada foi interrompida e que o carro que vinha atrás de mim buzinou, pude fazer as manobras necessárias para não bater o carro. Me deu branco, tive que dirigir para o lado da rua, não sabia se estava indo ou vindo de meu trabalho, o celular voltou a tocar e era novamente a passante, a quem respondi, e com palavras entrecortadas consegui lhe dizer que estava dirigindo, que mais tarde a chamaria. Cheguei como pude ao lugar ao qual me dirigia, mas continuava perdida, me sentei em frente ao computador, necessitava alguma palavra que me tirasse da suspensão em que me encontrava. Me recordo ter escrito no google *o passador*, e ver surgir um artigo que, ao lê-lo, me ajudou a sair do estado em que me encontrava, esse estado que não era produto de desconhecimento sobre as funções do passador no dispositivo do Passe, já que havia algum tempo que vinha lendo a respeito na *Revista*

WUNSCH e nos textos *O que passa no Passe* N° 1 e 2; este estado era antes produto do inesperado que provinha de ter sido escolhida por sorteio pela passante, essa contingência que fez com que eu tomasse a posição como sua passadora.

O texto era de Colette Soler, intitulado *O passador*, publicado em janeiro de 2020. Ali, a partir do termo turbulência, Soler ilustra o que descreve como o “*tempo em que se desenvolvem os afetos da conclusão posta em suspensão, a saber: o tormento, o luto, ou o gozo inquieto da fase final que ainda não finalizou*”¹, e também diz, em seu escrito, que nesse momento de turbulência que atravessa o passador, dever-se-ia lhe dizer: “*Aperte o cinto*”; já que é ele, passador, quem é sacudido nesse tempo particular em que se encontra, na borda, em suspensão do que virá a ser a própria solução de sua análise.

Naquele momento, enquanto eu lia as palavras de Soler, sentia que voltava de uma viagem, que aterrizava, pois que se produziu um certo apaziguamento do que havia experimentado, aquele apagamento; aquele estranho efeito do encontro com um real havia se dissipado, para considerar o que estava por vir, dar o passo para prestar-me a escutar e esperar que aparecesse algo de sua singularidade no que entregaria o passante, do que conseguiu extrair dos ditos em análise, para *hystorizar* seu percurso e dar conta daquilo que se poderia haver transformado, e se acaso produziu-se ali o desejo pela Escola.

Chegou o dia agendado com a passante para nosso primeiro encontro, eu estava aterrorizada e muito angustiada perante a responsabilidade de estar diante de quem se dispunha a compartilhar o que foi seu percurso, e, estando ali, a inquietude e a angústia se instalaram; estes afetos eram animados pelas incessantes perguntas que me surgiam: O que transmitir? O que escolher para transmitir? O que escutar? Em meio a meus pensamentos, a passante começou a falar, se apresentou e me perguntou como eu havia recebido sua chamada telefônica na qual me anunciava que eu seria sua passadora. Lhe descrevi com um tom de seriedade o que me havia sucedido: como sua chamada havia me deslocado. Ao terminar de dar-lhe os detalhes, se produziu um silêncio, e de repente começamos a rir, brotou uma alegria como se ambas soubéssemos de onde provinha minha perda de localização (meu *extravio*). Isto fez com que, por um instante, cessaram o temor e a angústia que eu sentia, porém a passante retomou a palavra e eu retomei minhas interrogações, e, com elas, a sensação de incômodo e de soçobra.

A passante, ao prosseguir com seu relato, começou a falar sobre o que a havia levado a demandar análise, e, num certo momento, apareceu um ponto associado ao significante *sofrimento* que me causou tal surpresa, que os pensamentos, o temor e a angústia se detiveram; a partir de então comecei a ouvir algo que provinha de mais além de suas palavras. Nos sucessivos encontros comecei a experimentar algo como um efeito de alegria, como se ouvir aquele percurso fosse me revelar algo da eficácia do dispositivo analítico e suas conseqüências, as quais haviam afetado a passante, e isto me chegava através de seu humor, um humor dissociado de seu dizer para *hystorizar-se*, pois este humor fazia com que, apesar do dramático que estivesse relatando, suas palavras apareciam com graça, até em forma de chiste, como se ela tivesse tomado certa distância do vivido, com o que foi e como se oferecia para o Outro, passando de não poder viver sem sofrer, a viver com um pouco mais de alegria, sem emudecer perante o Outro, como efeito de ter podido cernir em sua análise algo do saber fantasmático que dirigia sua vida, para colocar um certo limite ao gozo mortífero que se lhe impunha e que lhe impedia de dizer não ao Outro.

Esta alegria também prosseguia de ouvir como em seu trabalho de análise começa a ler, não apenas em seus sonhos, mas também no corpo, aquilo que foi inscrito como a marca do desamparo, a qual fazia signo sob a forma de um frio que se aloja no corpo, um corpo que não se via nem se tocava, um corpo entre o monte de irmãos, e que, em um momento de sua análise, gira a um corpo que se vê, que se atende, que pode adornar-se com as insígnias do feminino e desfrutar-se dele.

Outros efeitos que recolhi de seu trabalho foi seu encontro com a miragem da verdade, de que não há mais sentidos a buscar, o que lhe veio como uma perda pelo interesse do deciframento, pois algo havia

¹ Soler, C. (2020) *O passador*. Originalmente publicado com o título *Le passeur*, em “Lacan, psychanalyste. Tèmoignages”, Champ Lacanien. Revue de psychanalyse, N° 11 (1), EPFCL-France, mai 2012, pp. 139-142. Traduzido por Javier Jiménez León

perdido consistência para ela, aparecendo a dimensão do furo, da incompletude que sua travessia lhe havia deixado, o que a leva a esse tempo do fim, a concluir que se pode viver com o incurável, que se pode sair deste laço especial que é o vínculo transferencial, para criar um novo, o laço com a Escola, sendo Um mas não sem os outros, deixando de ser invisível e de estar em silêncio, para produzir, a partir da própria experiência analítica, um saber que contribui para elucidar o que se pode alcançar e o que sempre escapa, trabalhar para manter vivo o desejo de saber, porém não sobre a própria neurose, senão sobre os problemas que concernem à psicanálise e à Escola.

Hoje, depois de ter experimentado a missão como passadora e de ter apresentado meu trabalho na Jornada de Escola, posso entrever que esse instante de perda de localização (*extravio*), de apagamento, como efeito da chamada da passante, estava ligado às minhas próprias perguntas sobre o final de análise e sua relação com a Escola, perguntas que me concerniam há algum tempo, mas que eu não tinha podido atravessá-las, e que percebi que tinham me escapado em minhas buscas de respostas em textos e no dizer de outros. Então esse chamado a ocupar a função de passador, quero apontar justamente aí, o vazio, a essa página em branco que está por ser escrita por cada um, sobre o que será seu próprio final de análise e sobre o desejo pela Escola, como ocorre no lugar como passador, onde não há um guia, não há pautas nem um saber preestabelecido que diga como exercer essa função.

Este efeito de sacudida que menciona Soler em seu texto, onde o tormento e a angústia se fazem presentes, guarda relação com esse instante de apagamento, onde não há significantes nem sentidos vindos do Outro que possam dar conta da própria travessia até o fim, nem pelo desejo que anima a fazer parte do conjunto dos díspares-disparatados para fazer Escola, nem tampouco o desejo de assumir o lugar como passador, e onde o que resta é descobrir como colocar-se ali e oferecer-se para escutar, aguardando que a surpresa se imponha para então deixar passar algo na transmissão ao Cartel do Passe.

Dando esta outra volta pela experiência como passadora, eu consegui registrar que algo deste afeto vivido tocou o vazio com o que se enfrenta o passador, ao não ter uma ideia muito clara do que extrair para a transmissão, lá onde justamente se encontra a possibilidade de deixar que algo do que passou, passe.

Ter tido a oportunidade de ocupar a posição de passadora no dispositivo do passe, nessa genialidade introduzida por Lacan, me trouxe diversos saldos: experimentar de perto a falta de garantia no Outro, que no ato analítico, quando orientado pelo campo do gozo, implica transformações que permitem fazer algo novo com o que se tem, o que me anima a chegar à minha própria solução de análise, para transmiti-la como experiência inédita e singular, que é o que faz Escola, uma comunidade de experiências que, como disse Lacan em seu Ato de Fundação “*deixamos a cargo de cada um descobrir suas promessas e seus obstáculos*”².

Tradução: Sheila Skitnevsky Finger

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

EFEITO D'ESCOLA: FRATERNOS, MAS NÃO SEM UM TRAÇO DISCRETO.

Beatriz Oliveira

Para esta mesa que compartilho com Stella Casanova, gostaria de recortar a seguinte passagem do argumento que os colegas do CIG apresentaram para esta jornada:

² Lacan, J., Ato de Fundação (1971), em *Otros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 242.

“Da privacidade do passe clínico ao passe d’Escola há efeitos que afetam e implicam a responsabilidade da comunidade analítica de Escola: AMEs, passadores e passantes, bem como os que ocupam funções dos DEL e no CIG. Esses efeitos se tornam públicos, sobretudo quando do testemunho se extrai uma transmissão que permite nomear um AE.”

Gostaria então de falar sobre estes efeitos, na medida em que eles não só afetam cada uma das pessoas de nossa comunidade ali implicada, mas também a própria orientação que queremos sustentar. Entendo que o dispositivo do Passe coloca no cerne de nosso funcionamento uma questão como causa para o trabalho: como um sujeito advém analista? Essa questão me parece fundamental pois implica que o furo no saber esteja dado de saída e se torne causa da orientação de Escola. Além disso, ainda que haja uma nomeação, como as respostas são sempre singulares, esta pergunta continuará aberta colocando nossa comunidade a trabalhar. E mesmo no caso de não haver uma nomeação, não saberemos exatamente por que algo daquele passe não se transmitiu, mantendo a questão em aberto da mesma forma. Quero dizer que, o que não se transmite muitas vezes é justamente a passagem analisante/analista, apesar de várias outras coisas se transmitirem, inclusive aquilo que nos permite não nomear um AE. No entanto, o porquê não se percebe essa passagem é o que muitas vezes não sabemos: se foi uma questão do passante, da função do passador ou do cartel do passe. Como escrevi recentemente no texto que saiu na última WUNCH 23:

Que um passante diga que terminou sua análise e venha testemunhar de como se virou para “sair de sua neurose”, como dirá Lacan em 78, não é suficiente para que seja possível a um Cartel extrair o momento de passagem de analisante a analista. Isso não quer dizer que esta passagem não tenha acontecido, mas sim que não foi transmitida. (...) Há várias razões para que essa passagem não tenha sido transmitida: seja porque o passante de fato não a atravessou; ou porque o passador não pôde exercer a função tal como se esperava; ou porque o cartel não foi sensível ao que se testemunhou

Assim, entendo que a contingência da transmissão presente no dispositivo do passe seja radical e por isso mesmo se torna o elemento principal dessa engrenagem tão cara à Escola. Acredito que sua força resida no fato de que todos ali envolvidos se lançam a partir de uma aposta decidida no discurso analítico como operador, o que se verifica sempre a posteriori: seja para uma nomeação, para a designação de passadores, nomeações de AME, bem como para o trabalho de cada colegiado ou dispositivo local de Escola.

Fui convidada a estar nesta mesa a partir de minha função atual na CLGAL. No entanto, falo não somente por esta função atual, mas por algo que venho pensando a partir das funções de Escola que pude exercer em outros anos, tanto no CIG, quanto em outros DEL: o modo como sustentamos nossas funções determina o tipo de laço que estabelecemos entre nós. Isso quer dizer que, quando sustentamos nossas funções de modo orientado pelo discurso analítico, temos as condições de possibilidade para que os laços de trabalho suportem essa dimensão da aposta e da contingência. Obviamente, sem garantias e não de maneira suficiente.

Nesse sentido, para além dos efeitos do passe, que se dão um a um, quero sustentar que há também um outro efeito que se propaga em nossa comunidade: um efeito d’Escola. Efeito d’Escola seria da ordem da contingência, do acontecimento, quando um “discreto” se conta¹. Pode ser uma nomeação, um passador, uma função que enodou.

Recentemente, a partir de um convite do Fórum do Campo Lacaniano de Salvador – Brasil, para um Espaço Escola, apresentei um trabalho no qual nomeei “Laço colegiado” este nosso modo de nos organizarmos em nossa comunidade para trabalhar a partir de nossas funções – não somente para as funções de Escola, pois entendo que os fóruns devam estar orientados da mesma forma. Trabalhar como “colegiado” é o modo como prevê nossa Carta da IF. Num colegiado, os poderes são os mesmos entre aqueles que o compõem.

Faço referência em meu trabalho desse Encontro Interamericano a uma proposta de Milner², a respeito dos laços paradoxais. Ele proporá que há classes de agrupamento paradoxais que não se ligam por uma

¹ Faço referência aqui ao termo “discreto” utilizado na matemática, o qual se refere a elementos diferenciais e desconexos que se contam. Lacan faz referência a este termo ao falar em uma “fraternidade discreta”, no texto *Agressividade em psicanálise*.

² Milner, J-C. – *Os Nomes indistintos*. Editor: José Nazar – Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

propriedade semelhante a todos – laço imaginário – e nem por um significante assentido – laço simbólico. Assim ele tomará o exemplo dos três prisioneiros, no sofisma apresentado por Lacan no texto sobre o “tempo lógico”³ como uma forma de enodamento paradoxal: eles permanecem enodados enquanto precisam resolver sua questão, mas não porque estejam trabalhando em grupo, mas porque a presença de cada um é necessária para que todos resolvam o problema (MILNER, 2006, p. 89).

Segundo Milner, as classes paradoxais são agrupamentos inconsistentes⁴, é só a posteriori – por sua conclusão- que a consistência é verificada: “Os prisioneiros formam um conjunto inconsistente, que é impossível atualizar na simultaneidade de suas partes. Enfim, a propriedade – a cor da rodela (a cor da rodela que cada um porta)- não preexiste, para os prisioneiros, à multiplicidade; bem antes, ela só deve consistir por retroação, no instante mesmo em que cada um dos três conclui com certeza” (p.90) “Em suma, a própria instância que faz com que se assemelhem e se misturem é o que os disjunta; isso mesmo que os disjunta é o que faz que se refiram uns aos outros, embora não se assemelhem nem se liguem.” (p. 91) Assim, dirá Milner: “é por um real- nomeadamente, um desejo – que deve se constituir uma multiplicidade. Por isso, seria preciso a um só tempo sustentar que o mito (dos prisioneiros) é o das multiplicidades de sujeitos desejantes e que os nomes da psicanálise só valem através dessas vias.” (91)

Entendo que essa proposta de Milner seja coerente com um laço em que os uns discretos se enodam por suas diferentes funções, durante um tempo limitado. Esse me parece um laço coerente com isso que chamei de efeito d’Escola na medida em que é por uma aposta, não uma certeza ou um saber prévio – que o enodamento se dá para sustentar as condições de possibilidade para uma resposta à pergunta sobre o passe a analista: sejam eles passantes, passadores, AME, Cartéis do Passe ou mesmo as outras funções que se propõem a sustentar a orientação de Escola. Da mesma maneira então que um analista se conta um a um, em nossos colegiados, contar-se um a um também me parece fundamental para que essas funções sejam coerentes com aquilo que pretendemos sustentar.

Podemos pensar que um colegiado seja a forma mais coerente de se manter a gestão de nossas tarefas, tendo como horizonte sua dissolução. Ou seja, os sujeitos ali se enodam enquanto precisam exercer suas funções. Não se trata de acúmulo de cargos hierárquicos, muito menos de prestígio. Entendo que cada vez que ocupamos estas funções, há que se ter em mente o que nos orienta em direção à Escola: o discurso analítico. E nesse sentido, levar em conta o furo no saber, fará toda a diferença e permitirá que o tipo de laço inclua a inconsistência, a contradição, a dimensão da aposta e da contingência. Fraternos, porém cada um com seu traço discreto.

Ora, entendo que essa dimensão da contingência está presente em cada uma das decisões que temos que tomar nas diferentes funções dentro dos colegiados: seja para designar passador, indicar um AME ou mesmo ao longo do dispositivo do passe. Trata-se, em última instância, sustentar que a transmissão do discurso analítico se verifica sempre a posteriori.

Dito isto, gostaria de retomar alguns exemplos a partir da experiência no último colegiado internacional da garantia e que me fizeram me propor a estar no Dispositivo local de Escola para a América latina. Talvez, estes exemplos possam ilustrar as questões que coloquei acima.

Estando na CHI (Comissão de habilitação internacional), a qual recebe as indicações de AME que advém dos diferentes dispositivos de Escola, me deparei com a questão: como transmitir aos colegas de outras zonas, em outras línguas, sobre o trabalho e formação analítica de um outro analista? Esta é uma questão que já tinha desde o trabalho em outro momento no dispositivo de Escola, antes mesmo da formação da CLGAL. Para tanto, levantamos alguns eixos que nos pareceram interessantes como norteadores: o eixo da intensão propriamente dito – análise, supervisão – que nos parecia o principal; o eixo político – referindo-se à política de Escola (quais as funções de Escola já sustentadas por aquele analista); e, por último, o eixo epistêmico, a partir do qual se evidenciavam as participações em Encontros Internacionais, cartéis, etc.

³ Lacan, J. – (1945) *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 212

⁴ Na lógica clássica dedutiva, uma teoria é chamada de consistente se não contém contradição.

Ou seja, todos os colegas, de diferentes maneiras, procuravam “mostrar as provas” para que aquele ou aquela colega pudesse ser nomeado(a) AME. Para além do que as provas podem mostrar, há sempre a dimensão de uma aposta, de uma decisão que só se verifica a posteriori. Não só isso, quando se trata de colegas de outros dispositivos que não o nosso, mais ainda se torna importante que algo se transmita além das provas. Nesse sentido, a função de cada DEL, na construção dos seus argumentos se torna fundamental para isso. O que verificamos é que o modo de cada DEL trabalhar é bem distinto uns dos outros. Seria o caso de estabelecer um modo de trabalho mais próximo a todos? Ou a particularidade de cada DEL no modo como trabalham se torna mais interessante para esse efeito de transmissão e de Escola?

Outro ponto que me pareceu bastante importante e que implica tanto o CIG quanto o DEL trata-se das entrevistas para demanda de passe, outra das funções principais da CLGAL. Nossa CLGAL está iniciando seus debates em torno desta questão que nos parece bastante delicada: como escutar uma demanda de passe, sem que o passante fale de sua análise exatamente? Quais os pontos importantes a serem escutados? Sabemos que a função de AE diz respeito à Escola... Em que medida os que se candidatam ao dispositivo sabem dessa relação do passe com esta função?

Não é de hoje que outros colegas já colocaram essa preocupação a respeito do que escutar, até onde escutar, quando se faz a entrevista a um candidato ao passe. Em nosso CIG, discutimos bastante se seria interessante ou não que apenas colegas que já tivessem estado no CIG pudessem compor os Dispositivos Locais de Escola. Esse foi um debate aberto em nossa Assembleia, sendo que desde o próprio CIG não havia unanimidade para tal proposta. Estando agora na CLGAL e tendo estado em duas outras CLEAG antes, continuo a pensar que o mais interessante seja esta diferença de percurso nas funções entre nós: não há um saber ou resposta unívoca, o que me parece bastante fértil para que o enlace não seja pela via da identificação.

Por último, queria dizer que a experiência multilinguística de nossa comunidade, que se evidencia no trabalho em conjunto nos colegiados é outro fator que me parece bastante interessante para tornar estes enlaçamentos mais paradoxais: a comunicação ali fica difícil muitas vezes, mas não é por isso que algo não se transmite.

Então o que faz passar esse efeito d'Escola?

Ora, entendo então que o dispositivo do “Passe” pode ser causa de um efeito d'Escola que reverbera em nosso modo de exercer as funções de Escola, justamente pelo furo no saber que o sustenta, caracterizando um tipo de laço coerente com esse efeito. Assim, somente ao cabo da conclusão de uma função, é que saberemos se pudemos sustentá-la. Tal como em uma análise, em que o ato do analista só se verifica a posteriori, em todas as outras funções, só a posteriori saberemos se estivemos a altura de nossa aposta.

3ª MESA

UMA IDIOTA TENTATIVA DE DIZER

Maria Vitória Garcia Cingolani

*"Sua própria ingenuidade
puxou-o como um flash de loucura"
Jane Harper*

*"Louca como o uno de lo único"
J. Derrida*

*"Havia escapado a não sei que Lei da gravidade"
Vitória Ocampo
"Perséfone sob a batuta de Stravinsky"*

Em sua Proposição de 9 de outubro, Lacan coloca a questão de “se a ingenuidade deve ser tida como garantia na passagem para o desejo de ser psicanalista”. O que dizer dessa associação entre a ingenuidade, a garantia e o desejo de “ser” psicanalista que Lacan propõe? Como abordar esses restos do infantil que levam o psicanalista, já adulto, a demandar, estender ou oferecer uma garantia? Às voltas com essa questão da ingenuidade, descobro que as principais Academias de Letras da Espanha, Itália, França e Alemanha concordam que a palavra ingenuidade vem da palavra latina *ingenuitas*, e a definem como a condição própria do *ingenuus*, do nascido livre e não escravo, do homem de boa linhagem, cândido e sincero. No entanto, em seu texto, Lacan utiliza o termo “*naïvité*”, em francês, e, em sua língua materna, se refere também à *poesia que nomeia o que se desenha nos nós*. Explico-me.

Em seu poema “No cabaré verde”, A. Rimbaud escreve sobre a alegria de deter-se em um encontro, no qual vê alguns desenhos “*naïfs*” nos nós de uma tapeçaria pendurada na parede. Do uso que Rimbaud faz da palavra *naïf* em seu poema, diz-se que outro grande poeta francês, G. Apollinaire, nomeou a arte de H. Rousseau, um tipo de arte que se associa ao simples, ao primitivo e ao natural. Trata-se da Arte Naive or Naïf, da qual H. Rousseau se considera seu precursor.



Au Cabaret Vert, cinq heures du soir
- Arthur Rimbaud

Depuis huit jours, j'avais déchiré mes bottines
Aux cailloux des chemins. J'entrais à Charleroi.
– Au Cabaret-Vert : je demandai des tartines
De beurre et du jambon qui fût à moitié froid.
Bienheureux, j'allongeai les jambes sous la table
Verte : je contemplai les sujets très **naïfs**
De la pâtisserie. – Et ce fut adorable,

Aqui se encontram o começo do poema de Rimbaud e a imagem do último quadro que Rousseau pintou. O título do quadro é “Le Reve”, “O sonho”, datado de 1910. Nele, Rousseau pintou sua amante polonesa deitada em um divã vermelho no meio da natureza, entre animais selvagens que nos aparecem como encantados. Ao fundo, quase imperceptível, vemos surgir a figura de um homem afro-americano ou indígena, cujo corpo está coberto apenas por um véu colorido. Esse homem tem um instrumento em sua boca, de onde parecem sair sons, talvez a música que tem “encantados” os animais, a serpente? No divã vermelho, a amante do pintor estende a mão para o homem, ou para seu instrumento? Não sabemos, mas proponho pensar que há algo da arte de nomear o que se desenha nos a-nós, com o que Lacan, em sua língua materna, inventa o dispositivo do passe.

Para esse dispositivo, Lacan inventa a função do passador. Em sua Proposição, escreve que o passador “é” o passe, alguém que, no momento de seu “des-ser”, está em luto, em uma posição depressiva. Ainda ligado ao desenlace de sua experiência pessoal, tentará recolher “pelo vívido de seu próprio passado”. Ora, como abordar esse “ser” que Lacan outorga a quem está em um momento de “des-ser”, de luto? O que dizer de seu lugar na Escola? Qual é o lugar e a posição da Escola diante de um luto, onde “qualquer um na função de didata sabe que também para eles isso passará?”, diz Lacan. Passará o luto? Passa? E a partir daqui, como pensar que seja quem decidiu lançar-se e oferecer seu testemunho quem convoca o passador a seu ofício inédito, em particular no caso em que o passante seja alguém que vem dessa “toda sorte de margens” dos que estão próximos ou na Escola?

Embora tivesse ouvido e lido alguns testemunhos de passe, antes de receber a mensagem de voz da pessoa que havia decidido oferecer o testemunho de seu “inconsciente a céu aberto”, cito, desconhecia as características particularidades desse dispositivo. Não sendo ainda membro de Escola, considerava o dispositivo do passe, uma ousadia. Como dar conta do infável de um desejo que se transmite em atos? Seus efeitos não seriam por acaso suficientes? O que dizer da ousadia de viajar para fazer entrevistas para oferecer um testemunho? Conseguir vistos, passagens, reservas de hotéis, organizar a família e o consultório apenas por algumas horas de entrevistas para se fazer ouvir?

No meu caso, tratava-se de me aventurar. Assumi, então, o papel de passadora e coordenei as entrevistas para ouvir o depoimento pessoalmente em Buenos Aires, para onde viajei para o Encontro Internacional. Isso após entrar em contato com uma colega do Fórum de Porto Rico, membro de Escola, que me informou que a função de passadora, para a qual havia sido convocada, surge de uma designação de meu analista, com uma investida também do acaso. É possível renunciar a ela, mas escolho o que me causa, a psicanálise, à qual, não sem resistências – diria até com bastante, por suas questões institucionais ou institucionalizadas – escolhi me dedicar. Isso me levou a adentrar no que eu definiria como uma certa opacidade dos membros de Escola para tratar os temas do passe. Essa opacidade serve para sustentar as surpresas buscadas por esse dispositivo? O que torna os debates sobre o passe e as questões associadas a ele tão acalorados? - Me pergunto.

Desde o dia em que recebi a mensagem de voz do passante, dedico-me a ler com atenção, repetidas vezes, os textos fundamentais da Escola. A proposta de Lacan me surpreende pelo inédito de seu poder de mudança na organização das comunidades analíticas existentes. O suporte do “controle”, a “crítica” e a “colocação em prova” da pergunta: o que é a psicanálise? que não precisa ser uma experiência “infável”, como ensina Lacan. Sua proposta de endossar a ética que emerge dessa pergunta, uma vez que ela seja seriamente formulada e levantada. Seu abalo das estruturas solidificadas da psicanálise didática, a liberdade dada a cada analista para escolher com quem realizar sua análise, o movimento oferecido ao “velho”, o pôr em xeque a questão das hierarquias, preferindo falar em “gradus”, a proposta de uma forma de transmissão que opera de trás para frente. *A invenção de Lacan do dispositivo do passe é comovente!*

Entre a determinação do passante e a surpresa da convocação para a função de passadora, vem a questão do “isolamento” da Escola. Cinco meses após ouvir o testemunho do passe, o mais um do cartel se comunica para marcar um encontro em Paris. Devo dizer que esse encontro em Paris não é uma surpresa menor. Nesse ínterim, participo de eventos abertos da Escola sobre temas do passe, que, nesse período, ainda se realizam por Zoom. Neles, descubro ser um tema de debate que alguém que não pertence à

Escola assuma a função de passador. Que o passante vindo de fora possa dar seu testemunho é algo que já havia proposto Lacan, porém essas propostas de Lacan ainda geram debates. Sem querer querendo, estou em meio a eles, e não tem jeito! Uma Escola que admite passadores e passantes que não pertencem à Escola, ou tenham um percurso de formação nela, me parece que dão conta de sua abertura e sustentam a invenção lacaniana. Conjuntamente, me candidato como delegada do Fórum de Porto Rico e peço minha admissão à Escola, enquanto continua ressoando o que escutei no testemunho de passe e reviso as notas das entrevistas que realizei em Buenos Aires.

Sou designada por votação como delegada do Fórum de Porto Rico e prontamente assumo a função, enquanto aguardo a entrevista da Escola para meu pedido de entrada. Isso leva um tempo, no qual não fico em dúvida, mas me faço perguntas, principalmente após a entrevista de admissão, na qual experimentei uma consternação de comparecer ante um júri, como quando estava na Universidade. A admissão na Escola não tarda e isso me permite, sem obstáculos, elaborar sobre minha consternação perante o que tento dizer com a palavra *opacidade*. Dessa maneira, passo a formar parte dessa comunidade de “esparços disparatados”.

A partir do que escutei nas entrevistas de passe, ressalta-se uma referência à “loucura” que, em minha escuta, ressoa a um datismo. Vou me deter nisso. Não se trata de um dado¹, mas de um datismo no que tento dizer, palavra que se refere a um nome próprio, o de Datis. Esse sátrapa persa, que teve seu momento de glória na batalha de Maratona em 500 AC, apesar de não ter piedade, era piedoso, e, em seu intento de utilizar a língua materna daqueles aos quais pretendia invadir, cometia erros ou falhas no uso das palavras em grego. Em Atenas, onde a cultura era monolíngua, esse estrangeiro que falava o grego com sotaque, falhas ou inflexões epuréias virava chacota. A partir daí, o datismo se define no Dicionário da Real Academia Espanhola como o “emprego imotivado de palavras cujo significado se repete ou está implícito, como entrar dentro”.

O que dizer a respeito de que a “loucura” diz algo do quixotesco de fazer e pretender dar um fim à análise nesse século XXI? O que dizer da loucura de quem decide oferecer um testemunho de seu desejo de analista? E da loucura de quem pretende escutar, transmitir e julgar a partir do que considera próprio do desejo do analista? Como abordar o silêncio da Escola, que tem efeito de interpretação, quando o ata a seu modo de escutar testemunhos que se associam à loucura quando a supõem um dado, em lugar de um datismo?

Seguindo essa lógica de conceitos que nos chegam desde os primórdios da civilização, quero me deter também na palavra “idiota” que utilizo em meu título. Na Grécia Antiga, *-ides* se refere ao próprio, e *-ta* à ação e seus efeitos. Na Grécia, *idiotas* eram aqueles que não participavam da política e do público, que se dedicavam ao próprio. Alguns por escolha-abstenção, outros por indiferença, e outros, ainda, porque se dedicavam ao *oikos* – às questões da casa e sua economia, como era o caso das mulheres. Para Aristóteles, o homem animal social que vive na *polis*, deveria participar da democracia, fazendo sua voz visível ao público como cidadão. Os *idiotas*, na Grécia Antiga, colocavam a pergunta sobre dedicar-se ao próprio se devia a uma escolha, abstenção, indiferença ou exclusão.

Ora, hoje em dia, a palavra idiota se liga à ignorância, como herança da Idade Média, e, talvez por questões religiosas, indiferença, abstenção e exclusão se confundem. Como pensar essa indiferenciação nas formas de construção do comum? Como pensar que essa construção do comum se dá entre aqueles que participam nela e contribuem com o próprio, o deles? E, ainda, o que dizer da ingenuidade e a loucura dos que tendo deitado por anos em um divã no meio da natureza, que é a Linguagem na análise, pretendem dizer o particular sobre seu desejo de analista?

Em seu texto, “*Desfocilizar lalangue del pase*”, Colette Soler escreve: “Porque para cada falante, sempre aliás tomado em um discurso, o que importa é a língua que escolhe. Falar é escolher a própria língua, no grande *stock* da língua materna. Ora, é a língua que cada um fala que aloja, recebe e mantém os impulsos do

¹ Ressalta-se aqui a diferença com o Dataísmo, sobre o qual escreve Yuri Harari massivamente na atualidade, referindo-se à era da informação; e também ao filósofo coreano Chul Han, para quem “o dataísmo é o oposto do niilismo”.

desejo, as vibrações de *la acosa* e o impulso vital em jogo na relação com a psicanálise. Sobre esse ponto nada mais nocivo que o desejo de se fazer escutar que impele a escolher a língua mais comum à maioria”.

Como pensar a forma e a “língua mais comum à maioria”? O que dizer da escolha de uma língua do “*grande stock da alíngua materna*? Qual sua loucura, as consequências de seu aborto ou o que aloja de ilegível na alíngua materna? Trata-se de uma língua única, substituível ou *inventariada*? Como pensar o *benefício de inventário* que propõe a alíngua materna na análise? E, então, como abordar o que a alíngua materna inclui ou exclui *em seu “stock”*? Como escutar o inefável e ilegível de seu “racismo”, quando este último, para Lacan, resulta “inextirpável”?

Com essas questões, restos de minha experiência como passadora, o que hoje posso dizer é que, no dispositivo do passe, trata-se de *causas e encontros*, entre um passante e um passador, entre o passador e os integrantes do cartel do passe, entre cada um deles e cada um dos membros de Escola. No meu caso, assumir a função de passadora e escutar o testemunho de passe, significou dar um salto no vazio, sacudir o luto e dar movimento a desejos que antes não havia colocado em perspectiva: nomear-me como delegada de Fórum, solicitar ser membro de Escola e, ainda, tentar falar, escrever e traduzir minhas elaborações em outra língua, diferente da materna. Também nos últimos meses, entrei em um cartel, segunda tentativa após uma frustrada, intitulado “A maternidade e o desejo da mulher”, com algumas das integrantes da mesa intitulada “Cirurgias”, a qual compus no Encontro Internacional em Buenos Aires.

Nessa mesa de trabalhos em Buenos Aires, junto a estimadas colegas, propusemos refletir sobre o corpo, a arte, o gozo, a maternidade e o luto. Trabalhos esses que incluíram ousadas tentativas de dizer, inclusive sobre o aborto, como é o caso do trabalho de Cecilia Randich, que escreveu sobre “o precário caminho do desejo”. Corpo, Arte, Aborto, Maternidade, Luto, Sexualidade Feminina. Questões essas que hoje se tratam *a céu aberto*, mas que, no entanto, levantam a questão de saber que ingenuidade, loucura ou idiotice há nas vozes daqueles que tentam dizer o que é próprio de sua experiência? Como se associam essas experiências ao desejo do analista?

Nesse sentido, as discussões nessa mesa em Buenos Aires me recordaram as elaborações de Canguilhem sobre a *cura*. E, aqui, pensando a cura não somente como o próprio da experiência analítica, mas também da Escola, na maneira como esse conceito é utilizado no âmbito da arte, como um recorte. Já que Canguilhem, grande pensador, escreve que o de que se trata na cura é de um “um pôr a coberto” e “*pagar com esforço o preço de um atraso na degradação*”.

A partir daí, meu desejo segue a via de seguir refletindo sobre os abismos que se abrem entre a sexualidade feminina e a alíngua materna, e o que da escolha, sempre forçada, há neles. Questão que considero importante também ao abordar as escolhas de alíngua do passe das Escolas. “Essa e a Outra”, citando o testemunho do passe que escutei, para seguir refletindo sobre o “Um e o Outro”, acrescento de “meu jardim”, lembrando Lou Andreas Salome.

Para finalizar, deixo uma tentativa de dizer com um desenho naif, de uma ilustradora que encontrei em um mercado de pulgas em Buenos Aires, e com as palavras de Lacan na Sessão Extraordinária da Escola da Bélgica, no dia em que nasci.



*"Em suma, todas as descobertas de Freud, aquela insistência em uma demanda que não significa outra coisa que uma **insatisfação fundamental**.*

É o que mostra a análise, a análise não é definível de outra forma.

*É preciso **criar, imaginar, elucubrar outra coisa**, mas nos acomodamos com isso muito bem.*

É o que mostra a bizarra relação que se chama as letras, as artes,

em suma, o fenômeno foi bem isolado e convivemos com ele.

*A maneira como a análise reconhece aí os efeitos descritos como **sublimação** não é nada boba...*

*Mas, mesmo assim, foi ótimo perceber que Havia ali um **ponto de exclusão**".*

Lacan, *Conferência Extraordinária da Escola Belga*, 14 de outubro de 1972.

Tradução:

ANTES EU LHE CONHECIA DE OUVIR FALAR¹

Gláucia Nagem de Souza

Gostaria de trazer uma fala como um testemunho. No passe temos uma estrutura que parece a brincadeira do telefone sem fio. Não sei se os colegas de outros países conhecem essa brincadeira de crianças. A regra é que os brincantes fiquem um ao lado do outro. O primeiro fala no ouvido do seu colega ao lado uma frase. O segundo que ouviu a frase fala para o seguinte. Até que chega no último da sequência que deve pronunciar a frase. Na maioria das vezes a frase que chega no final não é a mesma que o primeiro falou, mas guarda a sua sonoridade.

Hoje venho falar como um dos participantes desse telefone sem fio. A falta do fio pode nos ensinar que entre um e outro não há proporção, e isso é que faz com que o dito primeiro se deforme até a extração sonora no final. Venho testemunhar como cartelizante do cartel do passe. Foi a primeira experiência. Dois passes, quatro passadores, seis cartelizantes. Uma novidade que vale ressaltar, em uma experiência também inaugural pois foi a primeira vez que os cartéis do passe se reuniram fora dos Encontros Nacionais e Internacionais em um local do "ladica" d'oceano, no Brasil.

¹ Jô 42:5

Os encontros com os passadores. No meu título parafraseio esse dito dizendo que antes eu conhecia o passe de ouvir falar, agora, por ter participado do cartel do passe, algo novo se apresentou. Muito se discute sobre a função do passador e chegamos a repetir “O passador é o passe” como um mantra. Mas que quer dizer? Nesta experiência no cartel do passe algo se aclarou para mim.

Os passadores não se apresentaram como elementos neutros, algo deles entra nos testemunhos. Como cada um deles se apresentou no testemunho ocupou a discussão interna do cartel do passe e entrou na conclusão sobre as respostas dadas. Em cada um deles pudemos escutar o que passou e o que não passou. A discussão posterior aos testemunhos nos fez refletir não apenas se houve ou não houve nomeação. Se fez presente o que Lacan diz que “o júri em funcionamento, portanto, não pode abster-se de um trabalho de doutrina, para além de seu funcionamento como selecionador” (Proposição de 9 de outubro de 1967, Outros Escritos, p. 261). Alguns pontos da discussão nos convocaram a pensar o que era aquilo que estávamos escutando de cada passador.

Testemunha de um momento histórico. Pude participar do encontro dos colegas de diferentes lugares em um país da América Latina sem que fosse por ocasião de algum Encontro, Jornada ou Simpósio. Era um encontro especial. A maioria viajou para o Brasil vieram da Europa e de outros países da América Latina apenas para participarem dos cartéis do passe. Isso já acontecia com os latinos quando o encontro era na Europa. O que gostaria de ressaltar é que tanto “dicápralá” quanto “dilápracá” vemos como esse dispositivo criado por Lacan movimenta uma Escola. A cada encontro colegas desse colegiado se deslocam para fazerem cartel, do passe. Muitas horas de viagem para fazer cartel. Uma experiência disparatada que dessa vez se reuniu pela primeira vez no Brasil.

Uma Escola internacional. Isso se presentifica no fato de que nos cartéis se encontram falantes de várias línguas. Não há, e espera-se que não haja, uma língua que domine. Na escuta dos passadores o exercício era passar o que estava sendo dito nas línguas ali representadas. Algo muito interessante para mim é que nos fazíamos escutar. E na nomeação uma palavra lida em um sonho sonhado durante as entrevistas teve um efeito translinguístico. Cada cartelizante escutou em sua própria língua materna e isso marcou em parte a decisão.

O Cartel translinguístico. Este dispositivo é uma criação muito bacanal! Mesmo que para o passe ele se constitua para escutar os passadores e dizer nomeado ou não nomeado, ele segue ainda seus princípios norteadores. Nos debates que tivemos em nosso cartel algo da escuta de cada um entrou na roda. Cada um pode acrescentar algo de sua escuta. A produção de uma resposta ao término não era a única pauta. Não apenas nomear, mas pensar sobre o que estávamos fazendo, como escutamos, como proceder com as respostas. Tudo em um movimento de debate. Não havia um esperado, a cada encontro com os passadores uma certa surpresa e questões discutidas.

De Juri para cartel. A mudança da palavra “Juri” para “Cartel” me parece hoje mais clara posto que o funcionamento extrapola um juízo. Pelo menos no cartel onde trabalhei tanto antes de escutar os testemunhos quando depois pudemos experimentar, como dito acima, um trabalho efetivamente de cartel. Como lemos em Decolagem um ponto se destacou: a ideia de “levar a cabo um trabalho”. No caso, por ser um cartel do passe, o trabalho de escuta dos testemunhos e a conclusão sobre a nomeação. Sobre este trabalho de cada um é importante ao término termos um produto comum: a nomeação ou a não nomeação. Mas esse produto comum é fruto, no que pude experienciar, do trabalho da escuta de cada um. Não é um cartel no sentido do proposto para o estudo, no entanto, tem a estrutura que permite o que Brito comenta que “o cartel do passe é uma singularidade, que em si mesmo amarra o clínico, o epistêmico e o político que compõem uma Escola de Psicanálise Lacaniana, sendo a única garantia que permite revelar a formação do analista”. (2012);

O lugar do Mais-um em um cartel do passe. Por um lado, a função era a de viabilizar que o encontro acontecesse no que envolve o contato com a representante do CRIF, com a Comissão de Gestão do Fórum onde iriam acontecer os encontros do cartel e com os passadores para que eles se organizassem para o encontro presencial. Por outro, a função é ainda no debate e recolhimento das questões sobre cada passe, sobre as respostas do cartel aos passantes. Entendemos que, como prevê os Princípios

diretivos, o cartel decide quem dá a resposta a cada passante. No nosso cartel decidimos que a mais-um daria a notícia para o passante nominado AE e outro colega falaria com o passante não nominado AE. Neste ponto não foi uma decisão prática, mas analítica na medida em que partiu de um debate sobre o tema da resposta.

Passa-linha. Vimos assim que para passar é preciso ser como aquela ferramenta de costura que faz passar a linha pelo buraco da agulha que chamamos em português de exatamente de passador. Esse instrumento é um buraco feito metal para que a linha passe pelo furo da agulha. Ele é um furo bordado para fazer passar a linha flexível por outro furo bordado. Um furo para passar por outro furo. Isso se apresentou na escuta dos passadores. Mesmo a não nomeação é um efeito de passagem pelos passadores para o cartel do passe. Passa a partir do que os passadores trazem em sua voz e em sua subjetividade. Tanto a nomeação quanto a não nomeação foi por unanimidade.

O tempo. Algo que ainda gostaria de deixar marcado é que, talvez por termos nos reunido em um período sem Encontro Internacional ou Nacional, estávamos totalmente dedicados ao Passe. Termos o tempo para conversar, pensar e discutir foi de extrema importância para o trabalho. Efetivamente o nosso cartel funcionou como um cartel onde cada um pode pôr a trabalhar questões que lhe eram importantes. Não consigo pensar como seria esse trabalho sem esse tempo. Realmente parece que pudemos experimentar que a escuta dos passadores foi como o que Lacan nomeia instante de ver. Tivemos um tempo para compreender e o momento de concluir: “Houve Nomeação” e “Não houve nomeação”. Para isso, foi preciso tempo.

Concluo dizendo que a experiência em um cartel do passe não apenas faz passar o que é de um percurso de análise e a possibilidade do advento do desejo do analista, mas também nos coloca frente às mais importantes e delicadas questões da Escola.

JORNADA DE ESCOLA
DA III CONVENÇÃO EUROPEIA DA
EPFCL
«O IMPERATIVO DO LAÇO SOCIAL»
14 julho 2023, Madria

APRESENTAÇÃO

Mikel Plazaola

Prontamente, o título eleito para estas Jornadas de Escola nos marca. Uma série de pontos epistêmicos que convidam a ser transitados.

De diferentes maneiras, os prelúdios perfilaram algumas reflexões:

Na apresentação deste encontro, C. Soler destaca como o discurso analítico revela que “há do Um”¹, e que a experiência desse discurso evidencia que não há apenas um, e é isso que funda a necessidade do laço. É dizer, não pode haver apenas Um,...sem outros.

A intenção ao evocar um imperativo no título, aponta à necessidade do laço entre os sujeitos falantes, não ao mandato ... embora, às vezes, as obrigações superegóicas na regulação dos laços, possam confundir e insinuar a outra vertente do imperativo. Como destaca Maria José Latour, o imperativo não se conjuga em primeira pessoa do singular, e vem em forma de ordem ou de oração. Por tanto, é condição organizadora de um laço, pois este não se conjuga sozinho.

Dessa condição, é fácil deslizar para “você deve fazer”, ou “não deve fazer”, o mandato de como e o que se deve ser ... para o outro, claro.

O que com tanta frequência faz obstáculo, em forma de dialética amo-escravo, como real que aparece, a um desejo de Escola.

Falar de laços é falar do que articula os “Uns” que existem, aos outros, que também existem.

Há, desde Freud, e sobretudo com Lacan, um questionar de maneira diferente aos saberes, o que constitui o laço e o que este afeta aos seres falantes que os articulam.

As civilizações tratam de se organizar, com suas criações (leis, governos, ideais, religiões, criações, arte ...), o laço entre seus indivíduos para sua proteção e subsistência, de modo que não os destruam ou se destruam entre si..

Freud nos desperta desse ideal e destaca que nas mesmas formas de regulação construídas pela civilização humana, está a origem da força de destruição de que procuram defender-se, ao ter que negociar as pulsões.

Lacan aponta para algo essencial à psicanálise, nos lembra com sua clarividência que os analistas não estão livres do mesmo dilema. No entanto, fundam suas associações em um real da formação dos analistas, ignorado sistematicamente.²

É evidente que no discurso analítico, o “laço” tem ao menos duas vertentes, como o laço cortado e preso em uma banda de *Moebius*. O laço transferencial que coloca em marcha o discurso analítico, e o laço entre os sujeitos produzidos por esse discurso. Um inseparável do outro. A mínima: Como não experimentar nos vínculos sociais e nos vínculos entre analistas os efeitos de uma jornada analítica? Ao

¹ Em PLIEGUES foi proposto, e aceito, o termo “hay d’l’uno” para traduzir “*Il y’a d’l’un*”, de Lacan que não tem tradução ajustada para o castelhano. Nota do tradutor: em português não temos uma tradução padrão. Porém, a mais utilizada é “há do Um”.

² Lacan, J. (1967). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 249-250.

menos, também aí, se colocam em evidência os efeitos da metamorfose operada no sujeito por sua análise. “Cabe aos seus congêneres “saber” encontrá-la.” Encontrar a marca de suas aventuras com o desejo de saber sobre o real.³

Uma forma específica de laço é o fundamento instrumental na formação dos analistas. Embora, como lembra Sophie Rolland em seu prelúdio, trata-se de uma prática que se funda em um modo muito particular do laço, em que um deles está, sem estar presente, e conduz ao outro à solidão da diferença absoluta.

Solidão absoluta que, sem dúvida, volta, para fazer laços, talvez de outra maneira. Outra maneira, por ser produto de uma metamorfose, “transfiguração”, recorda Charles Christophe, que transluz o mais íntimo de cada um, desvelamento fugaz de um real, a da divisão subjetiva radical, que conduz a uma maneira “transfigurada” do vínculo em que o real foi tocado em algum momento.

Colette Soler destaca também, em seu texto de apresentação, que aqueles que passam por um processo de análise, salvo exceções, não se afastam do discurso analítico, apenas trocam de posição no interior desse discurso.

Nesse sentido, em vários testemunhos escritos de AEs (*Wunsch*), se lê que em um determinado momento, próximo ao final, se experimenta a possibilidade de dedicar-se a algo que nada tem a ver com a psicanálise, mas se escolhe. É dizer que há uma escolha não isenta do empuxo de um desejo “inérito” por continuar neste discurso.

Este feito sustenta e dá continuidade ao discurso analítico. A partir daí o imperativo, é uma necessidade de um laço para que esse discurso subsista. Um laço que possa ir mais além de um discurso religioso, proposto como forma de pergunta, diz Bernard Toboul.

Mas, apesar da metamorfose a qual o processo analítico conduz, é preciso supor que não deixamos de ser humanos, de ser sujeitos falantes e, portanto, sujeitos ao limite e ao equívoco, assim como ao mal-entendido e com frequência ao conflito.

Além do mais, foi apontado em diversas ocasiões, o efeito na singularidade do processo e, portanto, o efeito no laço entre os singulares (dispersos e disparatados) ... não somente está o real tocado por cada um em cada processo, como há o encontro com os efeitos do real com os outros. Entendo assim o real em que se baseiam as instituições...⁴

Neste Encontro temos a sorte de contar com quatro exposições de colegas que foram nomeados AE nos últimos tempos. O que será dito em breve, temos que recordar, embora seja evidente, significa que podemos escutar algo sobre as consequências produzidas nos sujeitos que transitaram e se desprenderam dos avatares de um laço fundamental, o analítico. Naquilo que este transitar produziu como efeito de dizer. Dizer a ser escutado em um laço particular, com dois passadores, que por sua vez foram escutados por um grupo, um cartel, com um laço menos particular.

Cartel entendido, segundo propõe Manel Rebollo, um instrumento que pode produzir, como efeito possível, uma libidinização da transmissão da psicanálise. Particularmente gráfico, se entendemos a transmissão como um efeito de ressonância, como o que os instrumentos musicais de corda provocam, sem que necessariamente façam contato.

O epistêmico não caminha sem que o que se pode dizer de uma experiência singular e a Escola que oferta o dispositivo, trata-se de dar espaço e aprender aquilo que dessas experiências se pode dizer.

Experiência de curiosa transmissão que alcança, quando eventualmente toca, faz ressoar, aquilo que não se pode dizer.

³ Lacan, J. (1973) Nota Italiana. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. P. 313

⁴ Lacan, J. (1967). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 249-250.

Laço transferencial, laço com passadores, laço no cartel do passe, laço institucional, laço com os colegas. Ao menos cinco formas singulares de um laço social que em nosso Campo, se edificam em torno do real, ... o impossível..., o indizível..., o não simbolizado ..., o que se passa ... ou, ao menos, o que se tem notícia e se tenta dizer algo disso.

Qual a abordagem desses efeitos do real?

Se do passe se espera que os passantes deem conta dos problemas cruciais nos pontos vivos em que se encontram para a psicanálise.⁵

A Escola, com estes Encontros, este ano é o terceiro, coloca em marcha seus recursos: o intercâmbio de experiências, ideias e debates em torno das questões da psicanálise.

Muito oportunas e afortunadas as apresentações e as exposições de experiências deste III Encontro de Escola.

- Oportunas porque, embora seja habitual, atravessamos momentos de crise bastante sérias.
- Afortunadas porque, talvez, possam ajudar a abrir alguma via de abordagem deste real que tão vivamente estamos experimentando em nosso contexto.

Tradução: Daniele Salfatis

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

⁵ Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 249.

1ª MESA

DESCOLADA

Elynes Barros Lima

“Um dia perguntaram a minha avó
 Dezanove o que era a poesia.
 Primeiro ela ficou muito calada,
 então pensaram que ela não tinha resposta.
 Mas depois ela falou:
 a poesia não é a chuva,
 é o barulho da chuva”
 Ondjaki

Bom dia a todos. Gostaria de agradecer aos colegas franceses e espanhóis do CIG (Colegiado Internacional da Garantia) anterior pelo convite para estar aqui, presencialmente, falando para vocês.

Escrevi uma tradução do meu texto para o francês, que é a língua que eu estudo, para facilitar a compreensão de alguns termos que eu vou falar. Porém, há palavras que são difíceis de traduzir, vocês sabem; digo difíceis de traduzir na sua significância e fonética. Ao verter um significado de uma palavra de uma língua para outra, perde-se algo ou do significado ou do som ou ambos. Portanto, vocês irão acompanhar a leitura em francês, mas eu vou falar em português, para que algo da minha língua ressoe.

Isso já diz sobre o que eu vou tentar transmitir hoje aqui através do meu testemunho.

No *Seminário 23, o sintoma*, Lacan faz uma pergunta:

“o que se passa quando alguma coisa acontece a alguém em decorrência de uma falha?” E acrescenta, “o que a psicanálise nos ensina é que uma falha jamais se produz por acaso. (...) Se há um inconsciente, a falha tende a querer exprimir alguma coisa, que não é somente o que o sujeito sabe, uma vez que o sujeito reside nessa divisão mesma que representei em outros tempos pela relação de um significante com outro significante.”

O inconsciente se funda numa falha

Eu não vou conseguir falar para vocês sobre essa primeira inscrição, obviamente, mas o meu ponto de partida se deu num segundo tempo, em torno dos 5 anos, a partir de uma releitura de um acontecimento aos 7 anos, onde eclodiu angústia, inibição e sintoma, nessa ordem para mim. Pelo menos é assim que eu articulo o que se passou no meu caso.

Digo que o meu ponto de partida se deu num segundo tempo porque foi pela angústia vivida no terceiro tempo, que experimentei a separação do Outro que já tinha se apresentado no segundo tempo. Porém eu só vim nomear assim, por angústia, essa sensação de quase morte, muitos anos depois, na análise. O que aconteceu nesse segundo tempo eu dei alguns nomes: abuso, pecado, por consequência do que aconteceu no terceiro tempo com a minha irmã.

Uma falha é como um lapso, e nesse *espaço de tempo* em que a falha se produz, o sujeito tenta se fazer representar e dar conta de sua divisão subjetiva. O ponto de partida de todo sujeito portanto, é uma falha e eu respondi a essa falha com dois nomes: ‘irmã Elynes’.

A ‘irmã Elynes’ suportava essa falha de diversas formas. Eu era a “mana”, nome dado pelo Outro para acolher a irmã, dois anos mais nova. A irmã, portanto, inaugurava esse laço familiar e ao mesmo tempo

me dava um lugar. Também guardava um sentido religioso, visto que nasci numa família protestante. E ainda, serviu para recobrir a falha exposta pelo traumático encontro sexual infantil.

Foi por uma falha que procurei ajuda. Uma falha no outro, a princípio. E digo que “procurei ajuda” porque não sabia que a pessoa a quem enderecei esse pedido era analista. Eu era formada em psicologia, mas tinha seguido um caminho diferente da clínica, por causa da inibição, da angústia e do sintoma.

Marquei um horário com aquela que seria minha primeira analista – houve três -, porém antes de ir para consulta, soube que ela falaria numa conferência; fui ouvi-la para ter um mínimo de referência. De verdade, não lembro de nada do que foi falado naquela tarde; nem lembro o tema da palestra, mas no meio de sua apresentação ela comete um lapso: “Freud falava sobre... sexo; não desculpem, eu ia dizer... Mas sim, Freud falava sobre sexo”.

Nesse primeiro tempo de análise, o traumático sexual é atualizado na transferência. O passado se fez presente por esse lapso, essa falha; e a falha era sobre isso: o sexual.

Mas eu não sabia de nada disso ou não queria saber nada disso, apesar de um sonho que marcou a minha entrada em análise, trazer as coordenadas do que estava em jogo:

Sonho que uma menina caminha sozinha pela rua. Ela se dá conta que um homem e uma mulher - parece que são os pais dela-, estão atrás dela com uns paus para bater nela. Ela entra numa casa para se esconder, mas começa a entrar em trabalho de parto. Nasce um bicho, uma espécie de gambá.

Esse sonho marca também minha mudança de Petrolina (cidade localizada no sertão de Pernambuco) para Fortaleza e o início de meu segundo período de análise com outra analista; uma colega que a indicou disse: “Ela é freudiana”, o sexual portanto, continuava na pauta.

Foi nesse período que eu me autorizei a receber pacientes, pelos efeitos dessa descoberta do inconsciente em mim. Foi nesse período que eu também conheci e me tornei membro do Fórum Fortaleza e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Porém foi só num terceiro período de análise que foi possível para mim localizar melhor minha questão.

“Descolada” – essa foi a palavra que inaugurou uma série e que teve um efeito significativo pela interpretação da analista:

Eu disse logo nas primeiras sessões: ‘Eu queria ser descolada; uma garota descolada’. O pedido tinha a ver (mas não só) com uma cena da adolescência na qual eu perdi meu primeiro paquera para uma ‘garota francesa descolada’. Porém nem eu sabia dessa relação, nem muito menos ela, a analista. A esse ‘encontro falho na adolescência’ ela respondeu de uma maneira ainda mais descolada:

‘D’Escola? Replicou ela, interpretando a demanda e fazendo um enigma: o que isso quer dizer?’

Nessa análise, ao longo dos anos, um trilhamento foi se revelando pela insistência do dizer, decantada das voltas e voltas em torno dos ditos: *destroços, descaminho, desentoada, dissidente, descrente, descompleta* – essas palavras, para além da tentativa de explicação pelo seu contrário guardavam uma relação com o *avesso* assonante de *descolada*.

No seu *Seminário 17, o avesso da psicanálise*, Lacan diz que vai demonstrar o que é um avesso: “Avesso é assonante com verdade (envers e verité)¹.”

“Assonância é uma figura de linguagem, de som ou harmonia, caracterizada pela repetição de vogais, de forma a produzir uma sonoridade peculiar aos textos poéticos”²

¹ Lacan Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Aula de 21 de janeiro de 1970. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed. 1992, p. 52

² In: Assonância: o que é, exemplos, assonância X aliteração - Português (portugues.com.br), pesquisado em 14/05/2023, 10h.

Me perguntava atordoada – L'étourdit -, o que esse trilhamento assonante queria dizer? O que insistia? Onde ele estava me levando? Que orientação?

Lacan inicia sua Terceira³ jogando com a equívocidade do sentido e com a assonância ou repetição, insistência, dizendo que A Terceira, volta como um disco (*disque*), onde se diz o quê (dit-ce-que) o discurso (*discours*) de Roma e injetando onomatopeia em lalíngua realça o “urdroma”, para servir-se da oportunidade de colocar a voz sob a categoria dos quatro objetos ditos pequeno *a* e, pela operação significante, esvaziá-la de qualquer substância, e pelos seus efeitos de metonímia, liberá-la. Liberá-la do ronronar, que é o gozo, o “gozo do gato”, mas se aplica muito bem ao disco furado da repetição.

Pela operação significante – avesso assonante – algo pode ser escutado para além da história contada e recontada, apontando para um fora do sentido orientado pela neurose. Lacan diz, na abertura da sessão clínica, que “A linguagem, seja ela qual for, é uma goma de mascar. O inaudito é que guarda seus truques. Se tornam indefiníveis pelo fato que chamamos a isso de linguagem, e é por isso que eu me permito dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Os efeitos dessa *desorientação* sobre a neurose produziram um sonho em análise:

Sonho que a Rede Globo (uma grande empresa de televisão no Brasil) está transmitindo uma denúncia: uma cena de abuso na rua sendo transmitida em tempo real na reportagem. No canto esquerdo da tela, um mendigo vestido de trapos se inclinava para trás de uma coluna onde havia alguém; então me pergunto: gente, será que dá para dizer que isso é um abuso?

A partir desse sonho, aconteceu então para mim, uma passagem da A versão/aversão às versões; uma passagem da busca pela verdade a verdade como saber, e se coloca uma questão: Eu posso saber?

Falando sobre as consequências dessa passagem, numa sessão a analista interrompe e me diz na saída: “irmã Elynes”

Era justamente a “irmã” quem sustentava a Elynes desde que ‘ela se entende por gente’. Apesar das queixas que fazia a esse nome, soava familiar o “mana” ou “irmã Elynes”, porém, ouvir pela boca da analista *d’escola-da* soou *desentoadado*, promovendo um outro corte, uma possibilidade de separação entre irmã e Elynes.

Aconteceu nesse intervalo algo semelhante ao descrito por Maurice Blanchot em Thomas l’Obscur:

“parecia ser uma palavra, mas assemelhava-se mais a um rato gigantesco, de olhos penetrantes, de dentes puros e que era uma besta toda poderosa. Vendo-a a algumas polegadas do seu rosto ele não pode escapar do desejo de devorá-la, de trazê-la para intimidade mais profunda consigo mesmo. Ele se atirou sobre ela e, encerrando as unhas nas entranhas, procurava torná-la sua. (...), mas a luta com a besta medonha, que se revelara afinal de uma dignidade, de uma magnificência incomparáveis, durou um tempo que não se pode medir”⁴

Essa luta travada entre o sujeito e a palavra, a palavra faltosa, posto que não se consegue dizer tudo do sujeito, mas que insiste numa tentativa representá-lo, essa palavra falha, portanto, como é no seu conjunto, ao qual damos o nome de linguagem, agora *despregada* do seu lugar, separada do sujeito, ganha esse status monstruoso.

Essa separação produziu um sonho muito curioso, revelando o sentido e o gozo, na falha da construção fantasmática:

Sonho que entro pelo portão da frente de uma casa e percorro a lateral. Na parede da casa que dá para um quarto tem um buraco, como se tivesse sido atingida por uma bomba. Olho através do buraco e vejo três crianças deitadas cada uma numa cama com seus corpos em carne viva. Podia ver seus corações batendo e suas tripas se mexendo. Apavorada, me pergunto, quem fez isso?! Olho para o portão dos fundos da casa e vejo o Lobo mau; deduzo que foi ele. Corro em direção ao carro para fugir, mas quando passo bem próximo do portão onde ele está vejo que por trás do Lobo mau

³ Lacan, Jacques. *A Terceira*. In: *Textos complementares ao Seminário 22- RSI*. São Paulo, Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2022, pág 38.

⁴ Lacan, Jacques. *O Seminário - A identificação* – Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos freudianos do Recife, 2011. (2ª tiragem), p. 430.

está a Vovozinha; penso que eles estão juntos nisso! Entro no carro e vejo meu marido despreocupadamente sentado na varanda da casa; faço sinal para que ele fuja; tento explicar que o Lobo mal e a vovozinha estão aí, mas ele ri e faz pouco caso do que eu tento dizer-lhe.

“Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”⁵ foi isso que a operação do dizer sobre o dito produziu:

O medo do mal, aparecia na figura de bichos e bestas-feras apavorantes, em sonhos, ou mesmo no cotidiano, e teve sua expressão singular no Lobo mal – quem nunca teve medo do Lobo mal? O mal também fazia par com a vovó, que só queria saber da irmã mais nova, “a santa”, segundo ela. Na verdade, era pelo fato dela nomear minha irmã de “santa”, que *eu supus que a mim era reservado o contrário*.

Mas a saída do impasse da neurose, a separação necessária, não seria pela afirmação do contrário. Foi necessária uma *desposseção* do Outro e um exorcismo da “irmã” para que o corpo pudesse ressoar o dizer: “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”⁶

A “saída pelo contrário” – o contrário, que poderia se deduzir do trilhamento significativo - talvez fosse uma resposta à uma posição ética; passar da ética à *po-ética* – aquela que leva em conta o significante como causa do gozo⁷ - me fez dar uma terceira volta, uma volta a mais para consentir com uma posição de distinção, uma delicadeza, uma sutileza.

Sonho que faço duas sessões com a analista, sexta e sábado. No sábado à tarde vou ao consultório para pagar, mas me dou conta que poderia fazer uma transferência bancária. A analista diz (no sonho), por que você não paga o que resta de ligação com sua análise?

Minha mãe rompe os ligamentos do ombro e sem poder mexer os braços, ela precisa de alguém que a ajude com as necessidades básicas. Falo na análise sobre o meu incomodo com a aparadeira; a analista pergunta: o que é isso? Digo: é uma coisa que se mete entre as pernas para recolher a urina (resíduo). Ela responde/interpreta: *mettre?* (faire changer de lieu).

O efeito que essa interpretação produziu em mim, provocou um desvio de rota, uma mudança no destino, uma passagem da que apara, ampara – irmã! – para a que se mete, vislumbrando-se uma outra possibilidade TRANSMETTRE.

Porém eu estava enlutada; a inconsistência do sujeito suposto saber já tinha se evidenciado em várias situações; eu já tinha experimentado que o Outro falha, falta, e as sucessivas perdas experimentadas nesse momento, a morte da minha avó, a morte do meu sogro, o luto do meu marido pelo pai e o seu próprio adoecimento – ele foi acometido de meningite – fizeram coro com meu próprio luto e me detiveram naquele momento impedindo que eu enxergasse essa possibilidade (TRANSMETTRE). O que eu ainda posso perder?

Se tratava de consentir com a solidão; a solidão do “não há relação sexual”, da falha aberta pelo inconsciente atualizada na minha experiência aos 7 anos como no sonho relatado pelo paciente de Freud: “pai, não vê que estou queimando?”:

“Pai, eu queria dizer...”

– *“Espere, só esse lance aqui!”*

O Outro não socorre, não corresponde; não porque ele não queira; há uma impossibilidade lógica – ele não sabe.

Viajei para fazer minhas sessões presenciais.

⁵ Lacan, Jacques. *O Aturdido*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003, p. 448.

⁶ Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 23, O Sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007, p. 18. Aula de 18 de novembro de 1975.

⁷ Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 20, Encore*. Rio de Janeiro, Jorge Zhar Ed., 1985.

Me deparei com um defeito, ‘uma falha’, nas teclas onde se digitava a senha para entrar no consultório da analista. Não consegui entrar e mandei uma mensagem pedindo para que ela abrisse a porta para mim. Ela acionou o botão e abriu. Na sessão seguinte, horas mais tarde, de novo. Com receio de estar incomodando, resolvi esperar alguém sair.

Outra sessão, enquanto esperava alguém sair, um rapaz chegou e foi direto digitar a senha e antes que eu terminasse de dizer que o teclado estava com defeito, o portão abriu; ele me olhou desconfiado e entrou. Entrei atrás.

Entre uma sessão e outra, fui ver uma exposição: Amazônia, de Sebastião Salgado. Tinha sido justamente lá, na Amazônia, onde tinha acontecido a história da irmã, quando eu tinha 7 anos. Caminhando entre as fotografias retratando toda aquela exuberância da floresta, me dei conta como a ‘impressão do negativo’ daquilo que tinha acontecido, havia borrado o resto das coisas que eu vivi ali, na infância. Foi então que uma questão me ocorreu: O que me fez procurar essa analista?

Volto ao consultório para dizer, e impulsionada por esse novo saber sacado do ‘resto de ligação com minha análise’, digito a senha sem pensar e quando o portão abre, começo a rir; ao entrar na sala de espera ela abre a porta do consultório e eu digo: *Você não sabe* o que aconteceu, abri o portão sozinha. Rimos desse esp de um laps.

Nessa sessão ainda tentei resgatar algo como “*se você soubesse de onde eu vim...*” Mas quando eu disse isso soou completamente sem sentido, sem razão.

“Quando o esp de um laps – ou seja, (...), o espaço de um lapso – já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo”⁸

Só se chega ao esp de um laps experimentando em si essa redução/dedução lógica e sacando do seu trilhamento significante a distinção, o fora da série.

A experiência com o real, pelo dizer da interpretação que toca o corpo, proporcionou um destamponamento que na topologia dos nós chamamos de verdadeiro furo que se localiza entre o real e o imaginário no nó aplinado. O verdadeiro furo é onde se revela que não há Outro do Outro⁹. Talvez por isso, ao final dessa sessão, uma leveza impressionante tomou conta do meu corpo, como se o vento pudesse atravessá-lo.

Lacan pergunta no final do *Seminário 19 ...ou pior*, “o que nos liga àquele com quem embarcamos, ultrapassada a primeira apreensão do corpo?” Antes de responder essa pergunta, ele faz outra: de quem somos irmãos? A palavra “irmão” ela vai presentificar o discurso analítico na medida que serve para trazer à tona a tralha familiar e dar tratamento a ela. Na verdade, responde Lacan, somos irmãos na medida em que somos filhos do discurso, cujo efeito é o objeto *a*.¹⁰

A novidade dessa cura a meu ver, foi ter empreendido todo esse processo de separação sem romper os laços. Quase nada mudou e quase tudo parece ter mudado! É evidente que os laços tiveram que ser refeitos; foi necessário enlaçar de outro jeito as relações.

Esse novo enlaçamento só foi possível pelo fato de ter cernido a minha causa.

Como efeito desse fim pelo avesso, poderia citar uma “liberdade desorientada”, isto é, a orientação não está mais a serviço da escritura fantasmática sustentada pela irmã, como também suportar o aparecimento das “bestas-feras” de cada paciente sem me apavorar, isto é, estar presente quando for preciso.

⁸ Lacan, Jacques. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed., 2003, p. 567.

⁹ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 23. O sinthoma. Aula de 13 de abril de 1976. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007, p. 130.

¹⁰ Lacan, Jacques. O seminário, livro 19 ...ou pior. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2012.

Esse fim também teve consequências para minha relação com a Escola. Houve uma passagem da “inibição alienante”, que era a tentativa de me relacionar com os colegas como se fossem todos meus “irmãos de fé”, para o reconhecimento das diferenças: somos filhos do discurso.

Lembrei-me, para concluir, das palavras de Blanchot: “a comunidade não tem de se extasiar nem dissolver os elementos que a compõem em uma unidade supra-elevada que se supriria a si mesma, ao mesmo tempo que ela se anularia como comunidade. A comunidade não é, no entanto, a simples colocação em comum, (...) mas “manter a partilha de ‘alguma coisa’ que precisamente parece sempre já ter-se subtraído à possibilidade de ser considerada como parte a uma partilha: palavra, silêncio”¹¹

Cada nomeação, penso eu, é uma chance de, incluindo o dizer de Freud, segundo Lacan: “não há relação sexual”, presentificar a Escola como essa comunidade onde se pode partilhar o incomum.

O IMPERATIVO DA SOLIDÃO: SATISFAÇÕES EPISTÊMICAS, ENTUSIASMO EFÊMERO

Anastasia Tzavidopoulou

O ser falante é sempre só, trata-se de sua condição estrutural. Que o outro existe na medida que o pequeno outro ou que ele não exista na medida que o grande Outro – mesmo se o sujeito tende sempre a encarná-lo -, o efeito de solidão é sua marca na medida em que é a marca da linguagem; o mal-entendido será sua expressão, mal-entendido que porta algo sobre o gozo.

« O *eu* não é um ser, é um suposto ao que fala. O que fala só tem a ver com a solidão”¹, essa expressão é de Lacan. O “eu” do falasser, o “eu que falo”, “sujeito do verbo”², é um “eu” solitário que procura desesperadamente o Outro e sua garantia. A experiência analítica testemunha dessa posição própria ao sujeito falante. Esta solidão é reencontrada, e eu diria mesmo vivida, na análise. Em primeiro lugar do lado do analisante, ali onde o “eu” se depara com a queda dos ideais, com a ilusão de amor transferencial, com a não relação e a constatação do “Há do Um”. Mas também do lado do analista na medida em que a garantia do ato resta suspenso e verificado no só-depois, na medida em que o analista, ele mesmo, é atingido pelo “des-ser”.

Então se o ser falante é estruturalmente sozinho e se a experiência analítica nos faz reencontrar ou ainda viver essa solidão – e os outros afetos que a acompanham testemunhando – o passe, por seu dispositivo mesmo, a encarna, mas também a ultrapassa, eu diria até que a sublima. Ele a encarna na medida em que ele demonstra a solidão ali onde o sujeito analisante, que se apresenta ao dispositivo num momento temporal específico, se confronta, sozinho, com um imperativo subjetivo que não leva em conta as circunstâncias da realidade; e ele a ultrapassa porque ele supõe um endereçamento. Esse imperativo toma a forma de uma escritura, ou sobretudo de um escrito, eu completo a frase de Lacan: “O que fala só tem a ver com a solidão, no ponto da relação que eu só posso definir dizendo, como o fiz, que ela não pode se escrever. Essa solidão de ruptura do saber, não somente ela pode se escrever, mas é mesmo o que se escreve por excelência, o que de uma ruptura do ser deixa rastro”³. Solidão de ruptura do ser e também de ruptura do saber, saber *interdito* sublinha Lacan com a condição de o escrever convenientemente, quer

¹¹ Blanchot, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013, p. 19

¹ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro XX, Encore*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 128. Aula de 15 de maio de 1973.

² Idem, p. 127

³ Idem, p. 128

dizer *inter-dito*, dito entre as palavras⁴. Este dito entre as palavras se confronta com o limite do saber inconsciente: solidão de ruptura do saber. É aquela solidão que se escreve por excelência no lugar da ausência de relação.

É aqui que nós oferecemos uma solução? Que resposta a esse imperativo da solidão senão o imperativo do laço social?

Se trata de um imperativo que se impõe, aquele da solidão que “pode se escrever”, mesmo se o verbo “poder” não refira a nenhum imperativo. Esta solidão chega aonde o saber inconsciente não responde e ela surge como “um rastro onde se lê um efeito de linguagem”⁵. Eu deixo o equívoco *lit/lie* (do verbo ler ou do verbo ligar). É a sequência lógica que leva ao imperativo de um questionamento e cujo escrito é segundo, mas necessário. “O escrito não é primeiro, e sim, segundo, em relação a toda função de linguagem, e que, no entanto, sem o escrito, não há nenhuma possibilidade de voltar a questionar o que resulta, em primeiro lugar do efeito de linguagem como tal.”⁶

Este escrito de ordem lógica, não possível sem a linguagem, vem no lugar do limite da palavra e do saber inconsciente com esta forma que pode sustentar um paradoxo, uma aporia e sobretudo uma singularidade. A fantasia, único negócio do sujeito, na forma de seu escrito, seria o paradigma.

Lacan na sua « Proposição » de 1967 evoca que o passe “se forma do modelo do chiste, do papel da terceira pessoa”⁷. No rastro de Freud, Lacan sublinha a terceira pessoa a quem se endereça o chiste, e precisa: “Não existe humor solitário”⁸. O chiste só se realiza quando a terceira pessoa percebe o “pouco de sentido” e autêntica o “o não sentido” com o equívoco do “pas” que a língua francesa nos faz escutar⁹. O passe, modelo do chiste na sua função de lampejo, modelo de um sentido “além daquilo que fica inacabado”¹⁰, seria um modelo de um laço com, algumas vezes, a produção de um riso não forçosamente da ordem do cômico.

Se trata, no dispositivo analítico, de dois momentos. Do movimento da solidão que diz respeito a nossa relação com o saber inconsciente e seus limites em relação àquilo que se endereça, que se comunica, primeiro a um dispositivo, e por consequência a uma Escola. E também de um movimento que concerne ao escrito. A solidão se escreve e tem na sua fórmula, uma letra que é própria ao sujeito analisado; esta solidão que se escreve é uma forma de imperativo, que demanda também um lugar, ela demanda ser comunicada, ouvida e recebida, mesmo se nós não sabemos isto que virá preencher essa comunicação¹¹.

Mas existiria também um terceiro movimento, aquele que marca a passagem à analista e consequentemente a posição de analista que precisa “uma experiência da qual não sabemos responder”. Se nós seguirmos Lacan no seu “Discurso à Escola freudiana de Paris” o “ser só” do psicanalista cobre o “ser o único” e se torna o acompanhante da solidão¹².

Se não existe « homossemia » entre “ser sozinho” e “ser o único”¹³, teria uma dialética a ouvir. Porque o analista, se ele é o único para o analisante, o único que porta a transferência e o amor ao saber, o único

⁴ Idem, p. 128

⁵ Idem, 129.

⁶ Lacan, Jacques. *O Seminário livro 18, De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2009. Aula de 17 de fevereiro de 1971.

⁷ Lacan, Jacques. *Discurso na Escola Freudiana de Paris*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 265.

⁸ Lacan, Jacques. *O seminário, livro 5, As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 102.

⁹ Em francês, o “pas de sens” pode ser escutado tanto como “o não sentido” como “passo de sentido”

¹⁰ Idem, p. 103

¹¹ Idem, p. 108.

¹² Lacan, Jacques, “*discurso na Escola Freudiana de Paris*”, op. cit. P. 262: “Eu não posso fazer melhor, para honrar os *non licet* que colhi, do que introduzir a evasiva extraída de um viés peculiar, a partir do “ser o único” mediante o qual há quem se atribua o mérito de saudar a mais comum das ênfatuações na medicina, não para lhe superpor o “ser sozinho”, que para o psicanalista é justamente o passo com que entra em seu consultório a cada manhã, o que já seria abusivo, mas para, desse ser o único, testemunhar a miragem que faz dele o capelo dessa solidão.”

¹³ A autora joga com a língua francesa: “être seul” e “être le seul” que em português fica “ser sozinho” e “ser o único”.

objeto, ele é também o único frente a seu ato, único a ser atingido pelo “des ser”. Mas como Sophie Rolland-Manas assinalou no seu prelúdio, ele não é o único a ser sozinho, um laço se impõe.

O sujeito analisado que passou pelo dispositivo do passe e se tornou analista, “produto de sua experiência”, tendo circunscrito sua singularidade, assinado o escrito de sua solidão lá onde o saber faz falta e experimentado a solidão do ato analítico, é levado a seguir um destino, aquele do laço numa Escola de psicanálise. Seguir um destino, é assim que eu escuto o imperativo do laço: como Escola, mas sempre no sentido antigo do termo, Escola-refúgio, σχολή, que se escuta também como uma certa suspensão temporal, como uma trégua, um respiro. É nesse lugar onde o sujeito analisado que passou a analista virá depositar sua solidão, *não como afeto, mas como escrito*, sob uma fórmula que lhe é própria e singular? Esta sublimação da solidão é sustentada por alguma satisfação epistêmica inédita, e as vezes também é sustentada por um entusiasmo, mesmo que efêmero. Esta sublimação da solidão sustentará um narcisismo que fará imperativamente um laço, apesar de todos os desentendimentos, das diferenças ou mesmo das divergências que um laço social implica? Isso nos leva a colocar uma questão: Um analista poderia sustentar seu ato e orientar o inconsciente, única política, sem um laço com a Escola?

Tradução: Elynes Barros

Revisão: Glaucia Nagem

POLÍTICA DO INCONSCIENTE

Bernard Toboul

*“O laço social só é real
quando integrado no sistema”,*

*Claude Lévi-Strauss,
Introdução à obra de Marcel Mauss.*

O laço social não é apenas objeto de uma expectativa subjetiva, de uma defesa contra a predação espontânea das bestas humanas ou de uma esperança de vida relacional. É estrutural, como Lévi-Strauss dizia e como Lacan escreveu sob a forma de “discursos”. Como existem vários discursos, existem vários tipos de laços. Minha pergunta é: e o que dizer do laço que engendra o inconsciente?

O inconsciente não é um coroinha. Esta é a primeira das teses freudianas que se desdobra desde o desejo edipiano de assassinato até as aberrações da sexualidade humana ao se aproximar do objeto. Freud e Ferenczi, nos primeiros tempos de amizade, contavam uma piada particular: para nós, analistas, nada que seja desumano nos é estranho.

A versão de Lacan disso é o discurso do mestre, tendo como pano de fundo a dialética hegeliana do senhor e do escravo, e sua crueldade à qual Lacan tantas vezes se refere.

Vejamos, a partir daí, como a política do inconsciente é formulada de modo estrutural, como os discursos respondem a ela e como o discurso do analista responde a ela. Vasto programa. O tempo disponível obriga-me a ater-me a três pontos essenciais.

1.O sujeito é representado por um significante para outro significante; esta famosa frase designa tanto a emergência de um sujeito-do-inconsciente quanto seu assujeitamento que o faz desaparecer sob a barra (a fórmula do discurso do mestre e do discurso do psicanalista será apresentada em retroprojeto). Esse surgimento e desaparecimento resultam em um saber que não se sabe. Observo que esta é também a definição de Lacan do recalque originário freudiano, e o recalque originário é de fato, de acordo com

Freud, a condição para o surgimento de um inconsciente, mas ao custo de "permanecer sob" (Freud e Lacan).

A partir daí, surge uma tensão pelo saber que assumiu mil formas de teorias e práticas ao longo dos tempos. Eles moldaram laços sociais de natureza política. Aqui está uma citação de Lacan (O Averso da Psicanálise): “a ideia de que o saber constituir uma totalidade é... imanente ao político como tal”¹. No nosso tempo, esta tensão no sentido de “tudo saber” assume a forma de burocracia, diz Lacan. Podemos acrescentar: tecnocracia e informação (no jargão administrativo em vez de preencher um formulário, agora somos solicitados a “informar”). Lacan fala aqui de uma “nova tirania”. Consistência de sua preocupação com toda a totalidade e seus lampejos na política.

Primeira conclusão desta apresentação, a política do inconsciente está presa numa alternativa: ou o *hommemoisun* ou o “não-toda”.

Reservo, aqui, para discussão as duas principais teses de Lacan após 68: a inconsistência do Outro, mesmo a sua inexistência, e o além do Édipo. Por enquanto, isso me salva das armadilhas em que certos psicanalistas oscilam, para alguns na nostalgia do patriarcado, para outros, no oportunismo político de querer ter uma palavra a dizer sobre a atualidade e suas modas. Lacan, de fato, sempre se manteve, não sem ironia, um degrau abaixo de qualquer incursão ideológica dos psicanalistas.

2. O segundo elemento estrutural determinante se escreve $S1/\$$. Este é o momento nuclear da lógica do inconsciente, a Identificação – é o matema. O sujeito se identifica, tomando um traço do Outro, traço unário dito por Lacan, em 1960, estado primário, mínimo, originário do significante. A identificação é, para um sujeito, “ser como”, raiz do ideal do eu e outras “causas” sempre perdidas. Este encontro com o primeiro S_1 é traumático. A *Instância da Letra* fala do “significante enigmático do trauma”, que designa o primeiro S_1 recalcado. É o cerne do sintoma e a matriz das formações do inconsciente.

Porém, se o discurso do mestre é o avesso da psicanálise, isso implica que o discurso do psicanalista desestrutura um inconsciente organizado a partir da assujeitamento do sujeito-do-inconsciente e reestrutura as coisas de uma forma diferente.

Já ilustremos isso no primeiro ponto. O tratamento analítico coloca o saber ao trabalho. O desconhecido é chamado a jogar o jogo da verdade. Verdade paradoxal que só pode ser dita nos equívocos das formações do inconsciente e nos paradoxos do sintoma. O tratamento implementa um novo laço, uma transferência onde um saber que não é sabido é colocado ao trabalho o endereçamento de uma suposição de saber. Um novo saber se revela lá.

A análise mantém então o terceiro ponto chave ao alcance das mãos, da língua e do ouvido: a fantasia.

3. A apercepção do objeto foi oferecida ao sujeito do inconsciente como saída de sua sujeição ao significante. Mas, novamente, o sujeito não é o mestre. Ele não tem controle sobre seu gozo. Está escrito $\$ \langle \rangle a$. O sujeito falha no lugar de seu objeto. Assim, Lacan diz que a fantasia não pode ser escrita no discurso do mestre.

E é na direção oposta que opera o discurso do psicanalista onde a parte superior é a $\rightarrow \$$. Operação principal de uma análise, a construção da fantasia.

Contudo, o destaque dos significantes primordiais, os S_1 , ocorre no mesmo movimento deste ato que coloca o mais-de-gozar, o pequeno a , na posição de agente. Lacan expressa isso no final de *Radiofonia* “submeter a questão do mais-de-gozar, a passagem do sujeito ao significante do mestre”².

A política do laço recebe duas inflexões sob efeito do tratamento analítico:

- Se a relação com os pequenos outros acaba sendo teleguiada pela fantasia, o que isso muda? A chamada “travessia” da fantasia permite-nos ser menos cativos, menos ingênuos em relação ao que nos excita e

¹ Lacan, J. *O Seminário – Livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 29.

² Lacan, J. “Radiofonia” (1970) in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 446.

nos faz gozar. A relação com os pequenos outros nega a captura através do mais-de-gozar. Para alguns, isto será encarado à distância, para outros uma posição cínica (o jogo de palavras de Colette Soler “narcinismo”). É assim que leio o que Lacan chama de “lixo decidido”, pois o lixo é o do objeto, cernido com conhecimento de causa, e não o lixo de um sujeito cínico e que se contenta em sê-lo.

- Mas como dissemos, simultaneamente, ocorre no tratamento a atualização dos significantes S_1 , ou seja, dos polos identificadores. $S_1/\$$, a esquerda da fala do mestre é o avesso de $\$/S_1$, a direita da fala do analista. A “travessia do plano das identificações” de que fala Lacan no Seminário XI é uma política da psicanálise que frustra os efeitos políticos da estrutura do inconsciente. Na verdade, a identificação é o mecanismo que, na política, produz o mestre, o líder, o Führer, como diz Freud em “Psicologia das Massas”, capítulo VII. Portanto, a psicanálise é o crepúsculo dos ideais.

Sair do assujeitamento aos significantes unários abriria a potencialidade para um laço social que o liberasse deles?

Se, como diz Spinoza (Spinoza e Maquiavel são mentes claras em política), o objetivo de qualquer instituição é perseverar no seu ser, funcionar em obediência, a questão é: o achatamento do elo identificador muda a situação?

Ainda é necessário que o analisando ou a analisante se apoie nessa desidentificação tendo por suporte o que se chama de “dessa” da referência, do sujeito suposto saber, portanto do Outro.

Questão para qualquer laço com alguma instituição ou mesmo para qualquer posicionamento em relação à sexualidade. Mas já não estamos aqui na política do inconsciente, mas na política de uma análise acabada.

Tradução: Andréa Hortélio Fernandes

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

2ª MESA

CRENTE SEM RELIGIÃO

Dimitra Kolonia

Não poderia ter ocorrido em pior hora, esse o do momento de abertura do inconsciente que me conduziu a entrar no dispositivo do passe. Mas o inconsciente, ele só se autoriza de si mesmo. Tesoureira, na sede de nossa Escola na França, debatia-me com os contadores e as contas em preparação para a Assembleia Geral. Assim, nesse contexto, o passe e o desejo do analista eram a última de minhas preocupações!

E mesmo assim! Um acontecimento, algo foi para mim um acontecimento, e do qual eu tive a iniciativa, sem poder antecipar seus efeitos - que esteve na origem desse momento no qual o inconsciente se impôs a mim, com uma série de formações, sem descanso, durante vários dias.

O que teriam sido essas formações sem a Escola, já que elas foram produzidas fora da transferência da cura, muitos anos após o término de minha análise? Acredito que foi graças à Escola, nesse vínculo com a Escola, que elas não se perderam em um impasse e que puderam ser interpretadas como tal, encontrando sua saída na oferta do dispositivo do passe.

Portanto, o momento não poderia ter sido pior, exceto que fora preciso. A análise me ensinara que devemos aproveitar aquilo que nos é ofertado. Que o momento adequado não é o momento idealmente confortável. Então, o que fazer?

Eu sempre pensei que eu faria o passe se algo do inconsciente se impusesse, se manifestasse, como foi em meu caso. Mas até que chegasse esse momento, nunca me ocorreu que isso não seria suficiente. Que também seria preciso uma decisão, aquela, a do sujeito, de entrar ou não no dispositivo.

O que poderia ser feito com o passe, em um contexto em que até mesmo pensar sobre ele era impossível?

Relato.

O adiamento não era novidade para mim. Os primeiros passos de minha vida foram marcados por um adiamento. O adiamento do passe, da decisão, foi uma escolha, ao contrário daquele do início de minha vida, sofrido e imposto por equipe médica, com o objetivo de evitar um efeito que teria sido irreversível no nível do corpo.

O efeito irreversível foi evitado, mas foi a solução proposta que deixou sua marca no corpo, fazendo-o sofrer. Foi nesse mesmo contexto que data o significante que deixou seu rastro indelével em minha fantasia. Um significante, vindo de um Outro, mas que se tornou meu, pronunciado por alguém próximo a mim, que falava de mim. Eu cresci com esse significante, eu me construí com ele, ali ele sempre esteve circulando na narrativa familiar; no entanto, isso não o tornava menos recalcado. Não apenas eu não fazia nenhuma conexão, mas, acima de tudo, sua obviedade, sua presença fiel desde o início e sua injunção, não deixavam espaço para questionamentos.

Foi graças à análise que pude localizar seu valor como fantasia, quer dizer, graças à historização que ele adquiriu sentido e que consegui identificar que estava assujeitada a esse significante. Foi necessário um longo trajeto para fazer uma primeira articulação e identificar que esse primeiro significante, o significante primordial do trauma, havia sido recalcado e substituído por um outro, um sinônimo - mas irreconhecível sem análise-, ocupando seu lugar em uma frase, uma proposição, dessa vez a minha, que não cessava de se declinar desde minha tenra infância. O que quer que acontecesse, eu sempre acabava no mesmo lugar e essa repetição, essa confirmação incansável, era a força mesma de sua veracidade! Não havia espaço para questionar uma verdade que se confirmava por sua própria repetição.

Somente ao final de minha análise que isso foi possível e da qual hoje extraio alguns momentos de ensino, sem os quais eu não teria encontrado a saída e que também me marcaram por sua progressão lógica, indispensável para a conclusão.

Foi durante essa fase final de minha análise que algo aconteceu comigo. Não tinha nada a ver com o acontecimento do início de minha vida; não era de minha autoria, no sentido de que não fora produzido por um sintoma e nem a ele estava ligado, tampouco era um produto do momento lógico do fim da cura. Entre outras coisas, tinha colocado entre parênteses o final de análise. Adiamento. Ainda sofria. Não questionei a tristeza que se seguiu. O fantasma ainda não havia sido detectado e o espaço que havia começado a se abrir na cura ao questioná-la foi imediatamente fechado. A única resposta possível ao que estava acontecendo comigo era a mesma de sempre: um retorno ao fantasma, para o qual qualquer ocasião é uma boa oportunidade de transformar qualquer evento em um encontro perdido.

A identificação da verdade mentirosa que é o fantasma veio de dois sonhos e da constatação de uma incoerência lógica.

Nesses sonhos, a questão da castração, e então da morte, estavam em primeiro plano. O que parecia ser verdade de início, confiando no que parecia e permanecendo como espectadora das duas cenas, deixou de ser quando, em um segundo momento, ao fazer algo, movendo-me, ao assumir uma posição ativa, a óptica da cena se inverteu pois o que se passava na realidade não tinha nada a ver com o que eu poderia

crer se não tivesse mudado de posição e perspectiva. A conclusão a que cheguei em ambos os sonhos foi a mesma: "o que parece, mas não é". Assim o formulei.

"O que parece, mas não é". Eu conhecia muito bem essa lógica. Foi o truque que encontrei, ainda criança, para contornar meu supereu, quando ele me forçou a dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, mesmo que eu não o quisesse. Incapaz de me livrar desse imperativo do supereu, tentei enganá-lo e brincar com a verdade, apoiando-me no que sempre me motivou, desde muito cedo, a saber, brincar com as palavras e equivocá-las. Dessa forma, eu dizia a verdade enquanto fazia o outro crer que estava dizendo outra coisa e não o que parecia ser dito, mesmo que na verdade já fora dito. De acordo com essa mesma lógica de "o que parece, mas não é", esse jogo sempre me agradou bastante.

Abro aqui um parêntese pois não posso deixar de pensar no tema de nossa Jornada de Escola, "O imperativo do laço social", e o contraste que isso faz com o imperativo do supereu do qual estou falando. O imperativo do supereu, uma injunção feita ao sujeito, o imperativo de dizer toda a verdade, empurrando-o para o gozo. E o imperativo do laço social, por exemplo, em uma articulação com a Escola, que eu não entenderia como uma injunção, mas como uma emanção de uma posição assumida por um sujeito diante do real e do gozo no final de sua análise, em sua escolha de ocupar, para os outros, a função de analista. O imperativo do laço social como um "*pas sans l'École*"¹, que permite pensar a análise, amenizar e compartilhar o ato solitário, possibilitando a formação de analistas.

"O que parece não é". Inevitavelmente, esse jogo lógico que me era tão familiar, e com o qual eu mesma brincava com a verdade, não podia mais deixar de me desafiar e começar a abalar a verdade da fantasia.

Paralelamente, começava a questionar a validade da minha posição, da minha ótica, induzida pelo meu fantasma, que ainda não havia sido identificado, como uma resposta a esse acontecimento real que me abalara durante a fase final da minha análise. Minha posição, de uma radicalidade feroz, que não deixava nenhuma possibilidade em aberto, fez-me lembrar de algo. Eu já sabia disso. Estava lá, ela se declinava, sempre a mesma, desde os meus quatro anos de idade.

E, acima de tudo, pela primeira vez, percebi uma falha em sua lógica temporal. Essa posição, tão absoluta e verdadeira, só era válida no presente. Uma vez passado o presente, mesmo que a situação permanecesse a mesma, a proposição caducava para o passado (é assim agora, antes não era). A lógica ganhou vida própria! O lugar para o qual fui atribuída (ao qual meu fantasma me atribuiu), eu acreditava estar aqui e agora, no presente. Uma vez que tornada passado, não era mais verdade para o passado, mesmo que naquele momento eu tivesse sempre acreditado!

Acreditava nisso com a força do ferro. Tal como uma crença sem religião. Uma crença na verdade, nessa verdade que me era familiar. Mas sua lógica começava a tropeçar. Em que acreditar? "O que parece, mas não é". Eu me vi desconfortavelmente dividida em minha análise. Por um lado, o que eu sempre conheci, uma crença, não um saber, que me era familiar, minha, desde o início: essa verdade, cuja miragem ainda não havia sido detectada. Por outro lado, uma incoerência na lógica que colocava em questão o cenário fiel.

Eu costumava dizer em minha análise: "Não acredito no que acredito. Em que acreditar?"

A travessia do fantasma, identificar a verdade mentirosa do fantasma, foi igualmente uma travessia de satisfação para mim. Uma satisfação que atravessou também o corpo. E surpresa, pois jamais pensei que o saber pudesse me dar satisfação.

Uma vez circunscrito o fantasma, sua verdade perdeu consistência (sua garantia). O momento, e o processo de análise, foram algo divertido e interessante aos meus olhos, com as inversões lógicas e os jogos de "o que parece, mas não é" que tanto me animam e que, sem dúvida, participam dos rastros que me engancham nessa função de analista. Eu me dizia que seria preciso de humor ao final de uma análise

¹ Mantido o original em francês a fim de preservar o jogo equivocador feito pela autora com a palavra "*pas*" em sua dupla significação: por um lado, "passo sem a Escola", por outro, a estrutura negativa-afirmativa, "não sem a Escola".

para passar de uma crença cega àquela que nós nos aferramos com tanta força, para vê-la ao fim se desfazer de maneira tão simples.

O momento era apropriado para dizer adeus à analista, a qual não me deteve. Mais uma prova de que eu tinha terminado minha análise! E mais uma ideia preconcebida! Essa parada, que não foi o fim da análise, trouxe à tona a tristeza que havia permanecido silenciosa desde o acontecimento que tinha tanto me abalado.

Essa parada foi um momento crucial em meu percurso analítico e, ao que me parece, somente a concepção de tempo lógico, e não cronológico, pode permitir sua leitura. De acordo com a hora do relógio, poderíamos dizer que essa parada não ocorreu, pois, na realidade, não faltei a uma única sessão, entre aquela que deveria ser a última e a seguinte, quando me deitei no divã me perguntando se algo poderia ser feito com essa tristeza que, de outra forma, eu seria capaz de suportar.

Essa pausa foi um verdadeiro corte e significou muito para mim. Foi também uma decisão de saída prematura, a julgar pelos efeitos de tristeza que foram mais sentidos quando parei. É uma leitura que fiz depois. Porque, na época, eu não entendia o que estava fazendo na análise. Todos os elementos estavam lá: a verdade mentirosa, a satisfação, minha analista não havia me impedido; eu estava convencida de que havia terminado minha análise. Então, por que eu estava de volta ao divã? Bem, para fazer um "SPA analítico", foi assim que nomeei esse retorno, para diferenciá-lo do processo analítico!

Foi nesse período, mais amplo, de parada e retomada, que houve uma abertura do inconsciente com uma série de sonhos muito significativos sobre o encontro sempre perdido, no qual, por exemplo, não importava o contexto, eu sempre perdia o ônibus ou chegava atrasada ao casamento dos meus pais. Mas também sonhos sobre o fim da análise e o desejo do analista, todos eles ligados à nossa Escola e ao passe, porque produzidos em seguida a uma jornada de Escola durante um encontro internacional.

E então, depois dessa abertura do inconsciente, nada. O deserto. Um longo período começava, no qual nada aconteceu. Nenhum sonho, nenhuma associação livre. Eu não entendia o que estava fazendo em análise. Mas uma análise vai mais além do espaço da transferência e não se termina no limiar do sentido e da verdade. O que mais me confundiu fora minha crença de que, se minha análise não tivesse terminado, minha analista não teria me deixado ir embora sem me advertir disso.

Felizmente para mim, ela não o fez. Isso permitiu que eu passasse por minhas próprias voltas e reviravoltas lógicas para encontrar a saída. Ao confrontar os impasses de meus questionamentos, minhas crenças e preconceitos, constatei que cada análise é única, que cada final de análise, a despeito dos tempos lógicos, também é único. Que o analista não tem uma única maneira de fazer as coisas, uma para todos, de uma vez por todas, mas que suas manobras dependem do analisante e do momento da cura. Nada de novo, exceto pelo fato de que, para mim, foi um ensinamento por meio de minha própria experiência, testado.

Permanecer sem a autorização do Outro, decidir sozinha, nesse movimento de separação do Outro que é a análise, desde o primeiro dia, isso colocou o ato à prova. Meu ato. O fato de ter decidido sozinha não queria dizer que eu estava sozinha nesse momento de conclusão. Minha experiência me mostrou que a presença da analista foi necessária, para mim, até o último dia do processo. Ao que me parece, a queda do sujeito suposto saber (SSS) não significa que o analista, durante a fase do fim do processo, nesse mais além da associação livre, que ele não seja mais necessário.

Então, o que eu vinha fazendo em análise? Tentei responder a essa pergunta, mas não consegui. Por exemplo, o analista não sabe necessariamente quando o analisante terminou sua análise. O analista sabe quando uma análise terminou? Podemos terminar uma análise e continuar a ir. Mas então, para quê? O que é analítico?

A solução veio, motivada por uma apresentação de um paciente e uma discussão sobre a tristeza como covardia, uma discussão que me devolveu à minha tristeza, na verdade não mais a minha, mas essa atribuída ao acontecimento externo. Eu não tinha nada a ver com o evento e, portanto, não tinha nada a

ver com o afeto! Mas eu também acreditava... em Lacan! Não sou uma covarde, então o que eu estava fazendo com essa tristeza que perdurava todo esse tempo?

Entrei em um jogo lógico de perguntas e respostas, que foi também o último, um diálogo interno endereçado a mim mesma. Minhas perguntas intentavam desestabilizar minha crença, quer dizer, que esse afeto estava fora de mim e que minhas respostas tentavam fechar minhas questões imediatamente. Foi assim que me deparei com a pergunta definitiva:

Qual é a responsabilidade do sujeito diante do que lhe cai no colo, mesmo quando não é obra sua? O fato de algo não ser de autoria do sujeito, isso lhe dá mais legitimidade para gozar?

NÃO, foi minha resposta.

Uma dedução lógica, a partir dessa posição: se eu continuo triste é de minha responsabilidade e, portanto, esse gozo é meu.

Foi um forte momento, quando me vi diante de uma decisão a ser tomada. Foi assim que vivenciei essa experiência. Uma posição a ser tomada diante desse real. E fiquei surpresa, em relação ao passe, tal como ao final da análise, por me encontrar de uma forma inesperada, ao menos para mim, diante de uma decisão a ser tomada novamente, de entrar ou não no dispositivo.

Uma vez identificado o gozo, como meu, a conclusão estava lá e com ela uma afirmação:

"Agora eu sei como interpretar um sonho", eu disse em sessão. Essa afirmação, que veio como um ponto final, que viria graças à conclusão, remeteu-me a dois momentos diferentes em minha análise que adquiriram sentido juntos e que foram articulados nesse momento de fim.

O primeiro, uma irritação um dia endereçada à minha analista, que nunca havia interpretado nenhum dos meus sonhos. Eu dissera a ela: "Vou terminar minha análise e não saberei interpretar um sonho"! Foi a única vez que minha analista interpretara um sonho, trazido naquele dia, que, aliás, não era um sonho qualquer, pois se referia ao meu desejo.

Segundo momento, anos depois, no período do final de minha análise, um sonho: minha analista me conduz em supervisão. Estamos em um carro, ela está dirigindo e eu estou sentada no banco de trás. Em um determinado momento, saímos da rota (isso está ligado ao acontecimento que me ejetou de meu percurso) e minha analista dirige furiosamente em direção ao vazio. Apesar das leis da física, não caímos e ela recupera o caminho na próxima curva.

Eu digo a ela: "você dirige o carro tal como conduz a cura".

Ela responde: "Estou usando as marchas cada vez menos" (no sonho está implícito que só é preciso o volante).

"Isso passa ou isso quebra", respondo.

Chegamos diante de um campo e paramos, cara a cara. Fim do sonho.

O volante que é preciso, destilado da direção de minha análise, eu o interpretei como uma bússola a ser mantida diante do real e do gozo. Era o que restava para ser identificado, depois que eu havia localizado o significante de meu e que não era um SPA analítico aquilo que eu estava fazendo!

A tristeza se evaporou. E embora eu sempre tenha rido de muitas coisas, é a partir dessa verdade, "o que parece, mas não é", que posso rir com e do meu inconsciente! Poder fazê-lo, isso tira o peso de meus ombros e me agrada bastante!

Tradução: Leonardo Assis

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

O LAÇO APESAR DE TUDO

Dominique Touchon Fingermann

*Laços
Cordas feitas de gritos
Guillaume Apollinaire*

« O imperativo do laço », tema desta Jornada de Escola, responde ao problema lançado pela Convenção europeia da IF « A ética da singularidade » como se este binômio viesse formular o alcance político da psicanálise e sua exigência paradoxal de conexão do Um com o Outro, do início até o final dos laços desenhados pela transferência. Nossa Escola julgou pertinente interrogar o paradoxo aparente de um imperativo do laço para um discurso orientado pela ética da singularidade.

- O imperativo do verbo

No início trata-se de um laço a todo custo: escolha forçada da alienação apesar da separação primeira entre um e o outro. Escolha, “insondável decisão¹” que não dispensa o Dizer...ou pior? A alienação, “o imperativo do verbo²” produz o *falaser* e este objeto que resta, mas não fica quieto, “este nada que se sustenta de seu advento³”, lugar entre corpo e letra, como diríamos entre couro e carne, lugar em potência do ato do Dizer. O Discurso do Mestre seria o matema que escreveria este imperativo do significante que comanda e engaja este laço marcado pelo impossível.

Freud havia indicado a libido como o órgão do laço e desenhado o circuito da pulsão que desde o corpo, se liga com as representações antes de encontrar o objeto qualquer que a satisfaz – amarração precária e efêmera que voltará de novo e de novo sobre a fonte corporal. Um dos primeiros esquemas da aparelhagem “psíquica” do corpo passando pelo outro e seu desencontro, chamado “o esquema da sexualidade”,⁴ evidencia muito bem este nó sempre recomeçado.

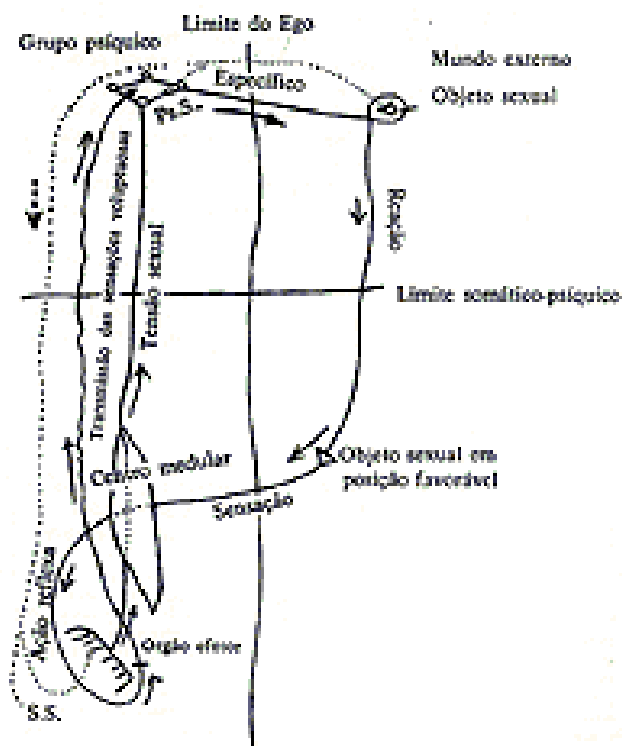
¹ Lacan J. Formulações sobre a causalidade psíquica, in : Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 179.

² Lacan J. Função e campo da fala e da linguagem, Escritos, p. 323.

³ Lacan J. Position de l'inconscient, in Escritos, p. 849.

⁴ Freud S Carta 21 (17 de dezembro de 1894. In: Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904 / Jeffrey Moussaieff Masson; tradução Vera Ribeiro. -Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.100.

I. QUADRO ESQUEMÁTICO DA SEXUALIDADE



A primeira qualidade da libido é, portanto, este « fazer laço » que topará com a repetição “daquilo que não se liga”, pulsão de morte segundo Freud. Lacan a renomeará “gozo” o que entre outras coisas, é uma maneira de indicar a potência de sua insistência e ele precisará progressivamente o plural dos destinos de este fora de medida absolutamente singular, íntimo/*éxtimo*, do qual ele proporá escrita.

Todos os esquemas, grafos, matemas, a topologia das superfícies e a dos nós, que pontuam o ensino de Lacan, todos escrevem este laço, sempre no corte, em pontilhados, em descontinuidade, entre o corpo e o significante.

Todos escrevem este lugar “entre” o Um e o Outro, que a matemática escreve como o conjunto vazio, e onde nós podemos com Lacan escrever o lugar da ex-sistência do Dizer.

Desde o início, portanto, o corpo falante se enoda com estas “*Cordas feitas de gritos*”. Ele se amarra, esbouçando este nó, que trança as três consistências para escapar ao desamparo da

Hilflosigkeit. No entanto é preciso o Dizer, para que tudo isso se sustente e retenha os corpos invisivelmente. É também neste ponto que começam “estes singulares emaranhados”⁵⁶ ou seja os embaralhamentos, que de um ao outro, produzem incríveis sacos de gatos.

⁵ Lacan J, *Encore Séminaire livre XX* Seuil, Paris p.120 *Néanmoins, il est clair que le lien privilégié du premier rond au second et de l'avant-dernier au dernier continuant à valoir, l'introduction du premier et du dernier dans le chaînon central y entraîne de singuliers enchevêtrements.*

⁶ A autora oferece a versão Seuil. Optamos por manter a nota 5 de acordo com a versão da autora: “No entanto, é claro que o lugar privilegiado do primeiro elo ao segundo e do penúltimo ao último continuando a valer, a introdução do primeiro e do último no encadeamento centrar e conduz a estes singulares emaranhados.”

- Um” laço de exceção”⁷

É neste ponto que pode começar uma análise e seu tratamento dos nós e dos seus embaralhamentos, por um laço fora do comum.

A angústia, tanto quanto o sintoma, testemunham do Um-Sozinho que procura a quem falar. A queixa pode encontrar um endereço e colocar o sujeito em questão e no trabalho da transferência. No entanto, é preciso o Dizer, aquele que suporte a demanda, e é preciso que encontre o “bom ouvinte”. É neste ponto que o Discurso Analítico está posto na berlinda e na provação do laço que ele pode proporcionar para que a análise siga e encontre seu fim.

É imperativo que o laço social a dois que « do analista » suporta, responda em conhecimento de causa à carência da relação. A “responsabilidade sexual”⁸ do analista consiste em pôr no comando deste laço de exceção o objeto que não faz relação. Assim, um analista é aquele que se distingue pelo seu saber-fazer, sua disposição para assegurar um discurso, um laço, um dispositivo “cujo real toca o real”⁹.

Como aquilo que não faz laço pode tocar aquilo que permanece estruturalmente fora de alcance? De fato, o dizer da interpretação dá lugar para o dizer da demanda analisante. É como se “do analista” seja seu silêncio, seu ato, se inscreveria em descontinuidade, nos ditos do analisante, forçando aí o conjunto vazio que cada um contém e remetendo ao ponto de partida do ato da enunciação inapreensível. Ele sustenta a impossível relação que o laço analítico supre: transferência, de amor que se enderece ao saber, e que por sorte encontra neste laço de exceção o dizer da interpretação, ou seja, a posição, o lugar do inconsciente, real. É assim que leio esta frase surpreendente de Lacan: « *Todo amor se suporta de uma certa relação entre dois inconsciente.*»¹⁰

Apesar do “ não há amizade que este inconsciente suporte »¹¹, não posso não citar aqui Blanchot e sua versão do laço que ele chama amizade : “ Nós devemos renunciar conhecer aqueles com quem nos liga algo essencial; quero dizer que devemos acolhe-los na relação com o desconhecido com o qual eles nos acolhem, nós também em nosso afastamento... a amizade é laço sem dependência ..(onde é reservada) a distância infinita, esta separação fundamental, a partir da qual o que separa torna-se relação.”¹²

Este laço paradoxal da análise termina assim mesmo com uma aporia “Não há..” ou seja “Há Um”: a análise não termina com o furo (trou) do *troumático*, mas com o achado/invenção desta identidade de separação que faz que alguém pode ficar de pé, sozinho, apesar de tudo.

Este dizer, por não ser mais esquecido, “se sustente por seu advento”¹³, ainda que seja preciso para tanto, que a distinção singular deste “silêncio, exílio, astúcia”¹⁴ possa encontrar um certo endereço/agilidade (adresse¹⁵) fora do laço analítico. Dizer, apesar de tudo, apesar do « não há relação » generalizado.

O laço, apesar de tudo

Empresto este “apesar de tudo” a V. Klemperer, « testemunho até o fim »¹⁶ que assinava assim a persistência/resistência do Dizer que lhe fez encontrar para além das torções e torturas da linguagem do III Reich, as fissuras necessárias para fazer passar aí o sopro animado pela alíngua “*este amargor mais forte que jamais podia acreditar poder ter experimentado, eu me devo de notá-lo*”¹⁷. É imperativo « Possibilidade ética -

⁷ Soler C. *Une clinique d'exception*, Éditions Nouvelles du Champ Lacanien, Paris, 2022

⁸ Lacan J. *O Sinthoma, o seminário livro XXIII*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 62

⁹ Lacan J. *...ou pire, Relatório do seminário de 1971-72*, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.545

¹⁰ Lacan J. *Encore, Le Séminaire Livre XX*, Seuil, Paris, p.139

¹¹ Lacan J. *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 567.

¹² Blanchot M. *L'Amitié*, Gallimard, Paris 1971 p.328

¹³ Vide nota 3.

¹⁴ Joyce J. *Portrait de l'Artiste en jeune homme* - bilingue français anglais -Gwen Catala Editeur -

¹⁵ Adresse aux deux sens : destinataire et agilité, astuce comme dans un tour de passe-passe

¹⁶ Didi Hubermann G. *Le Témoin jusqu'au bout*, Éditions de Minuit, Paris, 2022

¹⁷ Klemperer V. *Mes soldats de papier*. Journal 1933-1941 Seuil, Paris, 2000, p. 20 cité par Didi Hubermann op. cit. p.85

comenta Didi Hubermann- *que ele precisava a cada vez abrir novamente no espaço da infelicidade*". Imperativo do laço da alíngua apesar de tudo, que passa "entre", nas fissuras, nos intervalos, nas rachaduras, por onde passa o sopro do Dizer existencial.

Destes passadores do Dizer «apesar de tudo», encontramos as vezes o testemunho nas narrativas dos sobreviventes dos campos, das guerras, dos êxodos, dos traumatismos do mundo. Algumas vezes também frente a um ballet, uma obra musical, literária, ou plástica que nos cortam o folego também. Nós recebemos o testemunho disso também em nossos consultórios ou em nosso entorno, quando aqueles no limiar do fim da vida saibam permanecer tão vivo, até o seu último folego.¹⁸

Todas estas catástrofes da ordem da destituição subjetivas, ou pior do esmagamento/ dilaceramento de todo laço possível, em particular aqueles feitos com a pequena bricolagem RSI de cada um, podem nos dar notícias daqueles que sabem tornar-se passadores de seu Dizer próprio.

É esta persistência do Dizer de um que nós esperamos de uma análise desde os efeitos de nós inesperados dos quais o passe ao analista pode testemunhar.

Ainda que precisamos saber como aqueles que não têm comunidade alguma podem apesar de tudo "fazer comunidade"¹⁹. Neste ponto não posso não agradecer D. Marin e B. Geneste pelas suas publicações nas Éditions Nouvelles du Champ Lacanien de suas leituras impressionantes de Beckett: leituras compartilhadas que fazem comunidade, porque não dizer que "fazem Escola "

Portanto, Beckett para concluir: « *Só falta ficar de pé. Tanto mal quanto pior se colocar e se sustentar de pé. Tanto mal quanto pior se sustentar ali. Isso ou gritar. O grito demora tanto para chegar. Não. Nada de grito? Dor simplesmente. De pé simplesmente. Tinha tido um tempo em que tentar como. Tentar ver. Tentar dizer.* »²⁰

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

A CHANCE DO LAÇO

Marc Straus

Se à pergunta sobre o imperativo do laço, respondi pela chance do laço, não foi apenas pelo espírito de contradição. Isso porque minha curiosidade estava suspensa há muito tempo em torno do que me parecia uma contradição em Lacan.

A palavra talvez seja um pouco forte, mas durante muito tempo em seu ensino, o psicanalista deveria saber colocar a chance a seu favor, provocá-la, até forçá-la. Para isso, ele deve conhecer a estrutura do falasser, caso contrário nenhuma chance. Como consequência, os obstáculos à revelação, primeiro da castração, depois da ausência de relação sexual, são apenas manifestações da resistência do psicanalista, um lapso de seu ato.

Mas, no final da vida, a nota parece mais fatalista: não importa o conhecimento que o analista tenha do Grafo do Desejo, de seu lugar de objeto, ainda assim precisa da chance para que isso funcione. Que chance é essa que vem além, ineliminável?

Vejamos duas das muitas citações de Lacan para fazer ouvir esta oposição:

¹⁸ De son vivant – film de 2021 Emmanuelle Bercot – C Deneuve - B Magimel- G Sara

¹⁹ Blanchot M. La communauté inavouable, Éditions de Minuit, Paris, 1983

²⁰ Beckett S. Cap au pire, Éditions de Minuit, Paris, 1982, p. 11

Certamente, a conhecida passagem na *Introdução à edição alemã dos Escritos sobre a psicanálise*: “... não porque seja menos ilusória, mas porque dá a si um parceiro que tem a chance de responder, o que não acontece nas outras formas. Reponho em jogo o feliz acaso, exceto que, dessa vez, essa chance provém de mim e eu devo fornecê-la.” (p.555)

Até a Carta de Dissolução: “Farão melhor os que eu admitir comigo? Ao menos poderão prevalecer-se de eu lhes dar essa chance.” (p.320)

No entanto, em *L'insu*, lição de 15 de março de 1977, ressoa outra nota. Ele fala do sintoma: “... a única coisa verdadeiramente real, ou seja, que tem um sentido que conserva um sentido no Real. Precisamente por isso que o psicanalista pode, se tem a chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no Real.”

E depois, na sua entrevista em Roma, ele deixa tudo à fortuna. Isso não é totalmente correto, ele deixou grande parte de sua fortuna para Jacques-Alain Miller, mas também não é falso.

E todos nós lembramos de sua resposta à pergunta sobre como um homem e uma mulher se encontram: por acaso. Para quem inventou o Grafo do Desejo, tanto falou da estrutura do fantasma, a resposta tem algo de intrigante.

O acaso, segundo sua definição matemática é a imprevisibilidade, a ausência de uma regra que permita adivinhar o resultado antecipadamente, ainda que parcialmente.¹

Coloquemos, portanto, nossa questão: de que forma, no nosso discurso, é o acaso que impõe os laços? Em outras palavras, será que nosso próprio discurso se mantém unido por acaso? E se sim, quais são os efeitos sobre outros discursos?

Então, o imperativo do acaso? Na verdade, afirmo que há um imperativo do acaso na estrutura. O acaso que provoca o pareamento de dois significantes, significantes que copulam se fazendo eco, fazendo ressoar o um para o outro um gozo que os une ao mesmo tempo que os opõem.

Certamente há o imperativo da lei, que faz do sujeito um servo do semblante para satisfazer suas necessidades, através do Outro e de seu desejo.

Mas no nível da estrutura não existe o imperativo do laço, pois a estrutura é a do laço. O laço que articula um significante com outro, num par que efetua o sujeito. Pensemos também no par primordial do ensino de Lacan: branco/preto. Ele existe no discurso mais comum, mais universal, mas cada um deve, no entanto, constituir-lo como tal. O sujeito necessita do acréscimo de um certo número de elementos que lhe provocarão tensão, tensão inicialmente temporal e que ele regulará por meio da identificação.

Mostrei que já o texto de 1945, *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, permite dizer o que constitui o par significante: um jogo de seis elementos, três personagens, três discos brancos, menos um (dois discos pretos). E tudo se baseia neste menos um, como precisará Lacan tempo depois. Tentei mostrar em Madrid a conexão entre estes seis de 1945 e os seis de 1977, os seis pontos de cruzamento no nó, pontos que interessam a Lacan, a ponto de se dedicar a nomeá-los.

Acontece que este imperativo do pareamento significante encontra sérios obstáculos. Falarei de uma (mulher) matemática que apresenta o que atualmente se chama Asperger. Ela gostaria de fazer laço, mas não entende nada disso. Sobretudo, vê nos demais mentiras que nenhum interesse lhe explica a seus olhos. E seu corpo? Não vê o interesse que a maioria das pessoas tem pela sexualidade, mas não podemos dizer que não tenha um “gênero”: está invariavelmente vestida da mesma maneira, evocando a feminilidade um tanto provocativa das revistas dos anos 60.

Em matemática, pelo menos, uma proposição é verdadeira ou falsa - possivelmente verdadeira ou falsa, mas dentro de um sistema que permanece ordenado. Portanto, ela não renunciou ao seu prazer por fazer

¹ Jérôme Cardan, siglo XVI : primeras consideraciones rigurosas sobre el azar <http://math.univ-lyon1.fr/~aubrun/MMI-hazard.pdf>

matemática e à esperança de que outro matemático a reconheça como sujeito e discuta com ela sobre matemática e nada mais que isso.

No entanto, as coisas não vão bem, sua vida lhe parece sem sentido e ocasionalmente pensa acabar com ela.

O que sou para ela, já que ninguém pode estar no lugar de sua falta... posto que ela não tem falta. Para ela, branco é branco, preto é preto, como para todos, e o resto é literatura, sobretudo essa história para boi dormir² que falta e do *não todo*.

O que ela me demanda, ela para quem os significantes se opõem sem copular?

De fato, é muito claro, sou eu quem lhe diz que é assim, há que aprender a se conformar com isso. Mas não sou também, e principalmente um olhar, aquele que vê e reconhece uma mulher que, apesar de seu sofrimento por existir, não renuncia a nada: nem à sua aparência física, nem ao seu prazer intelectual. Não renunciar a existir, não é essa a primeira resposta do sujeito à alienação significativa?

Mas esta coalescência de um objeto e um significante não é a definição mesma do sintoma, no que há de autista e irreduzível em cada um? Então, o que nos diferencia de nossa matemática, a não ser o fato de que gostamos de falar sem dizer nada, e mesmo colocando um pouco de método nisso encontraremos alguma verdade sobre nós mesmos. Nossa heroína, que não se inclina a isso, de não ter alguma falta a dirigir ao outro, não teria nada a fazer ouvir? Ao contrário, só tem que fazer ouvir o sofrimento de uma singularidade que consegue suportar um pouco durante a sessão. A falta da falta do sentido sexual nela impede a substituição entre o jogo matemático e o jogo dos corpos e sua existência fica aprisionada ali como em uma prisão de vidro inquebrável. Podemos ajudar estes sujeitos a suportar o imperativo implacável deste laço defeituoso.

O neurótico é outra coisa. Em resposta ao imperativo do laço, pôde ou soube persistir na estrutura e sintonizar seu corpo, através do corpo do Outro à ressonância do par significativo, par que nada justifica a não ser o acaso. *Fort-da*, por exemplo. O sujeito emerge da alternativa mortal e se faz representar, com sua cota de imperativos entre os quais navegar. Se não encontra seu caminho, pode na análise seguir um fio aleatório de sua transferência, o fio do objeto *a*. Assim, ao final, resta o irrepresentável, também chamado inconsciente, com seu osso do *sintoma*. Este irreduzível não é menos restritivo que o de nossa heroína, mas sua atualização terá revelado ao sujeito seu rosto de inegável satisfação. Aqui, é necessário que o analista tenha esta chance adicional, conseguir captar os pontos onde a recuperação de ordens tinha se fixado.

Guardar tudo isso para si mesmo é muito triste, e é provavelmente por isso que Lacan acentuou o lado cômico do falo, mais que seu lado trágico, que ele também reconheceu plenamente. Nem sei como é possível, como não podemos fazer um laço em nossa forma de questionar o laço como tal, com tudo o que isso carrega de pontos de encontro calculáveis e de acaso inimaginável de antemão.

Portanto, continuemos a aprofundar nossas questões sobre o que faz laço, mas não sonhemos: se na teoria Lacan ainda nos supera muito, vivemos na era do pós *cataplam*³. No final de 1980, nomeou *cataplam* a ruptura de um laço que não podia nem devia se desfazer. Deixo de lado o *cataplam* que Lacan lhe atribui: a vergonha, uma vergonha que se apoderou dele que acreditava haver se desfeito dela depois do *Avesso*. Que lição podemos retirar disso, além de que as separações sucedem como os encontros, por acaso.

Tradução: Beatriz Oliveira

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

² A expressão “cette histoire à dormir debout de noir” significa em francês que algo que é contado tem tão pouco crédito que a pessoa que escuta dorme logo no começo da noite. Optamos pela expressão brasileira “história para boi dormir” pela sua similaridade de construção e sentido.

³ Patatras, palavra utilizada pelo autor, é uma interjeição equivalente à interjeição *Cataplam* em português.

3ª MESA

DO PASSO A DOIS À NÃO HÁ DOIS¹

Christelle Suc

Após o passe, algo se esvazia, isso se esvazia. Os testemunhos dessa experiência, a ressonância que eles têm, também para mim, os comentários e as perguntas produzem novos furos, uma nova perfuração que eu poderia descrever como autônoma.

Os diferentes testemunhos de hoje certamente nos permitirão ouvir a singularidade do sulco de cada pessoa. Não a industrialização da psicanálise; ela é moldada na mão de cada um, assim como eram as ferramentas quando cada trabalhador fazia a sua à mão e não havia duas iguais.

É então a partir da experiência singular de cada um que pode, talvez, haver uma produção de um comum a partir da Escola. As iniciais AE poderiam ser entendidas como "para eles" («à eux») e dar ressonância à dimensão coletiva, à comunidade-escola, e não tropeçar no "de", dois (jogo homofônico entre DE e DEUX) entre analista e escola. Não dois, deles («Pas deux, d'eux»). Cito Lacan: *"A satisfação do sujeito encontra meios de se realizar na satisfação de cada um, isto é, de todos aqueles com quem ela se associa numa obra humana."*²

Vou me manter o mais próximo possível de minha própria experiência e do vivo de meu próprio testemunho para tentar manter, o quanto possível, a abertura.

Meu blá blá blá, minhas elucubrações não são o que importa, minha brisa se tiver a chance de ser carregada, só pode ser para tilintar, para soar. Estou apostando na ressonância, não nas razões. É o sonho que tenho antes de meu primeiro depoimento: sou convidada a vir à mesa, como aqui³, e fico entediada, como posso dizer o que, por definição, não se diz? Quando tomo a palavra, digo apenas consoantes, que fazem soar, que soa além dos ditos, a única aposta de transmissão.

A experiência do tratamento, e depois a do passe, ancora um certo saber analítico, mas o ancora no experimentado, no corpo. Algo não passa para as palavras, mas ilumina o caminho.

No "momento de concluir", Lacan indica que *"a análise não consiste em se libertar dos seus sintomas, a análise consiste em saber por que se está enredado"*.⁴

Do meu tratamento, extrai um certo saber do instante de ver, do tempo de compreender e do momento de concluir. Não pode haver momento de concluir sem os tempos anteriores. Não se pode ir mais rápido do que a música. Há essa parte primeira e freudiana da decifração, da elucidação, que é até mesmo a condição para o além ou aquém do sentido, mas não sua garantia.

Tempo 1: Instante de ver: A entrada na análise se dá pelo insuportável que encontro na re-petição (escrito com um hífen para que a demanda seja ouvida pelo Outro) e com minha demanda por um saber Absoluto que respondesse aos tormentos de meu ser e, em particular, o saber sobre o sexo e a morte. O analista

¹ Jogo homofônico em francês que pode ser lido como "passo à dois" (como se usa no ballet, uma dança a dois) e "não há dois".

² J.Lacan, *Função e Campo da Fala e da Linguagem*, Escritos, p.322, Jorge Zahar Editor.

³ Este texto foi apresentado oralmente na Convenção Europeia de 2023. Este "aqui" se refere à mesa onde ela estava falando.

⁴ Seminário XXVI, *Momento de Concluir*. Aula de 10 de janeiro de 1978.

está no lugar de um ser idealizado, e eu lhe empresto um saber sem limites e, portanto, não castrado. Instalação do sujeito suposto saber. Ao saber, portanto, muito mais do que se suposto!

Transferência, a força motriz por trás da cura em pas-de-deux⁵. O estabelecimento da transferência é a condição deste tempo, o de compreender. Uma corrida para decifrar. Tempo 2: S1 procura por seu S2... desesperadamente!

Então, chegou a hora da longa e necessária série de S1 + S2, a série de reviravoltas...

As voltas são feitas em torno do buraco, o anagrama envolve as duas palavras, valendo em pas-de-deux⁶.

Fase da busca Do sentido, daquele que diria a verdade, a verdade da verdade. O neurótico está correndo atrás de sua verdade, atrás do sentido da existência; ele procura o porquê, mas o porquê é sempre metonímico. É claro que ele encontra coisas pelo caminho, há uma eficácia da fala, que tem efeitos preciosos, mas a verdade não pode ser dita toda, as palavras nos faltam "materialmente"⁷, diz Lacan, a verdade, nós a podemos só meio dizê-la.

As curvas dos ditos são como círculos concêntricos que se fecham uns sobre os outros, mas se fecham entorno de um ponto, girando em círculos em torno de um ponto fixo: meu fantasma: ficção e fixidez (ao mesmo tempo invariável do filme, a imutabilidade do objeto e a amarração do gozo) fixão escrito com um 'x'.

Esse rodar entorno, eu o enunciava regularmente em uma frase recorrente no divã: "Eu me sinto em uma máquina de lavar". Eu dava voltas e voltas em torno de um ponto fixo que encobria o buraco e me tornava cativa, cativa da máquina de lavar, do Outro.

Lacan afirma que "o valor da psicanálise está em operar com a fantasia"⁸.

A partir de uma cena infantil precoce e primordial que coloca em jogo a questão do olhar e do Outro, eu desdubro minha gramática pulsional de "ver, ser visto, se fazer ver" (com o equívoco que se inscreve na re-petição). Minha pequena trilha sonora fantasmática, o pano de fundo do meu inconsciente, procura fazer consistir o Outro e, por aí eu mesmo. Ver a mim mesmo no olhar do Outro. A fantasia escreve para cada um uma relação de gozo regulada pelo objeto.

O fantasma, o arranjo de significante, é o cenário imaginário que construí precisamente para não ver! O "ao menos um", no início da minha frase fantasmática, obturou a relação, aquela que não existe, e permitiu que eu tentasse ignorar a falta, mas a falta não me ignorava... O fantasma atua como uma tela dupla, em outras palavras, ele bloqueia e projeta simultaneamente.

Passe clínico: foi necessário, a partir da intervenção de meu analista sobre um equívoco, que ele me desse a ouvir o outro sentido que não a significação à qual eu estava me agarrando, para que o outro sentido fizesse ressoar o sexual, o do infantil. Portanto, foi necessário suspender parcialmente a repressão, em outras palavras, passar de não querer saber (*savoir*) nada sobre isso para o horror de isso-ver (*ça-voir*)⁹. O Édipo inconfessável cedeu, Se operou uma virada. É com a ruptura produzida pelo equívoco, que faz soar outra coisa que isso que é dito que a confiança que eu tinha em meu fantasma vacila. A ficção na qual eu estava confiando começa então a emergir, a convivência entre a re-petição e o cenário do fantasma se torna aparente para mim. É uma barganha tola. O que costumava ser a verdade agora é o que é mais fictício e mais insistente: "*a verdade mentirosa*".

Dou mais um passo a partir de outra intervenção de meu analista referente ao olhar. Foi a partir dessa escansão que vislumbrei a moldura da janela do fantasma. O passo para trás me descola da janela: eu não

⁵ Em francês ressoa tanto « passo a dois » quando « não há dois ».

⁶ Idem nota 5.

⁷ J. Lacan, *Televisão*, in. Outros Escritos. p. 508.

⁸ J. Lacan, *Discours de clôture des journées sur les psychoses*, 1967, p.5 (<https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-10-22.pdf>)

⁹ A autora joga com a ressonância da língua francesa entre saber (*savoir*) e isso ver (*ça-voir*)

estava mais cativada, cativa da cena fantasmática, "a pura verdade" caiu, a fixação foi revelada. Fim da hipnose. Atravessar o fantasma nos permite ver o quadro como um quadro. Em outras palavras, minha relação com o mundo e com as coisas foi feito olhando repetidamente através dos mesmos óculos, sempre a mesma história e acreditando nela com toda a força! E um dia eu simplesmente a-vistei¹⁰ os óculos que tinha no nariz e percebi que era eu quem não apenas os colocava, mas também os fabriquei!

Farei um pequeno desvio para a pressa. Pressa em direção à saída, mas não sem ter levantado a miragem fantasmática. Lacan se equivoca e insinua que a pressa está no som da letra "a-t", esse pequeno *a*, esse pequeno « a-te », ateu de ateísmo. Meu discurso religioso de deus, o fantasma, desmorona, eu me tornei uma atea, descrente da minha própria ficção. Isso é o que acontece quando você atravessa o fantasma, a verdade, a sua, você não acredita mais nela. A busca pela verdade revela a mentira, a corrida pelo significado logicamente chega ao fim. Mudança de paradigma. Não estou mais colada no fantasma, o passo para trás me situa na periferia, na profundidade de campo, não estou mais na cena.

Assim, a tela ainda projeta todos os dias o filme, mas não faz mais obturação.

O filme é tomado pelo que é: uma ficção com "c". Minha pequena música fantasmática ainda está lá, mas não é mais um canto de sereia. A travessia do fantasma indica do que se trata: atravessar, passar através, ir além da tela. A travessia indica movimento e não desaparecimento. O cenário não desaparece, mas com o movimento você não está mais sujeito à seu fantasma porque ele não lhe serve mais.

Esse movimento produz uma des-fix(a)ção, a do objeto. A condição desse movimento é ligada à crença que cai e não ao saber do conhecimento. Se seguimos a definição de Alain Rey¹¹ crer é “admitir como verdadeiro”, isso que cai então é de verdade. O conhecimento não prejudica o que é tomado pela verdade: porque sabemos bem que a verdade é mentirosa, que o Outro não sabe, que não há nenhum etc ... dizemos, repetimos, martelamos, mas o saber teórico não tem efeito, é preciso que a crença no mais íntimo do sujeito seja tocado, começado.

O fantasma não opera sobre o real, ela o encobre. A função da fantasia é, antes, desmentir a castração e, assim, tentar fazer com que o '2' exista, ou sejam a relação sexual em termos lacanianos.

1+1 não é igual a 2. É isso que meus sonhos no final da cura me dizem: eu sou o secretária do passe, então qual é o segredo a ser guardado? A continuação do meu sonho me diz: 1+1 não funciona, falha, não é possível. Outro sonho logo consecutivo a esse ilustra o que Lacan repete: "a relação sexual não existe", quer dizer que os gozos não se respondem, não se compartilham, não há união ou fusão, não há S2 para seu S1.

Estou em uma sala que parece uma confeitaria, meu marido está presente, sobre a mesa há muitos repolhos cortados em dois com creme dentro, estou tentando refazer os pares, para encontrar o chapéu certo, aquele que completaria perfeitamente a parte de baixo, não consigo e digo que talvez não seja possível. Paro e pergunto ao meu marido, e ele também me diz que não é possível que fiquem encaixados, que encaixem bem. Sem complementaridade: os dois não fazem um par. Não há dois (pas de deux).

Esse sonho anuncia, posso dizer retroativamente, o terceiro tempo, o momento de concluir. É o tempo três (trois), que eu proponho escrever furo-a (“trou-a”), porque a homofonia faz com que o buraco e o a soem ao mesmo tempo que a trilha (trouée).

S1//S2 a ruptura radical, um isolado do outro.¹²

O fim não se decreta, não se prevê, ele acontece, cai sobre você por contingência. Inesperado e imprevisível, isso não se pensa, isso se sabe, mas não com a razão (raison), que revela do simbólico, mas com a ressonância (réson). Para que isso ressoe, é preciso o corpo, é preciso uma caixa de ressonância, um vazio, portanto, é preciso haver movimento, o movimento de travessia, o movimento que levanta o

¹⁰ A autora mar a palavra a-perçu que conota o visto de relance. Para manter algo dessa sonoridade em português usamos a-vistei.

¹¹ A. Rey. *Dictionnaire historique de la langue française, Le Robert*, 2012.

¹² A autora joga com a sonoridade de “trois” (três) – “trou-a” (furo-a)– “trouée”(trilha e furada)

vêu do fantasma e, assim, expõe a lacuna. O momento de concluir se apresenta em ato. É um momento Un-ico.

Contingência, sorte do encontro. Sorte sim, mas encontro, Eu estava ouvindo por acaso pela primeira vez um testemunho de um AE. Eu o ouvia de forma flutuante, com a sensação de que isso trabalhava sozinho como sem mim, quase fora de mim. Ouvi uma voz ao longe, produzindo uma melodia. Naquele momento, não era o sentido da significação que corre, mas o da direção: eram as ondas, as ondas que estavam se espalhando e me atingindo. É o corpo que está em jogo, é ele que é tocado pelo pensamento. Tocado pelo corpo da língua, a enunciação ressoa. A percussão faz um corte que não é dito, mas sentido. Não são os enunciados da fala que são veiculados, mas a própria respiração da fala como efeito de passe.

Nesse tempo, fora da temporalidade, suspenso e deslumbrante ao mesmo tempo, um último significante me vem, chega até mim, aparece para minha grande surpresa e ordena de modo lógico meu tratamento. Em um relâmpago, para usar a imagem de Lacan, a planície se abre diante de meus olhos e se fecha novamente. É de uma clareza e evidência. Esta descoberta me diverte, é tão simples e lógica. "tudo isso por isso", disse a mim mesma! E dei risada.

No instante da aparição desse significante e com o "eu terminei" que enunciei, uma grade satisfação me invade com um ponta de tristeza, acompanhada por um efeito corporal transitório: um buraco no meu peito com a sensação de um leve hálito fresco.

O corte faz abertura. A vida retorna ao corpo. A respiração que me faltava quando criança volta a circular, sufocada pelo Outro, a esclerose asmática.

Talvez seja isso que eu esteja tentando dizer ao contar como aconteceu comigo: o Real não se agarra, é ele que te pega. Ele não pode ser demonstrado, do Real se mostra, se impõe e o eco está no corpo. É um encontro de um Real, com a definição primeira de um encontro, ou seja, encontrar-se em presença, certamente por acaso, mas não sem responder a partir de seu lugar. É um vislumbre (*aperçu*) que poderia ser escrito como um *a* perdido [sabido] (*a perd su*).¹³

A saída, então, está apenas mais além do sentido, o limite do sentido faz saída e impasse. No além das palavras, é um encontro na forma de um corte pelo qual nos tornamos responsáveis ao reconhecermos nele o sinal do fim: é evidente, acabou. O "acabou", como um dizer performativo, é sustentado apenas por si mesmo, sem nenhuma garantia. A solidão radical do Um.

Esse significante, o último, é aquele após o qual não há mais nada a dizer. A cortina caiu e faz um corte ao cair. A certeza de que minha análise chegou ao fim. A corrida pelo sentido acabou; ela não faz mais nenhum sentido.

"Privado" é o significante final que surge e se impõe, mas não é, entretanto, adicionado aos outros. Por estar fora da série, ele interrompe a série: faz menos e não mais, e ao mesmo tempo enlaça a significação: é preciso fazer um círculo completo para que ele apareça.

Esse último significante produz o momento de concluir não em palavras, mas em atos, e é isso que produz a travessia. É um momento conclusivo e resolutivo.

Esse "privado" tem um estatuto diferente do significante; é um signo-ificante, em outras palavras, um signo em que me fio.

"Privado" é ao mesmo tempo último e primeiro. Primeiro, porque está na origem, marca minha origem em mais de um título. Ele sempre esteve presente por ser ausente de minhas formulações. Nunca articulei essa palavra em uma sessão, nunca passou pela minha cabeça, mas s.

De privado (*privée*) para dirigido (*drivée*), basta girar a letra: a reviravolta do p é um d. Driver, uma palavra que passou do inglês para o francês, que significa dirigir. Portanto, estou sempre conduzida,

¹³ A autora se vale de uma ressonância da língua francesa que se perde no português. *Aperçu* (visto, vislumbre) e *a perd su* que seria algo como a perdido sabido. Deixamos o 'sabido' entre colchetes pois em português não teria sentido.

conduzida, sem que eu saiba, pelo privado (*privée*), a presença radical ausente do meu discurso. Esse radical gramatical que é destacado para girar a letra, em p-rivado (*p-rivée*) e d-irigido (*d-rivée*) há o rebite (*rivée*). O rebite (*river*) que marca a ancoragem do gozo no corpo.

O "privado" conduziu minha existência pois estava encadeado, preso ao meu corpo. Ele não aparece no simbólico e faz um sinal no momento do corte.

O privado tece minha história desde os primeiros significantes, antes mesmo de eu vir ao mundo. Privado em eco da língua paterna occitana¹⁴: dialeto (*patois*) entendido como sem você (*pas-toi*; sem S), eu não era uma "*patoisienne*", "*patoisien*", um neologismo cunhado em minha infância para descrever os habitantes da língua *patois*.

O "privado" ecoa de um outro, que eu havia nomeado pouco antes como meu sintoma. No início, eu pensei que fosse a frente e o verso da mesma moeda, mas acho que é o mesmo lado da moeda, nem a frente e nem o verso, mas uma superfície onde a frente e verso se unem em toda parte: essa é a definição da faixa de Moebius. Portanto, não é uma superfície de dois lados, mas uma superfície de um lado com uma única borda. É assim que chamo meus dois círculos na parte de trás, para retomar a dialética dos três prisioneiros. Não um, no meu ponto de vista, mas dois que funcionariam em um 'pas-de-deux' como um "um": sem alternância, mas uma continuidade descontínua. E esses círculos não estão nas costas de ninguém. Esses círculos são eu! Então, vendo os círculos em minhas costas, me apresso em direção à saída: não há como dar meia-volta, algo foi cruzado, definitivamente. Curto-circuito, se Descartes não gostar, este momento é sem o eu, está acontecendo sem Eu, algo está desaparecendo. O momento de concluir está em ato.

O ato é o que separa S1 de S2. Não há Outro, não há ninguém para responder. A crença no Outro cai e, com ela, o sujeito que se supõe saber.

Mas antes da destituição, houve a erosão da transferência, a transferência também poderia ser pensada como uma travessia, na travessia da transferência, há a travessia do Outro, de um Outro para nenhum Outro, "de um Outro ao outro", como Lacan chama, ou seja, de acreditar nele para não mais acreditar nele.

Então, há algum tempo, venho notando minha falta de ímpeto para continuar minha análise, pedidos bastante novos de sessões por telefone, sessões esquecidas... coisas que eram absolutamente inéditas e impensáveis até agora, mas sempre fui determinada e entusiasmada. As 3 ou 4 sessões que esqueci durante meu tratamento tinham uma fragrância muito particular. Mas agora eu estava arrastando os pés, sem ímpeto, sem vontade, um momento de "mau humor", como dizem os jovens.

Tive um sonho: tenho que ir encontrar um analista, que no meu sonho é o representante do meu analista, mas nunca chego ao andar certo, dou uma olhada e decido desistir, saio sem constrangimento e sem aviso. Não entendo absolutamente nada sobre esse sonho, mas o conto para meu analista.

Esse sonho, a sucessão de omissões, minha falta de ímpeto apontava para algo que eu não conseguia nomear, mas o "é necessário vir à sessão", que meu analista me lança no telefone, me pega e causa uma virada. O imperativo de sua frase parecia ilegítimo, mas quem ele pensa que é? E foi apenas alguns dias depois que minha análise foi concluída...

Com o advento do corte, há um antes e um depois, o ato muda um sujeito. Depois, as coisas não são mais o que eram, na medida em que as coordenadas antecedentes não existem mais. Eu diria que sou a mesma, mas mudei, definitivamente. Não é uma transformação, mas sim uma metamorfose, como a lagarta que se torna uma borboleta, é o mesmo ser vivo, mas definitivamente mudado. Uma metamorfose ligada aos efeitos do tratamento e a essa passagem da impotência, que é sustentada pela crença no Outro, para a impossibilidade lógica que já estava no ingresso [ticket] de entrada. Dizer que isso estava no

¹⁴ Antiga região do sul da França.

ingresso [ticket] significa que o fim depende apenas do começo. A cura é uma demonstração lógica do impossível.

Do Saber absoluto ao não querer saber nada e, depois, com o horror de ver-isso e avançar em direção a um saber furado em que o 'a' em a-absoluto se torna privativo. Ao se desprender, o 'a' se torna um limite. Com o advento de uma ausência, de uma ausência, de um branco, meu dizer mudou de sexo, ou seja, tornou-se feminino. Entrei na análise com um dizer masculino, armado com o falo, e na saída, estava amparada por um dizer que sabia como lidar com a ausência. Do todo para o não-todo. A travessia me levou do pelo ao menos um para o um a menos.

Não há dois (pas-de-deux), há do um (y'a de l'Un).

Agora estou sendo guiada por uma experiência sobre a qual não posso falar com vocês, mas se não posso dizê-la, posso pelo menos me servir dela.

E como minha avó costumava dizer

“Clic clac lou counte es accabat !”¹⁵

Tradução: Alexandre Bertoncini

Revisão: Luciana Guarreschi e Gláucia Nagem de Souza

O QUE SE FORMIGA...¹

Martine Menès

*"No fim das contas, há isso, o laço social.
Eu o designo pelo termo discurso porque não há
outra forma de o designar, uma vez que percebemos que
o laço social só se estabelece ancorando-se no modo como a linguagem se situa
e se imprime, situa-se naquilo que está a formigar, ou seja, o ser falante²."
J: Lacan*

1 – Esse/s que formiga/m,

São seres humanos, ou seja, nós.

Na região onde passei minha infância, éramos, antes de tudo, formigueiros, termo usado para se referir a crianças pequenas.

Esses formigueiros, grandes e pequenos, devem, imperativamente, ser ordenados, no sentido de serem postos em ordem, de reconhecerem seu lugar em relação uns aos outros, e não no sentido de dar-lhes ordens. Mas o equívoco não pode ser ignorado.

"O discurso", disse Lacan em abril de 1977, "serve para ordenar (...) para carregar o mandamento ... que eu chamo de intenção do discurso"³. A intenção é, antes de tudo, colocar todos no lugar certo, de acordo com o discurso que os anima, mestre, intelectual, desejante ou objeto causa. É preciso, portanto, ter um discurso que nomeie, que se posicione, que forme uma classe mais ou menos comum para que os seres

¹⁵ A autora pediu que mantivéssemos a frase na língua occitana.

¹ Optamos para a versão em português a tradução de 'grouille' por 'Formigar' assim como está oficialmente eleito no comentário oficial do seminário pela Zahar;

² Lacan, J., O Seminário: livro 20 : mais, ainda. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.74.

³ LACAN, J., O Seminário "L'insu que sait de l'une-bévue s'aile a mourre", inédito, aula de 19.04.1977.

humanos, aqueles que formigam, se encontrem em um laço social. Um laço social é o que enoda, ou mesmo o que faz nó. Inevitável.

Os *parlêtres* (falasseres) como nos chama Lacan, são originalmente assujeitados, impregnados e estruturados pela linguagem; nela se encontram instalados em um jogo de lugares que indique o lugar de onde são falados e de onde falam. O discurso é uma estrutura que usa a linguagem para manter os formigueiros unidos. A fala então se aloja ali, daí a observação de Lacan no início do seminário *De um Outro ao outro*⁴, "a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala".

O nome do discurso destaca o tipo de laço social que designa. Lacan designa em 1969, no seminário seguinte *O avesso da psicanálise* três discursos históricos que ele escreveu em forma de matemas, são eles o do mestre, o do universitário e o discurso histérico, segundo quem ocupa o lugar do agente. E ele inaugura um novo discurso, o discurso do analista, específico da relação analisante, que ele define da seguinte forma: "O discurso que chamo de analítico, é o laço social determinado pela prática de uma análise"⁵. Mas esse novo discurso também pode modificar o laço com os outros, para além da dupla analista-analisante, por extensão, por transferência, nos lugares de elaboração solitária e em conjunto, os cartéis, o passe, as contribuições da Escola etc. Eis do que se trata o imperativo, porque sem laços sociais, não há Escola, nem mesmo transmissão no sentido mais amplo.

Freud os havia destacado, esses discursos, por sua missão, que ele descreveu como impossível: governar, educar, curar para reduzir o ato analítico, que Lacan desvinculou radicalmente dessa função, esta é sua declaração: "a cura vem como algo a mais" ele sancionava⁶. No entanto, Freud também tinha uma intuição sobre isso. Em 1909, em uma carta que escreveu a Jung em 25 de janeiro, ele confidenciou: "Para acalmar minha consciência, costumo dizer a mim mesmo: 'Acima de tudo, não busque curar'. Quanto à histeria, era um discurso tão pouco impossível que ele o levou à psicanálise.

Lacan, em *O avesso da Psicanálise*,⁷ enfatiza "a sobreposição desses três termos (missões impossíveis) com o que distingo neste ano como constituindo o radical dos quatro discursos".

2 – O que deixa desejar,

Na micro multidão que é a coletividade de uma Escola de psicanálise, imperativo para que haja uma causa comum, é o discurso histérico que orienta o laço assim que somos mais de dois, porque o agente é o desejo. Não o objeto da causa que estará no discurso do analista, mas o desejo contagioso, o das jovens do internato de que Freud fala e, mais recentemente, o das feministas do MLF nos anos 70 que declamavam: "somos todas histéricas históricas", slogan do qual Lacan provavelmente se inspirou – ele tinha esses históricos históricos no divã – para introduzir o termo *hystórica*⁸ em 1976⁹.

Fazer desejar que seria a marca do discurso do histérico¹⁰, também tem sua parcela do impossível, mas deixa uma chance, a de abrir espaço para o real das falhas, e as falhas, deixam a luz passar, como dizia um analisante. O desejo sem fundo, insatisfeito por natureza, que é a sua força motriz, propulsiona um para o outro, numa expectativa que é sempre decepcionada, também por natureza, mas que finalmente empurra, faz laço, circulação e troca. É assim que compreendo o não tão raro apelo por mais convívio, as observações invejosas de que é melhor em outros lugares, nas províncias para Paris, no estrangeiro para a França. E vice-versa, sem dúvida. É melhor em outros lugares, desde que a exterioridade que atrai seja ao mesmo tempo interna à nossa comunidade de Escola.

Esse laço social pressupõe o desejo de um desejo, aquele que funda a terceira identificação segundo Freud, a chamada identificação do contágio, que se baseia em uma comunidade imaginária de afeto e leva

⁴ Lacan J., *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p.11.

⁵ LACAN J., *Télévision*, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.517.

⁶ Lacan, J., "*Variantes da cura tipo*", in: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 327.

⁷ Lacan, J., *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., p.158.

⁸ Solução tradutiva para *hystoriques* que comporta histeria, história e tórico;

⁹ LACAN, J., *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, inédito, lição de 14.12. 1976.

¹⁰ LACAN, J., *O Seminário – O avesso da Psicanálise*, op. cit. Cit. pag. 165.

cada um(a) a desaparecer sob um desejo comum, agalmático, uma "repercussão infinita do desejo sobre o desejo", ¹¹ comenta Lacan.

Mas a histeria 'imperfeita' não quer ser *objeto a* para ser desejada, lugar que é o do analista 'curado', que provou ser reconhecido por seus pares, chegou à identificação com seu sintoma como Lacan testemunhou por ele mesmo: "Eu sou um histérico perfeito, isto é, sem sintomas, a não ser de vez em quando. ¹²»

Mas eis que o discurso do analista inaugura um laço social sem precedentes que cria uma solidariedade de natureza epistêmica, não sem afeto, porém, e não indexada a um mestre. O desejo visa a partilha de saberes, ou mesmo de um saber único e particular por meio do passe. Em suma, o discurso do analista para cada um poderia ser estendido eventualmente nas efetivações da transferência com a psicanálise (cartel, passe, seminário...), o do histérico seria para todos na comunidade de Escola.

E a Escola funciona, alternando, combinando discurso analítico e discurso histérico.

3 – Nada mudou e tudo é diferente

Há um ponto em que as dispersões, embora permaneçam incompatíveis, ¹³ podem ser emparelhadas: todos são analisantes, em um momento, em todo caso, o que constitui uma classe ou mesmo um grupo. O resto, o saldo, singularidade inesgotável, torna o sujeito sozinho, mas não necessariamente solitário. Um singular com suas singularidades, um sujeito que carrega sua diferença (absoluta talvez), sua reconciliação com seu sintoma que se tornou, na melhor das hipóteses, *sinthome*. O desejo do analisando, o íntimo, que alimenta a transferência ao sujeito suposto saber, 'limpo' do horror do saber que imobiliza, dá lugar ao desejo de saber, o êxtimo e a transferência torna-se a transferência de trabalho. Laço federado por um interesse comum pela psicanálise, no estudo, no tratamento de problemas levantados pela prática, na formação de analistas e ao levar em consideração o inconsciente.

A Escola abre lugar para pessoas dispersas que nós somos, para fazê-las co-existir e até trabalhar juntos, uma "fraternidade discreta"¹⁴, não sem alegria, às vezes... Ela é o lugar onde se acolhe o que repõe esses isolados. Isso exige, sem dúvida, o reconhecimento do outro pela psicanálise. Daí o peso dado às produções de saber, que são admiradas, criticadas, ignoradas, copiadas etc.

O chamado de Lacan no momento da dissolução¹⁵: "os que ainda me amam..." condensa o amor pela psicanálise e o apego de solidariedade a um analista particularmente singular. Um exemplo comovente de um laço de Escola.

4 – E ... para concluir: "Quanto mais santos somos, mais podemos rir" ¹⁶

Não é tão fácil ser como um santo, um analista resíduo em sua função de semblante de objeto *a*. E, no entanto, se você quer estar na leveza do riso, você tem que saber ser como um rébus, reconhecido, por que não, pelos outros no passe, por exemplo, se passa a leveza de se saber... de passagem.

Tradução: Tatiana Assadi

Revisão: Glaucia Nagem de Souza e Mario Sagayama

¹¹ LACAN, J., O Seminário- Problemas Cruciais para a Psicanálise, Aula de 3.03.1965.

¹² LACAN, J., L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre, *ibidem*. Na sessão anterior, em 16 de novembro, ele falou sobre a identificação com o sintoma.

¹³ LACAN, J., "Prefácio à Edição Inglesa do XI Seminário, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.568.

¹⁴ Lacan, J., "Agressividade em psicanálise", in: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998, p. 126.

¹⁵ Carta de 26 de Janeiro de 1981.

¹⁶ LACAN J. *Televisão*, op. cit., p.519.

TRANSFERÊNCIA, TRABALHO E LAÇO

Manel Rebollo

Diz-solução, é a resposta de Lacan a “um problema da Escola” em 5 de janeiro de 1980. Dissolução da Associação que, continua ele, confere personalidade jurídica a esta Escola. Esta dissolução, ele a realiza com um objetivo preciso: por um trabalho... que no campo aberto por Freud, restaure a lâmina cortante da sua verdade.

Assim Lacan persevera – *père sévère* - e chama a associar-se de novo, neste Janeiro de 1980, aqueles que queiram prosseguir com ele.

Ele demonstra assim, em ato, que não foi por obra dele que sua Escola tenha se tornado uma instituição, efeito de grupo consolidado. E acrescenta: “Sabemos o que custou o fato de Freud haver permitido que o grupo psicanalítico prevalecesse sobre o discurso, tornando-se Igreja ¹”.

Conhecemos os dois estatutos que Freud pensou para as sociedades humanas e que não queria para a psicanálise: Igreja e Exército, ambos sempre em busca de se apropriarem da comunidade analítica que chamamos de Escola e que afirmamos querer fora de tais modelos de agrupamento. Junto com a colagem militarista do Exército temos a deriva do sentido eclesiástico, ambos efeitos e afetos da cola que ambas as instituições representam e diante das quais Lacan propõe sua *Décolage*: descolagem e desapego como princípios para o que no dia 10 de março do mesmo ano pretende instituir: a Causa Freudiana.

Diante da “culpa” de Freud por ter deixado os analistas sem recursos e “sem outra necessidade senão a de sindicalizar-se ²”, Lacan tentou inspirar-lhes outras vontades: as de ex-sistir, termo tantas vezes utilizado por ele para designar esse lugar exterior ao discurso, ao laço, a partir do qual operar.

Esta ex-sistência supõe estar fora, num lugar êx-timo, no limite impossível entre o laço social e o discurso analítico.

"É impossível aos analistas formar um grupo ³"... "No entanto, o discurso psicanalítico é justamente aquele que consegue estabelecer um laço social purgado de qualquer necessidade grupal... ..meço o efeito de grupo de acordo com o que ele acrescenta de obscenidade imaginária ao efeito do discurso. (...) ...A presente observação sobre o impossível do grupo psicanalítico é ao mesmo tempo o que nele funda, como sempre, o que é real. Este real é a própria obscenidade: portanto, "vive" como grupo ⁴".

Obscenidade é um termo retirado do latim, com diferentes origens etimológicas dependendo das versões. Embora as que tiveram mais sucesso sejam aquelas que o fazem provir de *Ob* e *Caenus*, algo como *por causa do dejetto*, ou de *Ob-scaenus* (no sentido de que só numa cena se pode representar o que não pode ser dito), parece que o uso do termo, mais antigo que as versões citadas, refere-se a um mau augúrio, ao que não deve ser visto, ao que traz mau presságio.

Para além das diferentes versões sobre os efeitos de aparecimento e desaparecimento do "s" e do "ae" no *obscaenus*, creio que as três versões falam da emergência do real na cena, daquilo que não tem imagem ou símbolo, e, portanto, não deveria encenar-se.

“Essa vida de grupo”, continua Lacan, “é o que preserva a instituição dita internacional e o que tento proscreever na minha Escola ⁵”.

¹Lacan, J. “*Carta de dissolução*”, em *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 320.

²Lacan, J. “*Decolagem*”, 11 de março de 1980.

³Lacan, J. “*O Aturdido*”, em *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 475.

⁴Lacan, J. “*O Aturdido*”, em *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 476.

⁵*Ibidem*.

Pois bem, em 1964, quando fundou sua Escola, Lacan anunciou que “o grupo constituído por escolha mútua segundo o ato de fundação e que se chamará cartel apresenta-se para minha aprovação com o título do trabalho que cada um se propõe levar adiante.”⁶

Um pouco mais adiante afirma: “No início da psicanálise está a transferência... pela graça daquele que chamaremos... o psicanalista ... Está no início. Mas o que é? a transferência por si só constitui uma objeção à intersubjetividade: a refuta, é o seu obstáculo: nenhum sujeito pode ser suposto por outro sujeito”⁷.

“O ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito a outro pela via de uma transferência de trabalho”⁸, afirma também em seu “Ato de fundação”. É esta transmissão de um sujeito a outro que requer um laço, colocando em jogo os três termos do título desta intervenção: transferência, trabalho e laço. Mas qual o laço dos analistas numa Escola?

Este é o ponto impossível numa Escola de psicanálise: o agrupamento entre analistas.

Chegando-se ao final da análise, este produz “*unaridades*”, modos singulares de enfrentar, saber, metabolizar o gozo de cada um, agora sem as inibições que se perpetravam nos sintomas e que com a identificação ao sintoma deixam de se dirigir ao Outro para desdobrarem-se com os outros, com menos peso sobre o sujeito.

Como então podemos esperar que os analistas se agrupem, que desistam das suas satisfações em nome do coletivo?

Muitas vezes o real, a obscenidade, põe-se em jogo na cena da Escola, talvez com mais frequência nas diferentes áreas monolíngues da nossa comunidade internacional, porque o gozo lida com o particular de cada *língua*, e sem que, às vezes, seja levado em conta em outros contextos linguísticos. Possivelmente a criação dos Cartéis de Escola Internacionais e Bilíngues tenha um bom papel nisso, apoiando a ideia lacaniana de estabelecer princípios “limitadores” ao estrutural dos grupos.

É assim que propõe em sua “proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” os “limites”, inclusive numéricos, do cartel. Tomemos estes princípios em seu último desenvolvimento, em março de 1980, em “Decolagem ou descolamento da escola”.

*“Lanço a causa freudiana”, explica no texto, “e restauro em seu favor o órgão de base retirado da fundação da Escola, ou seja, o cartel, cuja formalização, tendo em conta a experiência, afino. (...) Primeiro- quatro se escolhem, para continuar o trabalho que deve ter seu produto. Esclareço: produto próprio de cada um e não coletivo. (...) Segundo- A conjunção dos quatro ocorre em torno de um Mais-Um que, embora seja qualquer um, deve ser alguém. Ele será responsável por zelar pelos efeitos internos da empresa e provocar sua preparação. (...) Terceiro- Para evitar o efeito de cola, a permutação deve ser realizada no prazo estabelecido de um ano, no máximo dois. (...) Quarto – Nenhum progresso deve ser esperado, exceto a exposição periódica a céu aberto tanto dos resultados quanto das crises de trabalho. (...) Quinto - O sorteio garantirá a renovação regular dos pontos de referência criados para a vetorização do conjunto”*⁹.

Esses cinco pontos mostram um a um os limites numéricos que Lacan propõe para aquele pequeno grupo que é o cartel. Parece-me que todas as considerações de um cartel ampliado ou de um grupo extenso excedem totalmente as limitações do cartel, que em 1980 segue sendo considerado por Lacan o “órgão de base” da Escola.

Que laço podemos nos proporcionar para a tarefa de coletivizar-nos em uma Escola e não morrer na tentativa?

Dos dois primeiros discursos estabelecidos por Lacan, o do Mestre e o da Universidade, não podemos esperar grandes coisas. São discursos condizentes com a massa freudiana e de forma alguma preveem algo distinto da obscenidade. Por outro lado, o discurso analítico, que é apenas entre dois, analista e

⁶ *op. cit.*, pág. 241.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *op. cit.*, pág. 242.

⁹ Lacan, J. “D’Ecolagem”. 11 de março de 1980.

analisando, não permite um agrupamento entre analistas, pelo que promove, justamente: a unaridade como destino: a *diferença* absoluta.

Estamos imersos no capitalismo, uma mutação do discurso do Mestre em que “somos todos proletários”, sem mestre a quem recorrer. E o único laço que resta, tendo em conta que o real do capitalismo é “não há laço social”, em consonância com o real do discurso analítico: “não há relação sexual”, é o discurso histérico.

Temos alguns exemplos de grandes históricos, como Sócrates, que “só sabia que nada sabia”, ou Hegel, o do “saber absoluto”, e um último “histérico perfeito”, Jacques Lacan, interessado, além da sua “*unaridade*”, no sintoma do outro, que o levou a esta prática da psicanálise por um lado e a “pensar a psicanálise”, tarefa para a qual fundou e dissolveu a sua Escola e depois fundou o seu Campo: a causa freudiana.

Embora possamos ler no texto de Jacques Adam sobre o cartaz, no site da EPFCL, que o discurso histérico é apropriado em uma Escola de psicanálise, na medida em que é um discurso cujo produto é um saber, Colette Soler nos esclarece sobre essas questões em seu curso “O que é que faz Laço?” de 2011-2012.

Nele ela propõe a ex-sistência do analista como fora da humanidade, e se apoia para isso na *Nota italiana*, onde Lacan afirma: “Só existe analista se esse desejo lhe advier, que já por isso ele seja rebotalho [rébut] da dita (humanidade)”¹⁰.

Neste mesmo texto afirma a existência de um “*laço secreto entre o grupo e a análise, e é isso que o grupo de analistas é exigido pelo Discurso Analítico*”¹¹.

Em 1975, em seu seminário RSI, Lacan aborda a terceira identificação freudiana, a identificação com o objeto (a), como aquela propícia ao desejo histérico e, portanto, aquela que conviria no laço entre analistas¹². Lemos no curso de Colette Soler: “*Ao mesmo tempo, ao lado do discurso comum e do grupo obscuro, ... o “nó social” possibilitado por esta identificação histórica, que é a identificação participativa no desejo do outro, regulada pelo que é no centro do nó: o objeto (a)*”¹³.

Em seguida, ela intitula seu próximo desenvolvimento sob o título: “A escola da histeria”, onde desenvolve a diferença entre as históricas freudianas, que encontrariam como resposta de Freud o seu “não há relação sexual”, e as históricas lacanianas, relativas ao dizer de Lacan “*Há do Um*”.

Essas históricas, analisantes trabalhadoras, poderiam dar um novo impulso à produção do saber analítico. “*Concluo: só o laço “histérico” é capaz de fundar um laço de Escola original*”¹⁴.

Sete anos depois, em 2019, no seu curso “Retorno à Função da Palavra”, refere-se às comunidades analíticas como “*agregados*” de “*duas vezes dispersos*”. Por um lado, “*dispersos desagregados*” pelo inconsciente, e também, duplamente dispersos pela solidão do ato. Assim, não estabelecem um laço social, mas apenas “*uma vizinhança de unidades separadas*”¹⁵.

Esses agregados que se estabelecem quase automaticamente nos grupos analíticos e que fundam alguns Uns minúsculos, são um efeito estrutural da transferência. Mas adverte que outra coisa é promovê-lo por meios obscuros, sejam eles quais forem, sobre os quais afirma: “*Parece-me tão errôneo quanto o pensamento único e ainda mais hipócrita. Em todo caso, a Escola é feita também para ir contra esse efeito desde a origem, e não apenas porque Lacan o diz, mas porque a primazia da invenção do cartel indicava que esta não pode, nem deve, sustentar qualquer transferência de trabalho*”¹⁶.

¹⁰Lacan, J. “Nota Italiana”, em *Outros Escritos*, op. cit., pág. 313.

¹¹Soler, C. “O que faz Laço?”, curso do Paris Clinical College 2011-2012, Edições dos fóruns de língua espanhola, p. 108.

¹²Lacan, J. O seminário, livro 22 RSI, inédito. Lição 10, 15 de abril de 1975.

¹³Soler, C. “O que constitui um laço?”, Op. cit., pág. 109.

¹⁴Ibidem., pág. 112.

¹⁵Soler, C. “Retorne à função da palavra.” Edições de fóruns de língua espanhola. Dobras, 2020, pág. 230

¹⁶Ibidem., pág. 232.

Para finalizar, gostaria de citar algumas palavras que Montserrat Pallejà lembrou em nossa rede de e-mails F8 e que me parecem muito pertinentes nos tempos que vivemos em nossa comunidade local. Citou Beatriz Zuluaga em Wunsch 14, onde ela nos convida a “*estar atentos para não sermos surpreendidos um dia como aconteceu com Lacan, quando foi a própria psicanálise que foi finalmente expulsa de sua Escola pelo próprio real que a constitui*”¹⁷. "

Tradução: Lia Silveira

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

ÉTICA DO DISCURSO

Colette Soler

Partamos deste ponto: a psicanálise, levada pelo desejo do psicanalista, visa ao reconhecimento da singularidade por cada analisante. Eis uma "dessas coisas que eu menciono e que importam e que serão massivas, uma vez que se tome consciência delas"¹, e que de fato chegamos a discernir em uma psicanálise. Que ele saiba o que não sabia de sua "diferença absoluta", que ele é um "esparso disparatado". Essa singularidade é uma das versões do "Há d'Um" de Lacan. No entanto, o analisante já era um esparso disparatado antes disso se revelar, pois isso não é uma conquista da análise, é o destino de todos os falantes, um efeito de linguagem que nós verificamos e que se manifesta principalmente na repetição como uma necessidade. De fato, isso está lá desde o início do tratamento em manifestações clínicas muitas vezes típicas que sustentam a demanda. É que nós somos todos particulares desse universal que é efeito de linguagem, mas nós somos não-todos da mesma maneira, isso é singular para cada um, de acordo com o que foi, na história de cada um, a diacronia do efeito de linguagem. Basta dizer que o que o analisante ganha quanto à sua diferença absoluta está no nível do discernimento, do saber adquirido. Adquirido não sem a interpretação, já que, uma vez que o desejo que se significa pela fala da demanda transferencial não pode se designar nessa mesma fala, é preciso uma outra fala, a da interpretação. Isso não faz de forma alguma uma ética da singularidade, mas do laço. E há quem questione a operação analítica.

De todo modo, é fácil verificar que em todos os textos de Lacan que se referem à ética - de início, implicitamente, desde a FCPL², depois, explicitamente, no seminário *A ética da psicanálise* - todos a situam como uma ética do laço. Não pode ser de outro modo, já que a psicanálise é um discurso, um laço ordenado a partir do psicanalista em função de causa. Que um dos dois atores consiga cernir aí sua singularidade, eis um benefício do que se opera nesse laço, mas a ética desse laço é a ética de sua operação.

É assim em todos os laços estabelecidos, ordenados em discursos, já que a ética é relativa ao discurso de que se serve. Essas éticas se formulam, vale lembrar, com verbos no infinitivo que não se conjugam e deixam de lado os pronomes pessoais. A ética do discurso do mestre e da Universalidade, no fundo, é a de fazer andar em frente, mas a do psicanalista não é o inverso, ou seja, deixar cada um andar em seu próprio passo. Isso se obtém, mas é apenas um benefício da psicanálise - vejam a "Carta aos italianos" - e Lacan produziu seu próprio infinitivo: bem dizer.

Haveria uma relação entre essa ética e o fato das singularidades, sejam elas desconhecidas ou desveladas?

¹⁷Zuluaga, B. "A Escola, ainda", em Wunsch 14, pág. 15.

¹Abertura da sessão clínica de 5 de janeiro de 1977.

²Função e Campo da Palavra e da Linguagem

Bom, eu creio que a ética do bem dizer se tornou necessária justamente pelo fato da singularidade irremediável dos falantes. Só que quando Lacan avança sua definição de "diferença absoluta", não está tudo dito sobre a singularidade dos seres de fala. O infinitivo "bem dizer" é tardio em seu ensino. Ele não podia ter sido produzido antes dos anos 70, após *O aturdo* e sua conceitualização do dizer em sua diferença dos ditos, dos enunciados languageiros que representam o sujeito. É aí que encontramos, a partir dessa data, o uso do termo "o falar", que substantiva o verbo *a contrário* dos usos do francês. "Que se diga fica esquecido...". Esse "se" se refere ao universal dos falantes que somos, ele exclui toda diferença, a do sexo, bem como a das estruturas clínicas. Mas o modal do verbo (ele não escreveu que o dizer fica esquecido), o modal do verbo indica que esse dizer enquanto proferido é "momento de existência", é sua expressão. Ele é emergência que ex-siste à linguagem, acontecimento, portanto contingente, e daí resulta sua imprevisibilidade tão opaca quanto insondável. Esse acontecimento se manifesta em fenômenos numa paleta que vai do mutismo às maneiras diversas de dar a voz, ele é... Como dizer? Como o primeiro sopro, o princípio dinâmico, o motor. Essa manifestação da singularidade pura, radical, não é aquela suposta no Seminário XI, que é atravessada pelo significante. Eu falei sobre isso no final da Convenção. Essa pura singularidade do dizer preside todos os ditos, mas não há como dizê-la por si mesma, todas as proposições gramaticais vêm com ela, mas ela não tem proposição. É esse impossível que funda, digo, que torna necessária, a ética do bem dizer, sem a qual não há como cernir "a falha" - expressão de Lacan - a falha no saber do inconsciente, que é essa singularidade pura.

Só se pode dizer que ela não é tranquilizadora. Vizinha de um narcisismo absoluto que dispensa qualquer espelho, tanto o do estádio do espelho quanto o espelho do Outro refletido nos outros. O que certamente explica o quanto ela fascina os neuróticos quando eles chegam ao fim de seus percursos, eles que foram tão alienados a esses dois espelhos e descobrem enfim que eram não-todos apanhados nesses espelhos. No que nomearíamos agora como comum, que deveria se escrever em duas palavras, o como Um, que o discurso corrente preside, o narcisismo da singularidade se ordena em uma curva de Gauss, que vai do monstruoso ao genial, falo do gênio da criação, passando pela gama de todas as insignificâncias possíveis, que não reduzem em nada o poder disruptivo da singularidade. Daí o imperativo do laço social. Lacan não dizia sobre a singularidade que ele reconheceu do Seminário XI, que ela está fora dos limites da lei, onde apenas ela pode viver? Bem dizer, então.

Bem dizer.

O laço que se instaura pelo bem dizer, evidentemente, não é qualquer um. O bem dizer não é o bem dito, não é o belo dito, tampouco o bem escrito. Esses três produzem efeitos semânticos e eles não necessitam um outro presente, eles se bastam de um outro imaginário, na direção do qual se pode de fato cultivar o bem dito, o belo dito e mesmo o belo escrito. O bem dizer não funciona senão com os dois do par analítico, motivo pelo qual Lacan diz que a ética da psicanálise se faz a dois. Ele formulou na ocasião "ética do analista", mas é porque sem ele não há psicanálise, o que não impede que ele mesmo esteja à mercê do analisante. Sobre esse ponto, vejam o discurso à EFP. É que o bem dizer não é sujeito, ele não é nem do analisante, nem do analista, ele é o produto dos dois dizeres em jogo em uma análise, ele se situa na conjunção... O que nos leva de volta ao que eu evoquei como ética do procedimento.

Só há o mais por dizer que responde ao não é o suficiente, escreve Lacan. Paradoxo para o discurso comum. Essa fórmula é a das injunções-por-dizer que pesam sobre o analisante sem considerar a quantidade do já-dito. Diga, ainda... O que justifica isso? Ela se funda no fato de que não há limites para a articulação dos ditos. Lógica dos números inteiros. Sua infinidade só pode se resolver em outro lugar, não no registro dos ditos, mas do dizer.

Do bem dizer nós esperamos, portanto, efeitos que não são de expressão, que não desagradam a paixão que tantos humanos colocam ao quererem se expressar. Não, o bem dizer age de outro modo. Ele satisfaz, ele faz o suficiente, efeitos suficientes que não são semânticos. E, se posso fabricar um neologismo

que condensa o efeito e o fazer, eu diria que ele éfeito³. Esse fazer, Lacan passou anos tentando concebê-lo como uma mudança estrutural, situável pela lógica ou pela topologia, uma mudança a partir da qual se distinguiriam o antes e o depois de uma análise. Em todo caso, na psicanálise, esse fazer do bem dizer, ao contrário de todos os outros discursos, escava "a falha" linguageira estrutural da singularidade do dizer puro. É nessa falha que pode se inserir o dizer, substantivo dessa vez, o dizer proposicional "a fazer existir" em uma análise a frase única que se infere de todos os ditos analisantes. O importante aqui é que esse dizer que fixa o ser de um falante, saber adquirido, esse dizer substantivo, não seria sem a fonte que é o Um-dizer ex-sistencial da singularidade absoluta, a-proposicional, "o Um-dizer que se sabe sozinho", fórmula Lacan. Eu já disse, sabia-se que Lacan nunca tinha sido verdadeiramente um estruturalista, mas foi aí que ele deu a chave da impossibilidade estrutural de qualquer ética da singularidade.

Apenas a colocada em ato da ética do laço, que é também uma ética do desejo, permite desvelar a consistência da unaridade de cada um. Na análise é preciso em cada caso, pela interpretação, visar não apenas o enigma desse desejo que não se pode dizer, mas também - e ainda mais - se deparar com o objeto que determina esse desejo... É sobre ele que porta a interpretação - não a interpretação daquilo que se diz, mas da demanda transferencial. Sobre esse ponto, vejam o posfácio do Seminário XI. Ele diz "a demanda a ser interpretada", isso não designa os múltiplos ditos da demanda de um analisante, mas seu dizer único. Um só dizer da demanda a não ser esquecido em uma análise. Interpreta-se, portanto, o desconhecido inapreensível do desejo que corre nos ditos pelo que requer o dizer da demanda, pelo que ele quer "obter", que é um *quantum* de gozo. O objeto *a* substantificado em mais-de-gozar, que faz a unaridade do sujeito a-substancial, seu centro de gravidade e sua consistência. É a resposta linguageira ao *Che vuoi?*

Ainda é preciso aí o que Lacan chamou de "o falar", que faz com que sua filha não seja muda. No fundo, sob o nome de desejo, em última instância, em uma análise procuramos desvelar isso que é o motor do falar e do agir desses seres de fala que somos, isso pelo que, quaisquer que sejam seus sintomas, eles se mantêm nessa vida de falantes, que não é só a de um organismo biológico, mas um dinamismo de uma subjetividade.

Tradução: Beatriz Chnaiderman

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

CONCLUSÕES

CONCLUSÃO 1ª MESA

Cathy Barnier

Conforme Colette Soler apontou em sua apresentação na Jornada de Escola desta terceira Convenção Europeia, esse título é um tanto surpreendente quando se considera a desintegração dos laços e o impulso para o individualismo produzido pela dominação cada vez mais dura do discurso capitalista, mas também

³ A autora joga com as palavras francesas "effet" e "fait", respectivamente "efeito" e "feito". Ela soletra: "dirai il éffait, e, 2f, a i t".

para nós que praticamos a psicanálise depois de termos experimentado e comprovado, no tratamento/cura, nossa solidão como o preço de nossa singularidade.

Pois, no que nos diz respeito, surge uma questão em segundo plano: o que leva um analisante - no final ou após seu tratamento/cura, quando acaba de perceber essa solidão estrutural e de se separar de seu analista – a juntar-se a uma Escola de psicanálise?

É, portanto, o imperativo do vínculo social... na Escola que se pôs a debatê-lo nessa Jornada.

Na primeira parte, Anastasia Tzavidopoulos, Bernard Toboul e Elynes Barros tentaram responder a essa pergunta cada um a seu modo, mas notei que os três enfatizaram o papel e a importância de uma outra relação com o saber, tornando necessário esse laço com a Escola.

Para Anastasia, é o imperativo subjetivo de se apresentar ao passe que responde ao imperativo do laço social na Escola, ressaltando assim a proximidade do laço entre o passe e a Escola. Pois, para ela, era uma questão de testemunhar a passagem em seu tratamento/cura da solidão como afeto inicial para a solidão como traço que se escreve.

Pois, se a relação não pode ser escrita, a solidão se escreve, depois de ter sido escrita em um apelo vão endereçado ao Outro durante o tratamento/cura; "Essa solidão que se escreve aparece lá onde o saber inconsciente não responde mais", ela nos diz, esse saber que deu consistência ao ser. Essa ruptura de saber torna-se uma ruptura do ser quando o afeto inicial é transformado em traço de um outro saber que se escreve, proporcionando assim a satisfação epistêmica do fim. A escrita, sem a qual não é possível questionar esse saber advindo do efeito de linguagem, como ela nos lembra com precisão a partir de uma citação de Lacan.

Atrever-me-ia a usar o neologismo epistêmico, para designar este impulso de pôr à prova este saber, de dar-lhe consistência, endereçando-o à Escola?

Na introdução da Jornada, Elynes Barros, nova AE, também testemunhou acerca dessa solidão como desfecho lógico do fim do tratamento/cura após se separar do significante “irmã” e de tudo o que ele comandava de gozo e de colagem à aversão/a versão do Outro materno. Este consentimento à solidão e o fato de ter conseguido cernir sua causa, foi para ela a oportunidade de um novo laço com a Escola, como, repito as suas palavras, “uma comunidade onde podemos partilhar o que não é comum”.

Ao contrário de Anastasia, Bernard Toboul parte do laço social como sendo estrutural e opta por questionar o laço que o inconsciente engendra. O inconsciente, com seu desejo edípiano assassino e seus impulsos sexuais destrutivos, o que fez Freud dizer, dirigindo-se a Ferenczi: “para nós, analistas, nada que seja inumano nos é estranho”. Não estamos muito longe do que Lacan¹ disse a propósito do analista fundar sua garantia no encontro com a porcaria que pode suportá-lo... Elynes, em sua intervenção também evocou, à sua maneira, essa parte "inumana" com a besta imunda que ela deu à luz em um sonho.

Bernard Toboul deu-nos, portanto, a sua resposta às questões: como é que os analistas, advertidos do inumano, se viram com o laço da transferência ou como a política do inconsciente é formulada e como o discurso do analista responde a ela? os efeitos desta resposta dizem respeito à relação com um saber que, ao contrário daquele visado pela política, não apenas não constitui a totalidade como nos impede de querer buscá-la.

Tradução: Miriam Ximenes Pinho-Fuse

Revisão: Gláucia Nagem de Souza

¹ “Até a análise, o caminho do conhecimento sempre foi traçado no de uma purificação do sujeito, do *percipiens*. Muito bem! Nós, nós dizemos que fundamos a garantia do sujeito em seu encontro com a porcaria que pode suportá-lo, com o *a* minúsculo do qual não é ilegítimo dizer que sua presença é necessária” (Lacan, J. “O campo do Outro e o retorno sobre a transferência”. In: *O seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 250).

CONCLUSÃO 2ª MESA

Marie-José Latour

Gostaria de ter conseguido propor para vocês um *haïku*, que ofereceria, em algumas sílabas melodiosas e eficazes, os ecos e as perspectivas da segunda mesa redonda de nossa manhã neste encontro de Escola.

Por um momento, pensei que o herói dessa terra, com uma silhueta tanto singular quanto universalmente reconhecida, Don Quixote de la Mancha, animado por uma força imperiosa de insurreição enodada a uma infatigável defesa do laço, gostaria muito de me dar seu apoio para esta sequência final.

Ousei esperar que o grande Baltasar Gracian¹, referência de Lacan durante todo o seu ensino, me inspirasse com um pouco dessa agudeza, uma palavra considerada intraduzível, sobre a qual ele escreveu um notável tratado, traduzido para o francês como *La pointe* ou *L'art du génie*, não o ponto da mente-espírito, mas sim o ponto do espírito.

Mas a boa sorte não acontece só porque se quer!

Marc Strauss nos conscientizou das muitas facetas do imperativo, seja ele o imperativo do acaso, o imperativo da lei, o imperativo do vínculo, o imperativo do superego, o imperativo da demanda ou até mesmo o imperativo da psicanálise. O fato de não fazer parte de nenhum rebanho não nos poupa de nos depararmos com esse imperativo universal, o do significante.

Mesmo que não se queira fazê-lo, *I would prefer not to*, ter que lidar com isso é insuportável.

Para o sujeito que deseja se expandir um pouco a partir desse mandamento do significante, seria mais interessante seguir o caminho do convite que Dominique Fingerman faz ecoar em Beckett: "Tente dizer". O significante comanda sem produzir a relação. Ao mesmo tempo, não é ele também que sinaliza irremediavelmente aquilo que não se liga, aquilo que resiste ao imperativo do laço?

Quando o objeto (a) está no comando, ele é obrigado a produzir uma margem, uma lacuna, um sopro!

Não há slogans, apenas alguns ziguezagues e relâmpagos para encontrar um caminho possível.

Portanto, gostaria de concluir minhas observações com uma citação de Dimitra Kolonia: "O que parece não é". O que parece... um imperativo, não é... um imperativo.

Mas a sorte ou a fortuna, dependendo do gosto de cada um, precisam enodar desejo decidido com o tempo necessário para que essa possibilidade surja, como disse Lacan nesse texto precioso para nossa Convenção, para "passar pelo buraco certo do que lhe é oferecido"².

Tradução: Viviana Venosa

¹ B. Gracian, *La pointe ou l'art du génie*, L'âge d'homme, UNESCO, 1983.

² J. Lacan, « Intervention à la suite de l'exposé d'André Albert », *Lettres de l'Ecole Freudienne* N°24, 1978.

ENCERRAMENTO. CONCLUSÃO 3ª MESA

Trinidad Sanchez-Biezma de Lander

O laço social gera por si impactos sensíveis. Freud em “Psicologia das massas” utiliza termos como *influência*, *domínio*, que se referem aos efeitos ou às ações que uma pessoa exerce sobre a outra. Estas palavras, reiteradamente utilizadas no texto, fazem supor que no laço social há sempre uma relação de poder em jogo, especialmente nos fenômenos de massa. Quando a *influência* recíproca não transcorre em harmonia Freud se pergunta: o que é então uma massa? O que confere a alguém a capacidade de influenciar tão decisivamente na vida anímica do indivíduo?

O espírito comunitário da sociedade, tão louvável e necessário, não desmente sua linhagem de base: a demanda de tratamento igualitário para todos. Há laço social a partir do momento em que se supera a relação dual narcisista. O laço fraterno, adequadamente transformado, é uma das saídas para o social; logo virão as amizades e as inimizades.

Porque em todo discurso que apela ao Tu, algo incita a uma identificação camuflada, secreta, que não é mais que essa com este objeto enigmático que pode não ser nada em absoluto, o (objeto) mais-de-gozar... (a pequena diferença). (Lacan 1971, p. 28)

Uma identificação camuflada, secreta que outorga uma identidade comum, o que por si, ou é uma contradição ou um impossível e que existe também como uma pretensa homogeneização dos modos de gozar como saldo dessa identificação, o que dá como resultado imediato a segregação de outros modos de gozar que, por serem diferentes, ficam de fora.

Só conheço uma única origem da fraternidade [...] é a segregação [...] na sociedade, tudo o que existe se baseia na segregação, e a fraternidade em primeiro lugar. Nenhuma outra fraternidade é concebível, não tem nenhum fundamento [...] o menor fundamento científico, se não é por estarmos isolados juntos, isolados do resto. Trata-se de captar sua função, e de saber por que é assim. Mas, enfim, salta aos olhos que é assim, e fingir que isso não é verdade deve causar forçosamente alguns inconvenientes. (Lacan, 1969-70, p.107) Esta tese procede da leitura por parte de Lacan do último mito freudiano: Totem e Tabu.

É excluído, quer se queira ou não, aquele que não participe, de uma maneira ou de outra, nesta economia de bens...Esta exclusão geralmente é acompanhada de outra: aquela do mundo das palavras e dos intercâmbios simbólicos, em todo caso, no marco dos discursos dominantes. (Askofaré, 2012, p.155)

A segregação é fundamentalmente a do laço social, diria mais, de seu empuxo e de seu imperativo. Martine dizia que: *“O desejo sem fundo, insatisfeito por natureza, que é seu motor, impulsiona uns em direção aos outros, em uma espera sempre decepcionada, esta também por sua natureza, mas finalmente impulsiona, faz laço, circulação, intercâmbio...”*

Este laço social supõe o desejo de um desejo, e conduz cada um/uma a desaparecer sob um desejo comum agalmático, “uma repercussão infinita do desejo no desejo”. Diz Lacan em 1965 (p. 184)

O que fazer com isto? Mesmo aceitando o que assinala Jean Paul Sartre, *o inferno são os outros*, creio que se pode dizer que Lacan tinha a ideia de que a psicanálise devia fazer algo com esse insuportável, inumano. Não o insuportável dos outros, mas de si mesmo, o insuportável que me habita: *circumscrever a causa de seu horror, o dele próprio, destacado do de todos, o que deveria levá-lo a saber que é um rebotalho...Não há analista se este desejo não advém...reforça Manel tomando Lacan na Nota Italiana.*

Sabemos que não existem, dizia Colette há pouco...*limites à articulação dos ditos. Sua infinitude só pode ser resolvida em outra parte...no registro do dizer...o que funciona no par analítico. O bem dizer não é sujeito, é produto.* Trata-se de uma ética relativa ao discurso. Relativa à palavra que faz ato e modifica o sujeito em sua relação com o real. Não é um belo dizer literário, não é oratória nem retórica, é uma posição a partir da qual se diz, se enuncia. É a essa posição que se chega em uma análise.

Término quando no Seminário 16 Lacan recorda o Eclesiastes para tratar o incurável, ao tomar *as palavras de um velho rei que não via contradição entre ser o rei da sabedoria e possuir um harém. Sem dúvida, tudo é vaidade, goza da mulher que amas [...] Ou seja, faz uma aliança desse oco, desse vazio que está no centro do teu ser. Não existe próximo, a não ser, esse mesmo vazio que há em ti, teu próprio vazio.* (Lacan 1968-69, p.25).

E com esse vazio, que é onde o sintoma não há deixado de inscrever seu pathos e onde o sintoma advém como nó, sempre se poderá fazer algo para que se ajitem com o incurável, de si e dos outros. Diante do irreduzível do mal-estar na cultura, a via do bem dizer se abre como possibilidade. O grito de Munch ou a Guernica de Picasso, são exemplos, no meu entender, da possibilidade de fazer algo com isso que é da ordem do indizível.

Bem-vindos a Madrid.

Bibliografia.

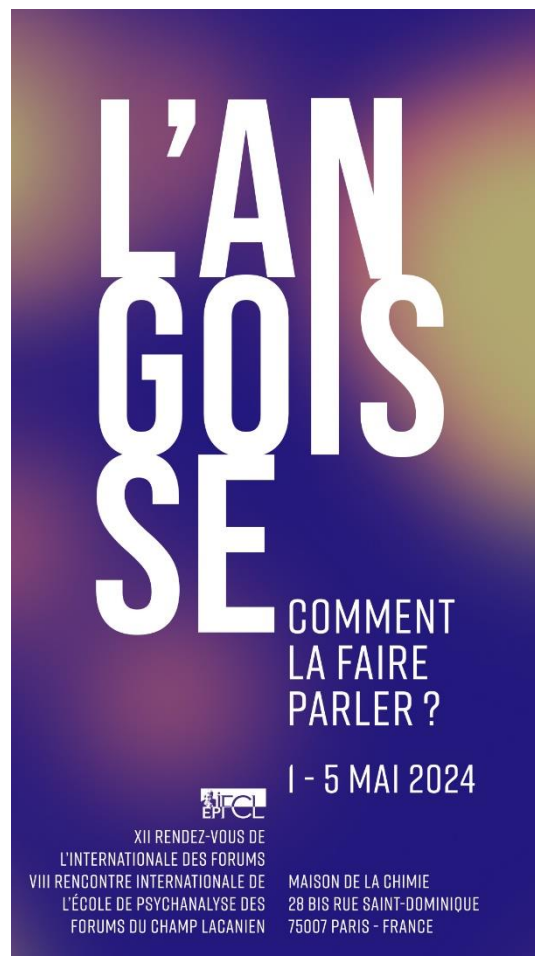
- Askofaré, S. Clínica del sujeto y del lazo social. 2012. Bogotá: Gloria Gomez Ed.
- Freud, S. Psicología de las masas... Obras completas Amorrortu. Tomo 18.
- Lacan, J. (1968-69) Seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- Lacan, J. (1969-70) Seminario, livro 17. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992.
- Lacan, J. (1971) . Seminario: livro 18. De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar E., 2009.
- Lacan, J. (1964-65) Problemas cruciais da Psicanálise, lição de 03/03/1965, Versão de circulação interna do CEF de Recife,
- Menes, M. O que se move. Intervenção no Encontro de Escola da III Convenção Europeia. Madri 2023.
- Rebollo, M. Transferência, trabalho e laço. Intervenção no Encontro de Escola da III Convenção Europeia. Madri 2023.
- Soler, C. Ética do Discurso. Intervenção no Encontro de Escola da III Convenção Europeia. Madri 2023.

Tradução: Guilherme Mola

Revisão: Glaucia Nagem de Souza

.

EVENTOS POR VIR



4ª Meia-Jornada de Cartéis da Escola
Intercontinentais e Bilíngues do CAOÉ

14 de setembro de 2024

Por videoconferência

Advir analista e o ato analítico

VI Simpósio Interamericano
dos Fóruns do Campo Lacaniano
4 – 6 de julho de 2025, Buenos Aires.

“O analista e o clínico”

Jornada de Escola

4 de julho de 2025

Tema: a definir pelo CIG 2025-2026

IV Convenção Europeia
12 - 14 de julho de 2025, Veneza, Itália

“O sintoma na psicanálise”

Jornada de Escola

Organizada pelos membros europeus do CIG

12 de julho de 2025

“O passe: experiência e testemunhos”

Wunsch 24 foi editada pelo CIG (2023-2024), através da comissão de Wunsch composta por: Carolina Zaffore, Dominique Fingerhann, Ricardo Rojas e Pedro Pablo Arévalo, com a colaboração de Anne-Marie Combres, Rebeca García, Diego Mautino, Glaucia Nagem de Souza e Susan Schwartz, responsáveis pelas equipas de tradução.

AGRADECIMENTOS

O CIG 2023-2024 agradece afetosamente a todos os colegas de todas as línguas que contribuíram com o trabalho de tradução. Sem esse importante esforço coletivo, seria impossível publicar periodicamente nossos debates de Escola e, assim, vivificar sua dimensão internacional.

Tradutores em língua francesa

Anne-Marie Combres, Lina Puig, Magali Raynaud, Martina Blatché, Sophie Rolland-Manas.

Tradutores em língua espanhola

Alejandro Rostagnotto, Ana Alonso, Francisco Santos, Mikel Plazaola, Pedro Pablo Arévalo, Pepa Cabrillas, Rebeca García.

Tradutores em língua portuguesa

Andrea Hortélio Fernandes, Beatriz Chnaiderman, Beatriz Oliveira, Daniele Guilhermino Salfatis, Elynes Barros Lima, Glaucia Nagem de Souza, Lia Silveira, Leonardo Assis, Luciana Guareschi, Luis Guilherme Coelho Mola, Maria Cláudia Formigoni, Míriam Ximenes Pinho-Fuse, Sheila Skitnevsky Finger, Tatiana Carvallho Assadi, Viviana Senra Venosa, Gabriela Simão Monteiro.

Tradutores em língua italiana

Cristina Tamburini, Diana Gammarota, Diego Mautino, Francesca Velluzzi, Isabella Grande, Laura Milanese, Maria Domenica Padula, Maria Luisa Carfora, Maria Rosaria Ospite, Michele Ribolsi, Nicola Tonetti, Susanna Ascarelli.

Tradutores em língua inglesa

Chantal Degril, Daniela Avalos, Deborah McIntyre, Devra Simiu, Diana Correa, Elisa Querejeta Casares, Esther Faye, Gabriela Costardi, Nathaly Ponce, Pedro Pablo Arévalo, Sebastián Báquiro Guerrero, Susan Schwartz.

SUMÁRIO

Carolina Zaffore (Argentina), *Editorial*.....p. 3

V JORNADA INTERAMERICANA DA EPFCL

«SINGULARIDADE, PASSE E LAÇO SOCIAL»

Ana Laura Prates (Brasil) / Alejandro Rostagnotto (Argentina), *Apresentação da Jornada*.....p. 7

1ª Mesa

Elynes Barros (Brasil, AE), *Desacontecimentos*.....p. 8

Constanza Lobos (Argentina, AE), *Um significante novo que abre ao real*.....p. 12

2ª Mesa

Stella Casanova (Panamá), *O passador: os afetos na experiência*.....p.16

Beatriz Oliveira (Brasil), *Efeito de Escola*.....p. 18

3ª Mesa

María Victória García (Brasil), *Uma idiota tentativa de dizer*.....p. 22

Gláucia Nagem de Souza (Brasil), *Antes eu lhe conhecia de ouvir falar*p. 26

JORNADA DE ESCOLA DA III CONVENÇÃO EUROPEIA DA EPFCL

«O IMPERATIVO DO LAÇO SOCIAL»

Mikel Plazaola (Espanha), *Abertura*.....p. 31

1ª Mesa

Elynes Barros (Brasil, AE), *Descolada*.....p. 34

Anastasia Tzavidopoulou (França), *Satisfações epistêmicas, entusiasmo efêmero*.....p. 39

Bernard Toboul (França), *A política do inconsciente*.....p. 41

2ª Mesa

Dimitra Kolonia (França, AE), *Crente sem religião*.....p. 43

Dominique Fingermann (França), *O laço apesar de tudo*.....p. 48

Marc Strauss (França), *As chances do laço*.....p. 51

3ª Mesa

Christèle Suc (França, AE), *Do passo a dois à não há dois*.....p. 54

Martine Menès (França), *O que formiga*.....p. 59

Manel Rebollo (Espanha), *Transferência, trabalho e laço social*.....p. 62

Colette Soler (França), *A ética do discurso*.....p. 65

Conclusões

Cathy Barnier (França), <i>Conclusão 1ª mesa</i>	p. 67
Marie José Latour (França), <i>Conclusão 2ª mesa</i>	p. 69
Trinidad Sanchez-Biezma (Espanha), <i>Conclusão 3ª mesa</i>	p. 70
EVENTOS POR VIR.....	p. 73
Agradecimentos aos tradutores.....	p. 75